

MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL AGRÍCOLA NA CONSTITUIÇÃO DO IF GOIANO



Gustavo Oliveira Mendes
Juliana Cristina da Costa Fernandes

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS
DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
AGRÍCOLA NA CONSTITUIÇÃO DO IF GOIANO**

SUMÁRIO

PARTE I – Campus Urutaií.....	3
CAPÍTULO I: TRANSFORMANDO MENTALIDADES.....	4
CAPÍTULO II: VERTICALIZAÇÃO E INCLUSÃO.....	20
CAPÍTULO III: DICOTOMIA ATENUADA.....	38
PARTE II – Campus Ceres.....	48
CAPÍTULO IV: UM PROJETO QUE DEU CERTO.....	49
CAPÍTULO V: REPUTAÇÃO REFORMADORA.....	63
PARTE III – Campus Morrinhos.....	79
CAPÍTULO VI: DECRETO TERRÍVEL.....	80
CAPÍTULO VII: PLURALIDADE E DEMOCRACIA.....	99
PARTE IV – Campus Rio Verde.....	125
CAPÍTULO VIII: POLÊMICAS.....	126
CAPÍTULO IX: MÃO NA MASSA.....	138

PARTE I

Campus Urutai



Fonte: Arquivo do IF Goiano - Campus Urutai.

CAPÍTULO I

TRANSFORMANDO MENTALIDADES

“Foi a grande oportunidade de um pai colocar um filho na escola, para ele formar-se em um profissional capaz de voltar a sua origem e ser agente de mudança.” (Professor A).

[PROFESSOR A]

Idade: 73 anos
Experiência no IF Goiano: 34 anos
Localidade de atuação: Urutáí

Como aluno, eu comecei em janeiro de 65, no Colégio Agrícola de Januária e estudei em 65, 66, 67, 68 e concluí o curso Ginásial Agrícola, que recebia o título de Mestre Agrícola. Tendo em vista na época, o responsável pela Educação Profissional na Diretoria de Ensino Agrícola do Ministério da Educação e Cultura, o professor Veleda (ele na época que formava os alunos), eles escolhiam os cinco alunos mais dedicados, ou melhor, os cinco alunos que tiveram melhores médias e mandavam para as escolas agrícolas... ou para as escolas que tinham o "Técnico Agrícola". E Januária só tinha o curso para Mestre Agrícola, na época. Então, eu fui um dos cinco escolhidos e eu tinha opção de ir para Barbacena, para o Colégio Agrícola de Barbacena, Minas Gerais, e tive também a oportunidade de escolher outro, que era o Colégio Agrícola de Aplicação de Brasília-DF.

Então, eu comecei... como mudou o ano agrícola, para que os alunos participassem da preparação do solo, dos tratos culturais, das colheitas e do armazenamento dos produtos agrícolas... porque eles mudaram o ano agrícola para começar em agosto... eu comecei em agosto de 69, em Brasília, e estudei em 69, 70, 71 e 72. Em maio de 72, eu fui formado como técnico agrícola e após essa formação, eu me especializei na metodologia: Sistema Escola-Fazenda.

E depois disso, nós fomos trabalhar... tinham cinco lugares que nos foi oferecido: duas vagas na região Nordeste, outra na região Norte e duas no Centro-Oeste. Eu e o professor Geraldo Silva do Nascimento fizemos a opção de irmos para Urutáí. E a gente fez uma entrevista e teve também questionamentos e umas provas para classificação, para que nós pudéssemos ser contratados. Na época, era contratação e muitos participaram. E tiveram cinco que foram classificados para essas regiões, sendo que aí poderiam vir para qualquer uma delas. O MEC que procedeu essa classificação.

E de depois disso, eu optei por Urutáí. Então, eu vim para Urutáí, em primeiro de julho de 1972. Primeiro, eu comecei como professor pró-tempore e depois, após concurso, ingressei como servidor, professor de

Zootecnia Geral e Especial. Continuando, eu implantei os três setores na escola de Urutaí. Na época, quando eu cheguei tinha... era também o Ginásial, eram só quatro séries e eu implantei o Setor de Zootecnia, que ele subdividiu em “Animais de Pequeno Porte”, “Animais de Médio Porte” e “Animais de Grande Porte”. Ou seja, era Avicultura na Zootecnia 1, Apicultura e Piscicultura, foram os projetos que nós implantamos na época.

E inclusive, na Avicultura, nós exploramos “Avicultura Postura” e “Avicultura Corte”. Esses dois projetos, na época, foram o maior sucesso, o povo, a comunidade foi... como se diz, despertou tanto interesse de todo mundo da comunidade, e principalmente os produtores iam lá conhecer, porque não tinha na época, nós fomos históricos, foi uma implantação histórica. Nós passamos para a Zootecnia 2, que era “Animais de Médio Porte”. Nós entramos, ou melhor, fizemos projeto e fizemos a implantação de Suinocultura, e nessa época, nós começamos com as raças *Hampshire*, *Duroc* e *Landrace*. Essas foram as raças que nós implantamos na época. Ah e mais uma: *Pietran*, que era conhecida como “Quatro Pernis”.

E o que é que acontece? Por eu ter vindo de Brasília, o meu professor de Zootecnia, o professor Ricardo, lembro como hoje... eu liguei para ele, e ele doou esses animais, e ainda foi buscar num caminhãozinho da escola e trouxemos. Então, esse primeiro foi até doação lá do meu ex-professor, que era o responsável do setor lá.

Também, nós fizemos projetos de Caprinocultura e Ovinocultura. Construímos aprisco, na época rústico, com participação dos alunos... e... Zootecnia 3: “Animais de Grande Porte”. Esses animais de grande porte, nós começamos com vacas comuns, que na Zootecnia, nós chamamos de SRD (Sem Raça Definida). Eu fiz também um apelo para o Colégio Agrícola de Barbacena, que tinha criação de Holandês e consegui dois reprodutores holandeses... E aí, eu fiz um acasalamento... um acasalamento com as nossas vacas comuns. Eu procedi... F1 (1^a filiação), F2 (2^a filiação), F3 (3^a filiação), F4 (4^a filiação). F4 já era, para as fêmeas, considerada “pura por cruza”. E F5 (5^a filiação), pelo fato do macho contribuir mais pela formação do rebanho e para que desenvolvesse mais a genética e a formação do rebanho... no F5, nós formamos também, os machos. As vacas que davam um litro de leite, nós chegamos a 15 litros, na Zootecnia de grande porte. E isso tudo com a participação dos alunos e que nós vamos chegar lá no Sistema Escola Fazenda, que eu vou detalhar depois.

Aí, tinha também Equinocultura, nós também tínhamos os equinos. Então, após muitos, muitos anos de professor, eu fui nomeado,

ou melhor, designado para chefe do SPA: Seção de Projetos Agropecuários. Além de professor de Zootecnia... Eu orientava, acompanhava e monitorava e avaliava, e ainda dava o retorno nos projetos que estavam assim... precisando de haver um reforço. Esses projetos, tanto eram da Agricultura 01, Agricultura 02 e Agricultura 03. Na 01, era Horticultura e Jardinocultura. Na 02 (dois) eram Culturas Anuais, que eram o feijão, arroz, milho etc.... E na 03 (três), já eram Culturas Perenes: os citros, o bananal. Isso tudo com a participação do aluno...

Bom, então eu fiquei como chefe do SPA e esses projetos seriam financiados pela cooperativa e os alunos participavam. Os alunos da 1^a, 2^a, 3^a e 4^a série. Eu, também, fui o fundador da Cooperativa de Urutaí, onde seriam financiados esses projetos. A hora que eu chegar no Sistema Escola-fazenda, eu vou tratar lá...

Bom, com esse meu desenvolver, com essa minha dedicação ao longo desse tempo de professor, eu fui designado para ser diretor substituto. Eu iniciei essa função de diretor substituto, cuja diretora era Dona Sônia. Continuando como professor e resumindo, eu fui o diretor substituto de cinco diretores. Pra não detalhar, primeiro foi Dona Sônia e o último foi o Sr. Pedro. O anterior foi o Júlio... foi o Dr. Fausto e... professor Francisco. O último foi um nissei; professor Pedro Hiromasa Osawa. Bom, e mesmo como substituto, continuei como chefe do SPA.

Bom, seguindo... eu fui convidado para ser diretor geral, na época do Sr. Pedro. Em 1986, eu fui nomeado como diretor-geral da Escola Agrotécnica Federal de Urutaí. E continuei na direção... Depois, a Escola Agrotécnica Federal de Urutaí foi a primeira a implantar a reforma da educação profissional, no Brasil, e serviu como referência para as demais instituições. A partir desse marco histórico, eu participei também da reforma da educação profissional, em todas as escolas agrícolas. Eu presidia o grupo de trabalho, formado só por pedagogas, as melhores, escolhidas por região. Eram quarenta e duas pedagogas, que foram escolhidas criteriosamente, uma por cada região, para formar o grupo de Trabalho designado pelo MEC, que na época, tinha como Ministro o professor Paulo Renato de Souza. E a gente escolheu... e eu, presidindo. Depois, quando nós fomos aumentando o trabalho, nós formamos subgrupos. Mas isso depois, são detalhes...

Eu fiquei, durante essa época, como diretor e também fiz o meu... completei a minha formação. Eu fiz o curso de professor, de Licenciatura em Ciências Agrícolas, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com habilitação em Zootecnia, Geral e Especial, Agricultura Geral e Especial e Administração e Economia Rural. E seguindo, eu fiz o

mestrado na mesma Universidade, na área de concentração de Produção Agrícola. Também fiz estágios na Universidade de Buenos Aires (UBA) e na Escola Nacional de Formação de Professores (ENFA), em Toulouse, na França. E continuando na escola, eu, procurando sempre me aperfeiçoar, atualizar e me qualificar, fiz inúmeros cursinhos de qualificação e fiz oito pós-graduações.

As oito pós-graduações que fiz foram: Sistema Escola-Fazenda em Brasília-DF, Produção de Ruminantes, Produção de Aves e Suínos, Informática em Educação, Administração e Economia Rural na Universidade Federal de Lavras, em Minas Gerais, Administração Escolar em São Paulo, Desenvolvimento e Gestão da Educação Profissional na Universidade Estadual de Oklahoma, nos Estados Unidos, e também, o mestrado na área de Produção Agrícola, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Dentro desse período, eu atingi as escolas na reforma da educação profissional e teve... nós começamos o Curso Técnico Agrícola em 1978. E aí nós introduzimos cursos superiores. E esses cursos superiores foram: “Sistema de Informação” (que foi na minha época, que nós criamos); e o de 1999, “Tecnólogo em Irrigação e Drenagem”, que foi o primeiro curso superior que nós criamos na época. E em 2004, eu aposentei em definitivo. A escola passou por transformação...

Pois é, a Escola Agrícola, ela passou para Escola Agrotécnica Federal, porque isso aí, se eu não me engano, foi em 1978. E lembro como hoje, o Doutor Lamounier, que era o coordenador geral da COAGRI, lançou um concurso para a nomenclatura das escolas e esse concurso... houve a professora Dita, lá do Rio Grande do Sul que ganhou o nome Escola Agrotécnica. Tinham “n” nomes... ela é que ganhou esse prêmio, pelo nome Escola Agrotécnica Federal.

Depois de Escola Agrotécnica Federal, eu também implantei Morrinhos, como UNED e depois de Escola Agrotécnica, nós tivemos o CEFET. “Cefetizamos” a escola, e se não me engano, foi em setembro de 2002 ou 2003. Se não me engano. Então “cefetizamos”. Eu aposentei na realidade foi em 1998. Quando foi outubro eu fui eleito... Não, eu fui eleito foi antes e depois aposentei, fiquei mais quatro anos como diretor, depois veio a transformação, que foi um momento de legislação híbrida... Porque os diretores que estavam não podiam sair, tinha que passar essa transição, adequação para poder sair. Eu fiquei até, se não me engano, 2004, onde eu saí mesmo, definitivo.

Foto 01: Instalações de Agricultura da EAFUR.



Fonte: IF Goiano – Campus Urutaí.

As razões que me fizeram ingressar na Rede (*Rede Federal de Educação Profissional*); duas principais eu posso citar: primeira, eu como pessoa de família humilde, meu pai era um produtor rural, mas o poder aquisitivo era baixo. Eu não teria condições econômicas para continuar estudando numa instituição particular de educação. Esse foi um dos principais motivos. E a outra, é que eu já era vocacionado, sou vocacionado... eu já tinha essa vocação, na propriedade meu pai e eu gostávamos. E meu sonho era estudar em escola agrícola, fazer um curso profissionalizante, inclusive na área de Zootecnia, como fiz.

Eu avalio que, de modéstia à parte, eu fiz um bom trabalho, exercei a mesma atividade com dignidade, com honestidade e com competência. E resumindo, eu hoje tenho a minha consciência tranquila do dever cumprido. (*Sobre como avalia seu trabalho na Rede*).

Eu, durante o meu período de professor, de gestor, eu vivi muitas experiências importantes, mas a que me deixou marcas indeléveis foi a “cefetização” da Escola Agrotécnica Federal de Urutaí. (*Sobre a experiência mais marcante*).

A Rede faz parte da minha história. Eu com... praticamente 50 anos de Rede, desde aluno a consultor da UNESCO e do PNUD, sobre a Rede. E nela eu aprendi muito. Ela faz parte da minha vida e me fez crescer, contribuiu na minha vida de um modo geral. Eu, hoje, sou muito grato a Rede pelo que ela fez e mudou na minha vida. (*Sobre a Rede Federal de Educação Profissional*).

Eu contribuí como educador, transformando mentalidades, pessoas que chegaram sem nenhum pregar e, até mesmo nos costumes, principalmente os alunos do internato. E eles saíram verdadeiros profissionais, com competência, habilidades e preparados para enfrentar o mundo do trabalho. Além disso, eu não fiquei somente na Escola Agrotécnica Federal de Urutaí e no CEFET. Fui também designado pelo ministro da Educação para fazer parte da reforma da educação profissional, que nós temos um capítulo na LDB, dos três níveis: básico, técnico e tecnológico. E eu trabalhei em todas as Escolas Agrotécnicas sobre a reforma, ajudando, não só Urutaí, não só Goiás, mas o Brasil como um todo. (*Sobre suas contribuições para o Ensino Profissional no IF Goiano*).

Ah, são muitos. (*sobre os principais desafios do IF Goiano*). Eu, quando comecei a trabalhar, principalmente na parte de professor, a gente, muitas vezes, tinha dificuldades financeiras para fazer grandes projetos, o que nos levava à criatividade. Como eu tinha até citado antes, nós construímos apriscos, com os próprios alunos, construímos pocilga rústica, com os próprios alunos e, procuramos fazer de tudo para que nós pudéssemos dar ao aluno, aquilo tudo que ele precisava para se tornar um ótimo profissional.

Nós também, já como gestor, um dos grandes desafios foi levar asfalto para a escola. Porque era difícil demais, quando atolava o carro no caminho, era uma dificuldade grande. Então, esse asfalto foi um grande desafio e eu consegui. Além do asfalto, construímos piscina semiolímpica, sauna, pista olímpica, ginásio de esportes e área de esporte e lazer. Também reduzimos o internato para adaptação dos quartos em apartamentos para quatro alunos. Também fizemos e deixamos muito bem montada uma academia com aparelhos modernos, sendo a primeira Escola Agrotécnica no Brasil que contou com uma

academia funcionando com o acompanhamento de um professor de educação física. Tudo isso, dentre outras atividades, para melhorar a qualidade de vida dos nossos alunos do internato.

Outro desafio: dentro da escola era difícil até para andar de carro. Eu consegui, com a minha equipe, porque ninguém faz nada sozinho, construir uma fábrica de tela, construir uma fábrica de bloquete, alambrados e postes e calçamos a escola, com ajuda do servidor, do aluno e nós, todos juntos, por amor à escola, todos ajudaram, inclusive também, o professor Aníbal, era o professor de Construção e Instalação e fazia dessa fábrica uma verdadeira aula, preparando o aluno para, também, o mundo do trabalho, porque ninguém sabia o que ele ia encontrar lá fora.

E também, houve convênio das prefeituras ajudando nesse calçamento. Outro desafio muito importante: o primeiro curso da América Latina foi implantado em Urutaí, em 1999; o curso de “Tecnologia em Irrigação e Drenagem”. Outro desafio: nós implantamos o curso de “Sistemas de Informação”.

Continuando, tivemos também convênios com as prefeituras, colocamos ônibus noturno normal, ônibus da região trazendo aluno à noite. Implantamos cursos noturnos, que foi outro desafio que nós tivemos... E também nós procuramos resumir nisso aí, que foi muito importante, nós fizemos um planejamento estratégico para dez anos. E isso foi o nosso foco, que orientou o nosso caminho, nas atividades meio e fim.

Foto 02: Servidores da EAFUr acompanhando obra de infraestrutura.



Fonte: IF Goiano – Campus Urutaí.

Primeiro passo (*sobre o desenvolvimento da EPT na história do IF Goiano*): estudo de demanda. Os APL's locais, regionais; porque nós fizemos um trabalho, levantando a vocação da região, para que nós pudéssemos elaborar cursos em que houvesse vinculação e interação com os anseios da comunidade. Feito esse estudo de demanda compatibilizado, surgiram os cursos e, disso nós partimos para elaboração de um Projeto Político Pedagógico. E nesse projeto, nós criamos os cursos nos níveis básico, técnico e tecnológico. E também, verticalizamos para graduação e pós-graduação *Lato Sensu* e *Stricto Sensu*.

A Escola Agrotécnica Federal de Urutai, antes era Fazenda Modelo. Ela foi criada para atender, principalmente, os filhos dos pequenos e médios produtores que não tinham condições de estudar fora daqui. Então, a razão principal foi essa. E o processo ocorreu por pleito da comunidade, inclusive também, com ajuda de políticos, que em memória temos o ex-deputado Benedito Vaz. E assim, seguiu a sua verticalização como se encontra hoje. (*Sobre a criação da Escola Agrícola de Urutai*).

Houve uma necessidade da comunidade e para atendimento dos alunos carentes, porque antes ele estudava duas séries, e na transformação eles iam estudar as quatro séries em regime de internato, que aí atenderia mais a classe socioeconômica da região. Essa foi uma das principais razões, juntando esses motivos, juntando essas justificativas, porque ocorreu o processo. (*Sobre a transformação da EAU em Ginásio Agrícola*).

O perfil socioeconômico e cultural dos alunos era baixo. A escola atendia, na sua totalidade, alunos pobres e carentes que os pais não tinham condições de colocá-los para estudar em escola particular. Então, esse perfil socioeconômico que levou o aluno a vir estudar na escola, porque tinha apoio, estudo gratuito, comida gratuita e, muitas vezes, até uniforme gratuito. Portanto, isso aí é que levou os alunos a estudarem, que construiu o perfil desses alunos. E houve uma estratégia

que o governo precisava, justamente, criar essas escolas para atender alunos desse perfil socioeconômico e cultural. (*Sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrícolas*).

Bom, nós tínhamos a parte de cultura geral e a parte de cultura técnica. Na parte de cultura geral, nós tínhamos Matemática, Português, Geografia, História, dentre outras. E na parte da cultura técnica, tínhamos as disciplinas técnicas. Assistindo a técnica, é que nós tínhamos Zootecnia Geral e Especial, Agricultura Geral e Especial, tinha Economia Rural, Administração Rural, Cooperativismo, Agroindústria, Infraestrutura Rural... E compunham assim, o projeto pedagógico do ensino profissional: parte teórica e prática. Ou seja, acadêmica também e técnica.

Na parte acadêmica, havia as partes práticas nos Laboratórios de Química, Física e também, na parte técnica, havia as aulas práticas nos setores. Setor de Produção... que nós chamávamos de Unidade Educativa de Produção. As Unidades Educativas de Produção, nós tínhamos na Zootecnia, na Agricultura e na Agroindústria. Assim, formava o currículo e depois, passou também a formar em blocos de disciplina... é, depois... (*Sobre a integração entre teoria e prática no currículo e no ato pedagógico*).

Esse processo, ele ocorreu por necessidade de verticalizar os cursos nas escolas. Porque nós começamos de escola agrícola, com dois anos de escola, depois passou para quatro, nas agrícolas, e aí a necessidade de ter o Técnico em Agropecuária, que aí foi mais três anos. Então, essa transformação se deu mais para atender esse “plus” do Ginasial para o Técnico Agrícola. Foi a razão principal, porque o aluno teria que fazer também o Curso Técnico Agrícola ou Técnico Pecuário, para já ser um profissional, para enfrentar o mundo do trabalho. (*Sobre a transformação das Escolas Agrícolas em Agrotécnicas*).

Bom, nesse período, aconteceram muitos fatos na sua história. Mas uma coisa que me chamou atenção, que vale a pena citar, foi a profissionalização do curso técnico, inclusive nas escolas particulares. Porque isso... tinha escola sem nenhuma infraestrutura e fazia inclusive desenho de um animal, dizendo: “Ah, esse aqui é isso, isso aqui é

aquilo..." e mostrando as partes. Então, essa obrigatoriedade do curso profissionalizante em todas as escolas não foi bem-sucedida, tanto é que foi revogada. Agora, nos demais processos, ele continuou normal. Com mais, assim... um curso mais rígido, com mais disciplina, mais exigente, nesse sentido de autoridade. (*Sobre a Educação Profissional durante o Regime Militar*).

Bom, o modelo Escola-Fazenda é uma concepção pedagógica que se sustentava na filosofia: "Aprender a fazer e fazer para aprender.". Isto é: no momento da aula, o professor, por exemplo, ele dava uma aula de Ezoognósia... e Ezoognósia é o estudo do exterior dos animais domésticos. Ele mostrava todas as partes do animal, todas: cabeça, tronco, membros... Quando o aluno recebia essa preleção, isso é "aprender a fazer"; o professor que fazia. O "fazer para aprender", o segundo momento, entrava o aluno. O aluno seria avaliado, o que ele aprendeu.

Ou seja, toda prática o professor fazia primeiro, depois o aluno ia fazer. Então isso é o que quer dizer essa filosofia. Mas essa filosofia é mais que tudo isso. Essa filosofia não pode deixar de buscar sua história. Ela veio importada da América Central, da Costa Rica e um grupo de brasileiros, de professores de vários lugares do país, do ensino agrícola, capacitaram nesse sistema. E aí eles trouxeram, importaram essa metodologia.

E eu me sinto um privilegiado, porque quando esse grupo veio, eu fui um dos alunos e especializei no Sistema Escola-Fazenda. Resumindo, o que significa o sistema Escola-Fazenda numa Escola Agrotécnica, ele tem, ou melhor, tinha na época: L.P.P.; significava Laboratório de Prática e Produção. Nesse laboratório, eram desenvolvidos todos os projetos agropecuários e industriais da escola, bancado tudo com verba da escola. Era, vamos dizer, o laboratório de aprendizagem do aluno. E tinha o P.A.O. (Programa Agrícola Orientado). Esse era o... vamos dizer, eram os projetos dos alunos: ou agrícola, ou zootécnico ou industrial. E esse, continuando, tinha o Cooperativismo, que fazia parte. Então tinham esses dois laboratórios, o P.A.O. e o L.P.P. (Laboratório de Prática e Produção) e o Programa Agrícola Orientado.

Quando os alunos desenvolviam os projetos no L.P.P., eles elaboravam projetos com os professores de cada área específica. E a cooperativa tinha um orientador, que era o responsável pela cooperativa. E tinha... era uma instituição... era institucionalizada, tinha presidente,

toda diretoria e o orientador. E aí, a cooperativa financiava os alunos do primeiro, segundo e terceiro ano.

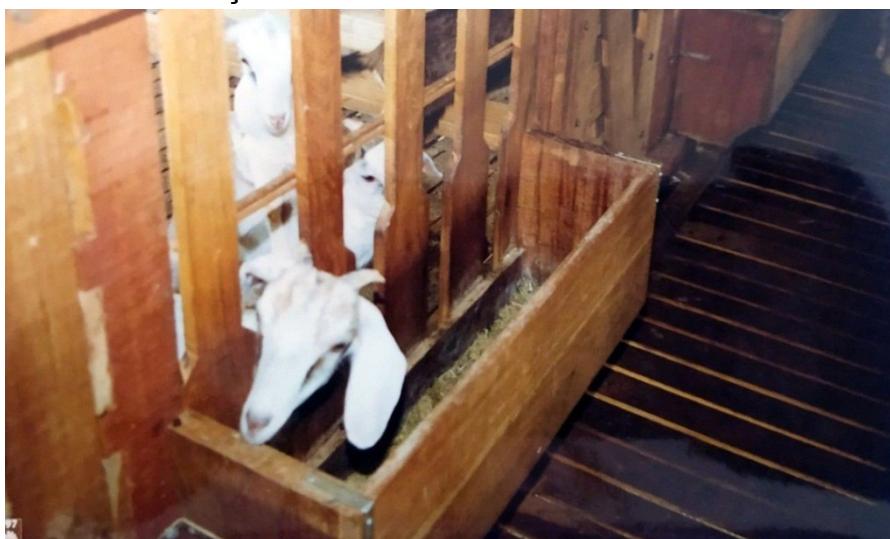
Esse financiamento, para os alunos do terceiro ano, ele tinha 100% do salário-mínimo. Os alunos do segundo ano tinham 90%. E os alunos do primeiro ano, 80%. E quando formava grupos e esse grupo se dividia em subgrupo. Enquanto os alunos estavam trabalhando, estavam aprendendo, e ao mesmo tempo que aprendiam, eles eram remunerados. O aluno ganhava pelas suas atividades, que eram controladas em caderneta de campo, pelo grupo, pelo chefe do grupo dos alunos, em horas. Para transformar no final, em horas, mesmo aprendendo essa mesma prática, ele contabilizava. Porque nessa época, um período era no campo e o outro na parte teórica, nas acadêmicas.

E no final do mês, esse crédito ele recebia em insumos, para explorar seus projetos no P.A.O. E esses produtos seriam vendidos, através da Cooperativa. E no fim, seria rateado entre os cooperados. E isso aí, com o tempo, eles achavam que houve uma... que estava havendo muito assim... paternalismo e acabou, já acabou.

Mas a concepção do Sistema Escola-Fazenda era essa: o aluno tinha um período na manhã, de prática e, um período de teoria, à tarde, nas salas de aula. Quando era no segundo semestre, o aluno invertia. E esse Sistema Escola-Fazenda, ele trouxe, na sua época, uma importância imensurável, na formação desses profissionais. Eles saiam realmente preparados da escola, para poder enfrentar o mundo do trabalho, com competência, com destrezas e com habilidades.

E com esses alunos, na época, era “formava e empregava”, porque eles saiam bem preparados com essa concepção pedagógica. Mas com o tempo, esse projeto... essa concepção pedagógica foi substituída pela outra concepção pedagógica: “Formação por Competência”. Mas em resumo, o Sistema Escola Fazenda é isso: ele, os seus pilares... é isso: L.P.P., P.A.O., cooperativa e salas de aula. Eram os quatro pilares que sustentavam o Sistema Escola-Fazenda em todas as Escolas Agrotécnicas do país.

Foto 03: Instalação de Zootecnia da EAFur.



Fonte: IF Goiano – Campus Urutai.

A COAGRI era a Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário. A importância da COAGRI foi... uma marca histórica, porque a COAGRI, nessa coordenação, tinha como coordenador o Dr. Oscar Lamounier Júnior, que melhorou a infraestrutura das escolas, deu apoio nas escolas, visitava-as com sua equipe técnico-pedagógica e fazia um acompanhamento bastante importante para que houvesse uma retroalimentação do processo. Mandava a equipe pedagógica, a equipe administrativa para acompanhar e... acompanhava o planejamento estratégico, inclusive olhando seus pontos fortes, seus pontos fracos e procurando melhorar os fracos com o *feedback*.

O perfil socioeconômico dos alunos, via de regra, era de um poder aquisitivo baixo. Os pais não tinham condição para que os alunos estudassem em escolas particulares. E além disso, ele tinha também sua origem rural. Os alunos vinham da Zona Rural e, filho de produtores rurais pequenos, muitos desses só tinham chácara, e muitas vezes, filhos de peões, que vinham estudar na escola. Enfim, esse perfil socioeconômico era baixo. Foi a grande oportunidade de um pai colocar um filho na escola, para ele formar-se em um profissional capaz de voltar a sua origem e ser agente de mudança. E por que dessa forma? Por que esses alunos, eles teriam um perfil que enquadraria neste tipo de escola, principalmente, pela necessidade das famílias formarem e ter

um filho instruído, formado para exercer a sua profissão. Caso contrário, não tinha condição de formá-lo. (*Sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrotécnicas*).

Muitas (*sobre quais foram as contribuições do PROEP*), eu tive a oportunidade de ter o PROEP aqui na nossa escola, porque nós conseguimos uma boa verba e com a vinda do PROEP, foi onde melhorou a situação, a infraestrutura da parte pedagógica, onde foram construídas as Unidades Educativas de Produção. Por exemplo, na Zootecnia 01, foi construído o curral e área de confinamento, foram construídas salas de aula, foi construído apartamento no próprio setor para o aluno acompanhar o seu projeto e, como esse exemplo que eu citei no estábulo, aconteceu na Zootecnia 03, na 02, aconteceu na 01, aconteceu na Agricultura 01, na Agricultura 02, na Agricultura 03 e também na Agroindústria, que nós, inclusive, construímos até frigorífico e laticínios com a verba do PROEP.

Ele foi muito importante para a formação dos alunos, com essa parte de infraestrutura e também, para a capacitação dos professores. Porque ele contribuiu nisso, também. O PROEP deixou sua marca histórica e muita contribuição de todas as instituições federais de Educação Profissional para, justamente, melhorar o processo ensino-aprendizagem.

Olha, isso aí eu tenho que contar a história que aconteceu (*sobre a importância da Uned Morrinhos para Urutai*). Com as Escolas Agrotécnicas Federais, que eram em torno de 40 e poucas escolas, foram criadas duas Uned (Unidades Descentralizadas de Ensino). Uma foi lá no Paraná, em Dois Irmãos e a Uned de Morrinhos, ela ia ser Escola Agrotécnica Federal, mas como houve aquela proibição de expansão... Então para que a Uned funcionasse, eu recebi do Sr. ministro da Educação, uma determinação para que a Uned de Morrinhos funcionasse. E para isso acontecer, eu tive que fazer convênio com o governador do Estado, com o prefeito de Morrinhos e também, buscar doações com os criadores de matrizes bovinas, matrizes suínas e até mesmo avicultura e insumos para tocar os projetos.

Então, graças ao apoio da comunidade, do prefeito, na época, do governador, e também, dos funcionários daqui, que também trabalharam lá, dando apoio pedagógico e técnico, nós colocamos para funcionar a

Uned de Morrinhos. A importância dessa Uned, na realidade, foi para a comunidade de Morrinhos e região.

Ela revolucionou, porque lá o pessoal precisava de uma escola naquela região e os alunos foram atendidos a contento. A importância dela foi para Morrinhos e não para Urutai, porque Urutai era a escola mãe, e lá era Uned. Nós demos apoio para Morrinhos. Mais importante foi para a comunidade escolar.

Foi um grande impacto nessa “cefetização”, porque a escola, ou seja, a instituição abriu mais para a verticalização dos cursos. Foi o maior ganho que houve nessa transformação. Com a “cefetização”, podia dar mais oportunidade para as graduações, a pós-graduação *Lato Sensu* e *Stricto Sensu*, o que a Agrotécnica não daria. E para estrutura foi esse ganho de verticalização do ensino e que trouxe também, inclusive, maior interesse pela procura.

Com essa “cefetização” despertou essa nova cara do ensino. “Cefetizando”, houve assim... foi um impacto que todo mundo recebeu de bom grado e todo mundo ficou muito satisfeito. E, mais ainda, que eu posso lhe garantir, que na história da “cefetização”, já era previsto que o próximo passo era transformá-lo, ou seja, transformar o CEFET em Universidade Federal de Educação Tecnológica. Como todos os CEFETs estavam já na fila de espera para transformar, porque aí seria mais um ganho.

Então com essa transformação nós já estávamos perto de ser Universidade. É outro impacto que deu para o ensino, abrindo a oportunidade de transformá-lo em Universidade Federal Tecnológica.

A classe social dos alunos continuou a mesma (*sobre a classe social dos alunos dos CEFET'S*). Porque naquela mudança que aconteceu em agosto, se não me engano em 2002, os alunos eram os mesmos, com essa classe social. O nosso corpo discente, independente deles virem de vários estados, como nós vemos aluno aí de 17 estados, eles eram de poder aquisitivo baixo, de origem do meio rural, a maior parte filho de produtores, e que também só estudaram porque tiveram essa oportunidade de gratuidade e de boa formação profissional.

Por que dessa forma? Justamente, pelo fato de atender essa demanda que no Brasil ainda continua até hoje. Houve alguma... alguns alunos de classe média alta, mas o número é pequeno. A maioria ainda continua... tanto é que as antigas Escolas Agrotécnicas, que hoje

pertencem já ao Instituto Federal, que são os *Campi*, ainda mantém internato, inclusive para homens e mulheres. Como aqui mesmo em Urutaí, tem mulheres internas, porque eles não têm condição de formar numa escola particular. Isso ainda está na sua grande maioria. Falo isso com conhecimento de causa.

Foto 04: Medalha Nilo Peçanha – Condecoração dada pelo MEC ao Professor A.



Fonte: Acervo pessoal de Gustavo Oliveira Mendes.

CAPÍTULO II

VERTICALIZAÇÃO E INCLUSÃO

“[...] ainda desafio que nós fazemos um trabalho muito melhor do que as Universidades, com relação à inclusão social. Porque nós pegamos um menino com 13 anos e entregamos esse menino com uma certa idade, e às vezes, até com doutorado, verticalizando toda a vida desse menino. Então eu vejo que isso aí é muito importante, na formação de uma vida de um cidadão.” (Professor B).

[PROFESSOR B]

Idade: 48 anos
Experiência no IF Goiano: 21 anos
Localidade de atuação: Urutaí

Eu não aposentei, estou na ativa ainda, vou fazer 22 anos de serviço. Eu ingressei como aluno, na Rede... Eu ingressei em 1988, como aluno. Fiquei um período de três anos na antiga Escola Agrotécnica Federal de Urutaí e depois eu terminei e saí por um período em que cursei Agronomia, mestrado e doutorado, e retorno ao Campus dez anos depois, já como professor. Então, já entrei como professor. Somando esse período de aluno com o período de servidor, já estou com 31 anos de casa.

A minha entrada na Rede (*Rede Federal de Educação Profissional*) começou primeiro pela escolha do curso. Então, eu sou filho de pequeno agricultor, agricultor familiar, de uma região muito pobre do Brasil, que é a região do Norte de Minas. Sou oriundo daquela região.

E o que me motivou a fazer o curso técnico foi a questão da própria extensionista, da Emater. A propriedade do meu pai era muito visitada pela Emater. E era, apesar de ser agricultura familiar, de pequeno produtor, mas era uma propriedade modelo. Então a Emater usava aquela propriedade, a nossa casa, a nossa propriedade, para dar cursos para a região. Aí, identifiquei muito com os agrônomos. O agrônomo chegava em casa, era aquela pessoa simples que sentava no fogão, conversava com meu pai e minha mãe e aquilo foi muito atrativo. E tinha uma escola ao lado, a escola de Januária, a Escola Técnica de Januária. Mas a concorrência era muito alta, você tinha que ter um padrinho para entrar, e eu não tinha esse padrinho.

E aí optei por vir para Urutaí. Na verdade, eu fui para Viçosa... estudar em Viçosa... fui tentar em Viçosa, fazer o Coluni, lá em Viçosa. Um colégio que tem o nome da cidade, mas muito concorrido... na época deu 86 candidatos por vaga, para entrar lá dentro. Hoje, é um dos melhores do Brasil, inclusive a melhor nota do ENEM tá naquela escola. Aí não consegui... já sabia da escola de Urutaí, através do ex-diretor, o

Sr. Campos, que era da minha região do Norte de Minas... era de Itacarambi e de alguns alunos que ali formaram... fui conduzido através dele.

Aí o quê que acontece? Aí isso me motivou a vir para Urutaí. Vim para Urutaí na década de 1980, em 1988, e fiquei até o final de 1990. Formei em 1990 e fui embora. Então esse foi um dos atrativos, o de fazer o Curso Técnico em Agropecuária. E daí, eu verticalizei: Agronomia, mestrado e doutorado nessa área.

Como professor, eu finalizei (após eu ter terminado a graduação) a pós-graduação, mestrado e doutorado, e retornoi ao Campus Urutaí, em 1998. Então, eu fiquei um intervalo de dez anos ausente do Campus, estudando... eu voltei em 1998, para o Campus Urutaí. Aí já era Escola Agrotécnica. Então, eu entrei como Escola... eu fui aluno de Escola Agrícola, ingresssei como Escola Agrotécnica e acompanhei todas as transformações da Escola Agrotécnica para CEFET. Como eu saí e verticalizei, fui um aluno que sobrevivi de bolsa. Fiz o Técnico Agrícola e fui para a graduação, depois mestrado e doutorado e fiquei esse período todo de bolsa. Comecei a ter gosto pela pesquisa, pela docência, e por toda a área de ensino e aí tive a oportunidade de ir para outras instituições do Brasil. Eu passei na Paraíba... em Areia, na Paraíba.

Mas como eu conhecia o Campus de Urutaí (era o Campus em que eu formei), acreditava naquele Campus, eu retornoi na figura do professor, ingressando no Campus de Urutaí em 1998. E tive essa oportunidade naquela época, com a maior dificuldade, porque peguei um período muito ruim, vamos dizer assim, politicamente, de falta de incentivo na Rede nesse período, que foi no período do *FHC*. Aprendi oito anos.

Então, basicamente, a escola passou por uma fase que... falta de recurso... era basicamente... pagava a folha. Eu entrei naquela época, com poucos professores, com uma infraestrutura boa, mas que tinha muita coisa a ser melhorada. Mas acreditei na escola e acompanhei toda essa evolução.

Então, participei da abertura do primeiro curso superior. Eu entrei e fui o primeiro Doutor da Rede, na verdade fui o primeiro Doutor do IF Goiano, que era a antiga Escola Agrotécnica, não tinha a figura do Instituto. Mas eu acho que eu fui o primeiro de todos os Campus do Estado. E eu entrei com doutorado, com 28 anos. Era basicamente um menino.

E aí que a gente começou, nesse período, já pensando na transformação da Escola Agrotécnica à CEFET. E o antigo diretor, o professor Campos, muito visionário, queria buscar essa transformação,

para ter um curso superior na instituição. Pediu para nós criarmos o primeiro curso superior, que era um dos pré-requisitos para transformar Escola Agrotécnica para CEFET. Nós criamos Irrigação e Drenagem. Foi o primeiro curso superior que nós criamos.

Isso foi em 1999. Quando foi em 2002, ocorreu a transformação da Escola Agrotécnica para CEFET. Então, participei de todo esse processo. Era um quadro de poucos alunos. Você tinha aí, 400 alunos, mais ou menos. E isso, peguei uma fase, também... eu fui interno na escola, e no meu período, tinham 360 alunos internos. Só existia a figura do internato, não tinha um semi-interno. Você, para estudar em Urutáí, tinha que morar com todos lá dentro da escola. E aí, passou esse período do FHC, do Fernando Henrique Cardoso e isso acabou basicamente com o internato. Por vários fatores, falta de recurso e assim por diante.

Quando nós assumimos, nós abrimos o primeiro curso, participamos de toda essa transformação de Escola Agrotécnica para CEFET, e eu na figura de professor. Em seguida, abriu o primeiro curso superior na escola e fui o coordenador de curso. Fui almejando alguns setores e aí a coisa foi andando.

Foto 05: Professor Campos (à esquerda) reunido com servidores.



Fonte: IF Goiano – Campus Urutáí.

Eu comecei como coordenador de curso, naquela época não tinha um incentivo igual hoje que tem as funções de coordenações de curso, que você recebe por isso. Inclusive, eu fui coordenador do curso de Irrigação e Drenagem sem ganhar nada. Trabalhei por amor, mesmo e pela vontade de ver o crescimento da instituição.

Depois eu fui gerente, fui... recebia uma coordenação pequena, eu acho que FG-4 para assumir uma coordenação da parte do ensino, mas num período muito curto. Aí quando foi mais ou menos em 2007, eu fui convidado pelo atual diretor, que era o professor Donizete Borges, que foi ex-reitor, para eu assumir a fazenda da escola, que chama Gerência de Produção da Escola. Ali é onde que eu me projetei politicamente. Ali, eu fiz um belo trabalho, nós fizemos um trabalho. E aí foi onde o pessoal viu meu perfil, para eu almejar nessa carreira.

Então, hoje, estou como diretor há 11 anos, dentro da instituição. Meu mandato encerra agora em janeiro de 2020. Então, fui gerente da fazenda e depois o professor Donizete me convidou em 2008. No início de 2008, ele me convidou para ser vice-diretor. Com ele, nós conduzimos uma eleição, e nós fomos eleitos; eu fiquei como vice dele, e teve esse período de transição... dia 28/12, que houve a transformação de CEFET para Instituto. Foi, mais ou menos, dia 28 de dezembro de 2008. A lei 11.892 é que transformou CEFET para Instituto. E eu deixei de ser... ele era diretor, passou a ser reitor, nomeado pelo ministro, na época era o Haddad e eu fui nomeado a diretor-geral pelo período. Eu fiquei um período pró-tempore de nove meses.

Depois eu tive uma eleição tampão, teve uma eleição de um ano e meio e fui eleito. Na eleição de um ano e meio, fui candidato único e tive 98% de votos. Depois eu tive outro período de 2010... eu sei que foi nesse período de 2012, por ali... Eu tive uma eleição em que teve um concorrente. Eu fiquei com 75% e um colega meu ficou com 25%. Depois eu tive outra eleição em 2016 a 2020, que foi agora, no último mandato. Então, somando tudo, daria em torno de 11 anos que eu fiquei na gestão. Então, seria basicamente essa a minha trajetória dentro da carreira política.

E a gente... como que avalia... Eu avalio que para mim foi uma grande experiência, fantástica, até porque pegamos uma fase muito boa. Não sou partidário, mas pegamos uma fase do PT que o Campus que mais teve recurso no Brasil foi o de Urutaí. Nós construímos R\$42 milhões de obras e outros recursos que entraram lá dentro, então, assim... Acho que só na nossa gestão, foram mais de 30 obras: vários laboratórios que nós equipamos. Eu assumi a gestão com 712, 715

alunos, hoje eu estou com 2300 alunos. Iniciei a gestão com um curso superior, o de Irrigação e Drenagem e implantamos dez: Medicina Veterinária, Agronomia, Engenharia Agrícola, três licenciaturas, Química, Matemática, Biologia, dois de informática, um de alimentos. Hoje tem três mestrados, estão mandando duas APCN's, uma de doutorado e uma de mestrado em Medicina Veterinária.

Assumi a escola com 17 alunos internos, hoje estão com 360 alunos internos. Não tinha a presença de menina dentro da escola interna. Nós começamos com 14 meninas, estamos com 160 meninas. Inclusive, agora temos 79 menores, lá dentro. Então houve uma grande transformação... a escola de Urutaí, sem dúvida nenhuma, é um trabalho de equipe. Foi um trabalho de todos os servidores. A gente, mesmo na gestão, sabe que sozinho não faz as coisas. Então, equipe... inclusive a sua orientadora, a Juliana, ela participou comigo, participou da minha equipe, contribuiu muito para aquela instituição. Até, então, nós implantamos o Campus Avançado de Ipameri e ela à frente, e era ligada a Urutaí...

Portanto, eu avalio como muito positivo. E hoje a Escola de Urutaí é destaque em nível nacional e internacionalmente. Eu acho que é uma avaliação positiva. A gente é um dos Campi que faz um trabalho de inclusão social fantástico no Brasil. Tem 30 índios, quilombolas... Esse trabalho da assistência ao educando é referência no Brasil. Aí tem diversos convênios, vários projetos, realizamos convênios agora mesmo com a França. Tem um fórum com a França, Estados Unidos, dia cinco agora tem um fórum... Implantamos alguns projetos sociais que foi a ecoterapia, que hoje é destaque no Campus Urutaí, o Projeto Cães Guia... Então, são vários fatores que eu vejo como uma avaliação positiva desse âmbito. Por mais que se fala: "Pô, ficou onze anos", mas fizemos muita coisa no período desses onze anos. Então, eu avalio como muito positivo, esse período.

Eu vejo assim (*sobre a experiência mais marcante*)... uma é na figura de aluno, foi o momento em que eu cheguei na escola de Urutaí e me marcou muito. Só tinha o dinheiro da passagem para chegar a Urutaí, não tinha como eu voltar mais. Ficava um ano sem visitar a família e tinha que trabalhar nos finais de semana, para juntar um dinheiro para ir embora visitar a família a mil quilômetros, no Norte de Minas. Isso me marcou muito.

E também, naquele período, acho que marcou muita coisa positiva, a escola me ensinou muito. A questão do internato, da

convivência ali com 360 alunos de várias regiões do Brasil. Essa diversidade cultural, de raça, de muita coisa ajudou muito nessa formação. Acho que ali foi um pilar para que eu possa ter dado continuidade na verticalização do ensino. Isso me marcou.

Outra coisa que, já como professor... foram as primeiras turmas que a gente começou a dar aula, em 1998. Os meninos tinham respeito com o professor, tinham admiração, eram diferentes. Naquela época, a gente dava 40 aulas por semana, mas era muito mais gostoso do que hoje, pela produtividade dos alunos, pelo respeito, pelo amor, pelo carinho que tinham com a gente.

E outra coisa que me marca, já como gestor é a oportunidade que a gente deu para os alunos, os alunos internos... E algumas vezes, não foi só uma (eu já vou fazer dez, onze anos na gestão), na hora que você tá entregando o diploma para um aluno, ele te abraçar e falar: "Olha, cara, obrigado por eu ter formado, porque você oportunizou para nós, alimentação e a comida da escola". Esses meninos me marcaram muito e acabam marcando mesmo. Semana que vem, nós temos uma formatura: mil pessoas e cada formatura você tem um destaque de um aluno que chega e tem esse conhecimento de você. Acaba marcando a gente.

A Rede para mim é tudo, sabe? Muito importante na minha vida. E está sendo. Pela minha formação, pela minha oportunidade que eu tive de ter as minhas coisas. Hoje eu tenho família, patrimônio, graças a Deus, muito bom... E questão de aprendizagem, de oportunidade... Jamais, um menino lá do Norte de Minas ia ter a oportunidade de ter conhecido mais de oito países. Há pouco tempo eu estive na Austrália, no ano passado, representando o Brasil, onde estava no meio de 28 países. Além de ene oportunidades...

Então a Rede, ela continua dando essas oportunidades... eu tive a oportunidade de sentar com o Lula, de sentar com o Haddad, com o presidente da República, com o ministro e deputado, senador, a gente sentar na mesa. E isso foi graças a Rede. Se não fossem as oportunidades que a Rede me proporcionou, tanto na minha formação, como na minha construção de trabalho, hoje na gestão... eu sou muito grato e sou um grande defensor da Rede.

Eu acho que temos que ter políticas públicas de manter nessa Rede porque a Rede hoje é um diferencial na vida das pessoas. E faz um trabalho muito bonito e ainda desafio que nós fazemos um trabalho muito melhor do que as Universidades, com relação à inclusão social.

Porque nós pegamos um menino com 13 anos e entregamos esse menino com uma certa idade, e às vezes, até com doutorado, verticalizando toda a vida desse menino. Então eu vejo que isso aí é muito importante, na formação de uma vida de um cidadão.

Eu acho assim, primeiro, na figura de professor (*sobre suas contribuições para o Ensino Profissional no IF Goiano*)... a gente passou por um período ali como professor... de uma certa maneira, contribuiu pelo conhecimento que foi adquirido por toda essa trajetória da vida da gente, de formação, de graduação, mestrado e doutorado. Retribui isso para os alunos, da mesma forma que eu também consegui dos meus ex-professores.

E também na gestão, demos oportunidade para que esses meninos possam ter condição de aprendizagem. Por exemplo, hoje nas áreas dos cursos superiores, se a gente não tivesse essa vontade, essa garra para trabalhar, essa meninada teria que ir para Uberlândia, Goiânia, para outras regiões, para qualificar. Então, eu vejo que demos essa oportunidade, com infraestrutura, com quadro de professores. Eu assumi a escola com cinquenta e poucos professores, hoje eu estou com 132. De qualificação de pessoal, hoje no Campus de Urutai, tem quase 90% de doutores. Os técnico-administrativos são 110, e basicamente todos, até o final da minha gestão, vão sair com o mestrado.

Então acho que... houve essa contribuição na formação de pessoas e acho que nada melhor do que você investir em educação e capacitação, para que isso possa ir repassando para as futuras gerações.

Foto 06: 1ª Oficina Pedagógica em Urutáí.



Fonte: IF Goiano – Campus Urutáí.

(Sobre os principais desafios do IF Goiano). Nós criamos, em Urutáí, a galeria dos ex-diretores, pela memória, pela história, não pela vaidade. Eu já tive a oportunidade de conversar com ex-diretores muito antigos que falaram sobre a questão de infraestrutura, de qualidade, condições de trabalho, então acho que toda essa transformação até chegar hoje ao IF, teve algumas adaptações, dificuldades, limitações, tem algumas histórias de falta de recurso, de falta de pagamento dos servidores, mas hoje a gente está passando por uma fase bem já consolidada, vamos dizer assim.

Isso (sobre o desenvolvimento da EPT no IF Goiano) se dá desde o início... Então eu já citei o Nilo Peçanha, sou um grande admirador dele, até tem um auditório em Urutáí denominado de Nilo Peçanha. Acho que já veio desde essa época, com a questão de dar condições para o pequeno produtor, para o filho do agricultor. Ou mesmo, nem sempre era só agricultor que estudava na escola, mas eu acho que desde seu início que já vem essa... por mais que foi mudando de nomenclaturas, mas eu acho que já desde quando se iniciou as escolas agrícolas no Brasil, que vem esse trabalho... aí foi aperfeiçoando, depois

Escola Agrícola, Escola Agrotécnica, CEFET, e agora que pegou mesmo essa terminologia aí com os Institutos.

Hoje, é um pouco diferente, até então, o plano de carreira nosso com as Universidades, em função dessa verticalização. O professor EBTT, ele dá aula desde os FIC: os cursos técnicos, licenciatura e vai até mestrado e doutorado. Eu acho que isso, cada ano vem aperfeiçoando, mas não deixou de manter essa característica das ex-Escolas Agrícolas, Escolas Agrotécnicas e assim por diante.

O Colégio de Rio Verde foi criado em função do fechamento da escola de Urutaí (*sobre como foi criado o Colégio Agrícola de Rio Verde*). Eu sei um pouco da história, mas até recomendaria depois você procurar uma pessoa em Rio Verde, o seu Valdomiro, que eu falo que é a memória viva desse momento. Ele acompanhou esse momento.

Então, tem uma diferença de idade, Urutaí está com 67 anos e Rio Verde, hoje, está com cinquenta e alguma coisa. Então, a abertura de Rio Verde se deu pelo fechamento de Urutaí. Inclusive, tem um ex-diretor em Urutaí, o professor Francisco, que veio e foi a pessoa indicada pela antiga COAGRI, através do MEC, para abrir de vez ou fechar Urutaí. E ele veio e abriu. Eu falo que é um desbravador da Rede, no Brasil. Ele reabriu Urutaí, depois ele foi abrir escolas em Colorado do Oeste, Rondônia, abriu em Cáceres, Mato Grosso, abriu em Araguatins, e abriu a Escola Técnica de Tocantins.

Então é uma pessoa que, eu sou um grande admirador. Ele é uma pessoa que tem uma memória fantástica, tá um cara ativo, ainda.

Naquela época (*sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrícolas*), não tinha um critério igual, a gente tinha alunos de todos os níveis. Eu convivi na escola de Urutaí, na Escola Agrícola com pessoas muito ricas, filhos de produtor muito rico, e com gente muito pobre. Então não tinha um critério. Era mais ou menos assim: alguém ligava para o diretor e ele atendia.

Eu acho que o critério hoje é mais justo, na minha visão. Porque, hoje, você tem, como critério, uma renda per capita de até um salário e meio. Naquela época, não; tinha gente que o pai tinha não sei quantas mil vacas, não sei quantos alqueires de terra. Às vezes, pela amizade de alguém, de um deputado que ligava, algum governador, o amigo do diretor e não sei quem, e assim por diante, entrava. Lá entrava o pobre e o rico.

Mas eu ainda falo que o maior percentual era de pessoas com a renda familiar baixa, na minha época. Apesar de que nós, naquela época éramos todos internos. Eram os 360, internos. Hoje, não. Mudou esse cenário, mas os internos, os 360 que nós temos hoje, o padrão é todo abaixo de um salário e meio. A maioria do nosso aluno está na faixa de 0,6, 0,7 salário-mínimo.

Nessa época (*período da origem das Escolas Agrícolas*), era diferente do momento atual. Naquela época, o aluno tinha uma maior vivência do campo à prática. Nós dividíamos... o primeiro ano você tinha aula de manhã, às quintas; Matemática do núcleo comum, e à tarde você tinha a disciplina Avicultura, uma semana, e na outra semana, você tinha Olericultura. E chegava no segundo ano, a mesma coisa. Só que aí você tinha Culturas Anuais e as do núcleo comum... você tinha as Culturas Anuais e Suinocultura. No terceiro ano, você tinha Bovino, tinha Sericultura e Fruticultura. Era mais integrado, era mais vivenciado no campo. Naquela época, até o lema era “fazer para aprender”... “aprender para fazer”, mais ou menos assim. Porque você convivia. A gente, além de ter muita aula prática, produzia para manter a escola. (*Sobre a integração entre teoria e prática no currículo e no ato pedagógico*).

Com relação a esse período (*período do Regime Militar (1964-1985)*), eu vejo assim: primeiro é questão de disciplina. Eu acho que... Eu peguei essa época, era muito disciplinado, muito respeito, muita norma, os alunos eram diferenciados.

Segundo, a organização... Apesar de que hoje, as escolas também são muito organizadas. Agora esses desmembramentos da LDB (*sobre os desdobramentos da Lei nº 5.692/71 para as instituições de origem do IF Goiano*), eu acho que houve algumas mudanças no currículo, na base curricular... Hoje, houve a própria transformação do ensino agrícola, a reforma do ensino agrícola, no Brasil. Então, houve várias mudanças que foi desagregando aquele modelo de aprendizagem que tinha na escola, na época desse período militar. Eu vejo que houve uma grande mudança. Alguns consideram para melhor, outros para pior, mas que houve mudanças, sem dúvida, houve.

A Escola Fazenda... o modelo dela é um modelo que eu falo, de uma integração onde tinha toda uma vivência de um aluno, por um período que ele ficava de três anos. Ali, ele aprendia tudo, desde pequenos animais ao animal de grande porte, da pequena cultura às grandes culturas de alto porte, médio porte e também a convivência, o aprender a fazer.

Então, você tinha essa integração de morar junto, conviver, produzir para manter a escola. Você ajudava a produzir, a preparar esses alimentos. Então, eu vejo que o Modelo Escola Fazenda é você vivenciar aquilo. É você estar ali no dia a dia, é você fazer e aprender, você ter prática.

Porque o técnico agrícola daquela época era diferenciado. O menino saía da escola e ia direto para o mercado de trabalho, com um conhecimento fantástico, porque ele vivenciava aquela vida da fazenda. Porque, hoje, é muita teoria, tem muita disciplina, a gente tem que repensar. Eu vejo, isso é uma opinião minha, tem que repensar porque o menino, hoje, está com 22 disciplinas. Ele mudou, a meninada hoje são novos. Na minha época, eu era um dos mais novos da escola, eu tinha um colega de 48 anos... 32, 38 anos. Então o cara vinha ali com objetivo, o cara maduro, sabia o que queria.

Hoje, muitos querem verticalizar o ensino. Então, nós estamos tendo dificuldade de entregar esse aluno para o mercado de trabalho. Esse aluno, hoje, não tem mais aquele perfil para o mercado de trabalho, sabendo que ele vai ser um grande profissional. Esse percentual, hoje, é muito baixo, comparando com aquela época.

Quando eu entrei, a COAGRI estava finalizando, mas o que eu vi, foi um marco na Rede, foi muito positivo para a Rede. Já peguei quase mudando essa terminologia de COAGRI, mas eu só ouvia falar bem da COAGRI. Pelo que foi... essa alavancada que houve nas escolas agrícolas, em função da COAGRI, de investimento, de parcerias, teve muitos convênios com os Estados Unidos. Trouxe um monte de recursos nessa época. Mas o meu conhecimento da COAGRI é pouco, eu só vejo falar que foi uma alavancada na Rede. (*Sobre a importância da COAGRI para o desenvolvimento das Escolas Agrotécnicas*).

Foto 07: Aula prática no Sistema Escola-Fazenda.



Fonte:IF Goiano – Campus Urutaí.

Esse foi um momento (*sobre os impactos do Decreto nº 2.208/97 nas escolas de origem do IF Goiano*) que eu volto a falar, acho que às vezes eu tô com esse momento de defender porque eu fui formado antes desse Decreto e era tudo junto. Então, eu achava que aquele momento de integração, quando você saía de uma aula teórica e já ingressava numa prática... eu acho que foi uma perda, na minha visão .

Eu acho que esse desmembramento (*separação entre ensino médio e o profissional*) de... porque naquela época (*antes do Decreto nº 2.208/97*) tinha também o ensino, mas assim, era quase que conjugado, ali junto. E hoje, essa coisa de estar separado, o aluno do jeito que foi separado hoje, eu acho que é muito pouco tempo para o aluno vivenciar essa prática, essa aprendizagem.

A gente tem que rever muito. Acho que merece um dia, sentar, ter uma nova discussão, não voltar ao que era atrás, a Escola Fazenda, mas eu acho que a gente tem que rever a aplicação desse contato do aluno, mais. Hoje, a gente tem mais condição de infraestrutura nos Campi, para o aluno e acaba que o aluno, às vezes, ele não aproveita a estrutura que tem. Eu vou te dar um exemplo: na minha época, nós tínhamos teodolito, que custava uma fortuna e todo mundo aprendeu com um teodolito, toda a parte de topografia. Hoje, eu tenho os melhores laboratórios de topografia no Campus e aí a meninada... e há

novos professores... acho que é todo um cenário, um pouco diferenciado.

Hoje, está entrando uma meninada muito nova, tanto os alunos como os servidores e professores, que vêm da academia, que vem de uma universidade, onde você fez mestrado, doutorado, pós-doutorado e é o que é aplicado dentro da Rede.

Então, eu vejo que tem muita coisa para ser ainda ajustada, mas é uma discussão para se pensar futuramente, até porque nós formamos pessoas que vão trabalhar no campo. E hoje, já tem uma demanda das empresas, buscando aquele aluno, com aquele perfil de antes do Decreto. Eles dizem: "Olha, eu quero esse menino que sabe fazer, que pega na massa, que vai lá na frente, que tem a visão de empreendedor, o cara que é líder...", entendeu?

E hoje, a meninada, eles... com essa era da tecnologia, tem os pontos positivos, porque naquela época nós não tínhamos isso. Então, você dedicava a aprender. Então, os alunos saíam bem, mesmo. E você vê que naquela época, o percentual de quem verticalizava o ensino era muito pouco. Eu tive essa felicidade, mas 80% da minha turma foram para o mercado de trabalho. Eu optei por estudar... não sei quem fez certo, se fui eu ou eles. Mas a formação naquela época era diferente.

Eu acho que era a oportunidade do aluno, porque o aluno via a Escola Agrotécnica... até então as Escolas Agrotécnicas tinham a figura do internato e o alojamento: moradia e alimentação. E aquilo ali era um atrativo muito forte e continua ainda sendo atrativo. Por isso que a gente continua com essas modalidades lá na escola, no Campus, porque a maioria dos alunos... igual eu te falei: tinha muita gente rica, mas tinha muita gente pobre. (*sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrotécnicas*).

Então o Campus Urutaí foi um Campus que recebia aluno do Maranhão, da Paraíba, de Pernambuco, do Paraná, do Mato Grosso, vários estados do Brasil, que tinha muita gente rica, mas o maior percentual era pobre. E aquilo ali era um atrativo para ele. Ter moradia e comida, então, era o que o aluno precisava porque as famílias eram pobres. As famílias não tinham condições de manter esse aluno na cidade, pagando uma república ou uma moradia. Então, esse que era o motivo desse aluno ter esse diferencial, com esse perfil socioeconômico.

O PROEP foi o projeto lançado pelo governo federal e foi assim, oportunizou muito pouco. Eu acho que foi naquela época... o montante de dinheiro muito significativo, mas eu acho que não fez coisas... Eu vou dar o exemplo do Campus Urutaí. Na época, foi um milhão. Um milhão era muito dinheiro e construiu um frigorífico com capacidade para abater 42 bois, processamento de frutas, faz laticínios para não sei quantos litros de leite, mas só na nossa gestão já fizemos várias adaptações, porque ficou muito ocioso.

Foi uma planta padrão. Aí pegou um copiando do outro e com a realidade de Petrolina, Pernambuco é diferente de Urutaí, que é diferente de Uberaba, que é diferente de outro setor. Então, eu acho que o gestor naquele momento foi feliz de buscar esse recurso, mas eu acho que ele poderia ser trabalhado melhor. Naquela época estava no auge a agroindústria, dentro das instituições. Acho que se o recurso tivesse sido mais fragmentado em pequenas áreas, seria melhor.

Para você ter ideia, desse dinheiro do PROEP, veio para um laboratório, em Urutaí, de Biotecnologia que só foi consolidado na nossa gestão. Hoje, é uma referência na Rede. Então, se tivesse feito em blocos menores, em áreas menores, acho que tinha sido mais adequado. Então, hoje para muitos gestores, essa obra do PROEP está sendo dificuldades de manutenção dentro do Câmpus.

(Sobre a importância da UNED Morrinhos para Urutaí). Na época, foi um pouco desafiador para o gestor, o professor Campos, porque imagina: é igual você ter cinco filhos e de repente, apareceu mais um e você tem que dar comida a mais um. Mas eu vejo que ele acertou, foi acertada essa UNED, porque hoje é um belo Campus e tá oportunizando muitos alunos.

Quando começou, teve que deslocar dois, três servidores do Campus Urutaí. Surgiu uma oportunidade de uma área que foi cedida em Morrinhos, através do governador de Goiás, o Naphtali. Então, eu acho que no início foi muito trabalhoso, mas hoje você olha o passado, você vê que foi gratificante ter investido naquela UNED.

Eu sei que às vezes teve que dividir um pouco o recurso, que não tinha recurso próprio. Fui gestor lá, também, por um período com o professor Donizete. A gente tinha que dividir. Mas eu fico muito feliz de ter implantado e ter participado dessa gestão, dessa criação, assim como nós participamos nos *campi* avançados. Nós que abrimos Cristalina, Ipameri e Catalão.

No início, foi uma briga com o meu Campus. Teve uns que aceitavam, outros que não aceitavam, mas eu fico contente porque, hoje, nesses três campus, nós temos mais de 1.000 alunos, que foi mais oportunidade para o jovem, estar estudando e melhorar aqueles municípios também: Cristalina, Ipameri e Catalão.

Mas acho que a UNED Morrinhos foi uma ideia muito acertada, foi uma coisa acertada. Se você for voltar no passado, você pergunta: "Como começou aquilo ali?" Mas foi uma coisa boa, que hoje é um belo Campus que tem um belo trabalho. Acho que a ideia foi muito corajosa e é positivo que hoje venham os resultados.

Foto 08: Governador de Goiás é recebido na UNED Morrinhos.



Fonte: IF Goiano – Campus Morrinhos.

Eu posso lembrar um pouquinho (*sobre porque Ceres não foi "cefetizada"*). Na verdade, é o seguinte: as escolas foram transformando em CEFET... Primeiro tinha um pré-requisito de você ter um curso superior. O gestor, naquela época, o professor Campos (*diretor de Urutai*) foi desafiador. Primeiro ele criou esse curso superior, que foi o que nós criamos: Irrigação e Drenagem. E aí o governo, na época era o Fernando Henrique Cardoso e o ministro era o Paulo Renato. Então, a gente sabe que tinha muita política e o professor Campos fazia isso

muito bem com os políticos. Na época, o Marconi Perillo ajudou muito, o Aécio Neves, na figura dos deputados, todo mundo, deputados, senadores, governadores, ajudaram.

Mas um dos pré-requisitos foi o diretor ter corrido atrás, e ele fez muito bem esse papel e Urutaí deve muito a essa coragem do ex-diretor do Campus porque na portaria do MEC, a portaria 246, as escolas que eram de origem CEFET têm direito a 150 professores, as outras não têm... Então Ceres, só 90. O Campos lutou... Para você ter uma ideia, saíram poucas no Brasil. As agrícolas que eram para ser transformadas em CEFET: Urutaí, Rio Verde, Uberaba. Uberlândia foi o mesmo caso de... (Ceres). Mas foi Bento Gonçalves, foi Januária, Petrolina, Pernambuco. Foram aquelas que os diretores foram muito arrojados.

Então, foi um ganho. Hoje, Urutaí está uma potência, graças à transformação da Escola Agrotécnica em CEFET. Eu vejo como muito positivo e muito corajoso a decisão daquele gestor, naquela época, de fazer essa transformação.

Eu vejo como um ponto positivo, primeiro a questão da autonomia que a gente passou a ter (*sobre o impacto da “cefetização” para a estrutura e o ensino das instituições*). Eu acho que nessa transformação para CEFET, nós tínhamos autonomia de ter a liberdade, vamos dizer assim, de abrir o curso que a gente queria. Então, acho que é um ponto positivo. Questão de recurso, quadro de professores, recurso em infraestrutura, foi melhorando em enes fatores.

Daí eu peguei o CEFET, eu peguei todo esse processo de transformação e peguei um período no início da gestão do PT, que houve ali, essa transformação de CEFET para Instituto, que a coisa começou a melhorar. Então, em efeitos, infraestrutura, quadro de servidores, técnicos administrativos, professores e a oportunidade de cursos.

Nós abrimos o primeiro curso no CEFET, quando transformamos de CEFET para Instituto, aí foi uma alavancada. Só nós, abrimos 10 cursos superiores e então, agora, vai abrir mais um: Educação Física, vai para 11 e Nutrição vai para 12 cursos superiores no Campus Urutaí. Então, acho que só foi ganho, só foram pontos positivos.

Eu acho assim... (*sobre o Decreto nº 5.154/04 e seus impactos*), igual eu já citei antes da separação do Decreto anterior (*Decreto nº 2.208/97*), acho que também oportunizou... acho que a questão do

ensino médio integrado... Porque deixou de atender só os alunos internos. É que antes você tinha ali o integrado, mas era o aluno interno.

Você acabou oportunizando aos alunos semi-internos, os alunos que moram na cidade, na cidade vizinha. Eu acho que foi um ponto muito marcante nesse período, oportunizou essa nova geração, no sentido de vir buscar um curso técnico e, ao mesmo tempo, fazer o curso integrado e de sair com essas duas formações. Porque ele poderia, ou ingressar no mercado de trabalho, ou ele verticalizar o ensino e continuar estudando.

(Sobre a classe social dos alunos dos CEFET'S). Nesse período de CEFET, houve uma grande redução na oferta de internato dentro da escola, então a maioria morava na cidade, porque o nosso internato reduziu muito nesse período, ele basicamente fechou. Ficou aí com 17, 20 alunos internos. Mas você tinha uma discrepância muito grande com a meninada, o nível de poder aquisitivo era muito desigual.

Então, eu vejo a Rede com o papel de inclusão social. Tive a oportunidade de vivenciar essas diferenças socioeconômicas. Isso sempre teve na escola, porque é um dos papéis nossos, a gente faz esse trabalho de inclusão social.

CAPÍTULO III

DICOTOMIA ATENUADA

“Os alunos cuidavam de todos os processos produtivos de lavouras e criações de animais, o que propiciava uma vivência intensa daquilo que era visto em sala de aula. O currículo do Curso Técnico em Agropecuária se dividia em núcleo comum e parte diversificada e apresentava uma visão dicotômica que era atenuada pela vivência profissional na fazenda.” (Professor C).

[PROFESSOR C]

Idade: 55 anos
Experiência no IF Goiano: 32 anos
Localidade de atuação: Urutaí

Eu ingressei em 1987. Me aposentei recentemente, em um de março de 2019. (*Sobre quando entrou para a Rede Federal de Educação Profissional*).

Fiz graduação em Licenciatura em Ciências Agrícolas na UFRRJ e fui ex-aluno da então Escola Agrotécnica Federal de Urutaí. A intenção sempre foi me ingressar como professor, em uma escola da rede de ensino agrícola, que fosse preferencialmente, próxima à minha região de origem. (*Sobre as razões que o levaram à Rede Federal de Educação Profissional*).

Ocupo vários cargos e funções, durante 32 anos de exercício. Além de professor, fui coordenador de cursos, diretor pedagógico, diretor de ensino técnico e de graduação, pró-reitor de ensino, diretor de assistência estudantil. As funções variavam de acordo com a denominação da Instituição como Escola Agrotécnica, CEFET ou Instituto Federal. (*Sobre cargos e funções exercidos na Rede*).

Ser escolhido pelo MEC para representar o Brasil em um evento de Educação profissional em Taipei, Taiwan (*sobre a experiência mais marcante*). Ser pró-reitor de ensino do Instituto Federal também foi, sem dúvida, uma experiência que marcou minha vida profissional. Entretanto, atuar em sala de aula sempre foi muito prazeroso e marcante, pois era um sonho de infância ser professor. Decidi encerrar a carreira em sala de aula em função disto.

No aspecto pessoal, significa o alicerce de toda minha realização profissional, uma vez que este foi meu primeiro e único emprego, até a

aposentadoria, além do que, ser um aluno oriundo da Rede, torna tudo isto ainda mais significativo. Significou, obviamente, a oportunidade muito conveniente para a formação técnica em função da gratuidade e do internato, uma vez que sou oriundo de família numerosa e de baixa renda. (*Sobre a Rede Profissional de Educação Profissional*).

Além de sempre ter sido bem avaliado como docente, o que por si só já é uma contribuição importante, exercei várias funções de gestão, procurando exercer uma liderança assertiva e propositiva, uma vez que não me limitei à Instituição, mas colaborei com o MEC, por mais de 15 anos, ora presidindo comissões nacionais, ora atuando como avaliador “ad hoc” de instituições e cursos (INEP); atuando como implantador e avaliador em nível nacional de políticas públicas de suporte à educação profissional, como Enade, Sistec, Pronatec e Brasil Profissionalizado.

Fui membro de conselhos consultivos e deliberativos, dentre outras ações. Assim, julgo ter tido uma participação importante nos processos de construção ou redefinição dos modelos educacionais ainda vigentes. (*Sobre suas contribuições para o Ensino Profissional no IF Goiano*)

Desde sua configuração como Escola Agrotécnica, passando por CEFET e agora Instituto Federal, considero que os principais desafios foram a modernização da infraestrutura, para fazer frente aos desafios impostos para uma formação profissional atualizada e contextualizada, além da ampliação dos quadros do corpo docente e técnico-administrativo, e a incessante busca por qualidade nos processos educacionais.

O desenvolvimento se concretizou com a ampliação das ofertas de ensino, desde formação inicial e continuada, até pós-graduação e a inclusão de áreas que nem eram sua vocação inicial como Informática, Alimentos, Licenciaturas. Lembrando que até 1994, a então Escola Agrotécnica Federal só oferecia um curso técnico em turno diurno e passou a oferecer um curso técnico noturno, em área totalmente distinta de sua tradição. Com a oferta de um curso superior em 1999, deu-se a largada para a oferta de cursos superiores, a qual se consolidou e ampliou, a partir de sua transformação em CEFET, em 2002. (*Sobre o desenvolvimento da EPT no IF Goiano*).

No início, era uma fazenda para aclimatação de animais, onde inclusive se originou a raça bovina Mocho Tabapuã, no Brasil. Nesta fazenda, passou-se a oferecer cursos básicos a produtores e filhos de produtores rurais, funcionando como um Núcleo de Formação Básica, sendo este o embrião da futura Escola. (*Sobre a criação da Escola Agrícola de Urutai*).

O método pedagógico consistia em preleção acrescido de práticas no campo. Não simplesmente práticas demonstrativas, mas de produção propriamente dita. Os alunos cuidavam de todos os processos produtivos de lavouras e criações de animais, o que propiciava uma vivência intensa daquilo que era visto em sala de aula. O currículo do Curso Técnico em Agropecuária (à época, *Curso Técnico Agrícola*) se dividia em núcleo comum e parte diversificada e apresentava uma visão dicotômica que era atenuada pela vivência profissional na fazenda. (*Sobre a integração entre teoria e prática no currículo e no ato pedagógico, durante o período das Escolas Agrícolas*).

Era uma política governamental que visava à formação de mão de obra especializada no meio rural, para atender às demandas tecnológicas que se avolumaram, após a denominada Revolução Verde. Em praticamente todos os estados brasileiros, núcleos de formação básica que ofereciam infraestrutura de suporte foram adaptadas e/ou ampliadas para compor esta nova rede que, apesar de não atuarem em rede, tinham o mesmo objetivo. Este processo se deu via decreto presidencial de 1977, a partir da designação de muitos destes centros de formação em Escolas Agrotécnicas, com oferta de ensino médio profissionalizante sob a égide da LDB nº 5.692/71. (*Sobre a transformação das Escolas Agrícolas em Agrotécnicas*).

Foto 09: Aula teórica com recursos multimeios na EAFUr.



Fonte: IF Goiano – Campus Urutaí.

Não tenho elementos para associar regime militar e formação profissional, mas este período foi marcado pela necessidade de fazer frente às inovações impostas pelos pacotes tecnológicos oriundos da Revolução Verde (mecanização agrícola, uso intensivo de agroquímicos, práticas conservacionistas, diversificação da produção) e a grande necessidade de se formar extensionistas rurais, que difundissem essas tecnologias. Aliados à pesquisa agropecuária, que começava a se despontar no Brasil, a Educação Profissional Rural se firmou como um grande sustentáculo desta expansão agrícola e avanço dos cultivos para as regiões pouco exploradas, como o cerrado, por exemplo. (*Sobre a Educação Profissional durante o Regime Militar*).

A LDB 5.692/71 instrumentalizou os currículos do então denominado ensino profissionalizante, com cursos integrados ao chamado 2º Grau. Todas as escolas que vieram a compor o IF Goiano, com exceção da UNED Morrinhos do CEFET Urutaí, vieram deste formato. (*Sobre os desdobramentos da Lei nº 5.692/71 para as instituições de origem do IF Goiano*).

O Sistema Escola-Fazenda foi um modelo implantado no Brasil nos ginásios agrícolas que se converteram em Escolas Agrotécnicas no final da década de 70 e consistia, basicamente, na integração do ensino em sala de aula, os projetos orientados a campo e a cooperativa-escola.

O aluno, além de frequentar a sala de aula onde recebia informações técnicas, se envolvia em um projeto desenvolvido nas unidades educativas e destinava sua produção à Cooperativa-escola, da qual era sócio e tinha participação nos lucros do projeto.

Sua importância era a integração teoria-prática, a vivência a campo e conhecimento aplicado de gestão da produção agrícola, compreendendo o processo produtivo em si e a comercialização da produção. Este modelo se baseava em um modelo criado na Costa Rica, devidamente adaptado para a realidade brasileira.

O desenvolvimento dos projetos oportunizava ao aluno a melhor compreensão do processo como um todo, além de oportunizar o trabalho em equipe e estimular o empreendedorismo rural. O lema do sistema era “aprender a fazer e fazer para aprender”.

A COAGRI, Coordenação Nacional do Ensino Agrícola, foi criada em 1973 e renomeada como Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário em 1975, vinculada ao então Ministério da Educação e Cultura e fazia a gestão de implantação e monitoramento de ações do Sistema Escola-Fazenda, em nível nacional.

Sua existência foi de suprema importância para a transformação dos Ginásios Agrícolas em Escolas Agrotécnicas e para a consolidação destas instituições, pois unificava os procedimentos a partir de documentos normativos, fortalecendo este grupo de escolas, que passaram a ser altamente demandadas, uma vez que não apenas o sistema de ensino... mas o sistema de internato, que facilitava o acesso das comunidades rurais ao ensino técnico, eminentemente prático.

A COAGRI também colaborou na inserção destes profissionais no mundo do trabalho, através de parcerias com instituições de extensão rural como ACAR, Emater... e pesquisa agropecuária, tal como Embrapa e suas subsidiárias em nível estadual.

Este decreto (*Decreto nº 2.208/97*) e suas portarias subjacentes vieram com a função de regulamentar o §2º do art. 36 e os artigos 39 a 42 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, os quais tratavam da educação profissional.

Teve um impacto profundo nos modelos até então adotado nas escolas, pois organizava o ensino em três níveis: básico, técnico e tecnológico. Isto viria a pavimentar o caminho para a expansão das ofertas na Rede, mas não sem desconfigurar o Sistema Escola-Fazenda e promover uma mudança nos modelos pedagógicos dos cursos técnicos, uma vez que este decreto impossibilitava a integração da modalidade profissionalizante com o Ensino médio.

Parecia inevitável para fazer frente à nova LDB, mas o principal impacto foi na consequente redução de “aulas práticas” em virtude da descontinuidade da produção em larga escala e adoção de práticas demonstrativas, além da inviabilização dos cursos integrados, que até então eram a experiência mais sólida e histórica da Instituição.

Bem, os alunos moravam em sua quase totalidade, no internato. Presumo que pertenciam a uma classe menos favorecida ou oriundas de produtores rurais, afinal, a escola havia sido criada para atender demandas dos agricultores, que intencionavam “formar” seus filhos, para retornar às suas origens com conhecimento técnico adequado. Só uma análise consubstanciada de dados da época poderia comprovar o que presumo, pois havia alunos que apresentavam ser de classe média-alta. (*Sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrotécnicas*).

O PROEP foi um programa de suporte à expansão preconizada pelo Decreto 2.208/97 e sua principal contribuição foi a ampliação da infraestrutura física das escolas, para fazer frente à diversificação de oferta de cursos técnicos. Obviamente, este aporte de recursos contribuiu para dar um “upgrade” às instituições que o receberam, habilitando-as a, num futuro próximo, se transformarem em CEFET's.

A criação de uma Unidade Descentralizada tem sempre como objetivo estender a oferta de cursos a outras regiões, se valendo da tradição já existente. A meu ver, representou para Urutaí uma incipiente, mas boa experiência de gestão em rede. Além de ser um ato também político, consolidou Urutaí como uma referência em capacidade administrativa e potência pedagógica (*sobre a importância da UNED Morrinhos para Urutaí*).

Além disto, esta era uma demanda do MEC à época. E fazer coro à política pública preconizada pelo Ministério redundava em

contrapartidas importantes para a escola, notadamente, no aspecto orçamentário.

Esta Unidade já nasceu sob a LDB de 1996, portanto, consolidou a nova política de currículos não integrados para o Ensino Técnico, o que reforçou nova política na unidade sede, Urutaí. Vale lembrar que neste período, houve uma tentativa da gestão de Urutaí de redefinir o modelo Escola-Fazenda dentro do novo contexto, sem sucesso, pois os pilares deste modelo eram as práticas de campo e a atuação da Cooperativa-Escola, os quais ficaram descaracterizados no novo modelo de ensino.

Houve, em nível de Brasil, a partir dos anos 2000, um movimento crescente pela transformação das Agrotécnicas em instituições de ensino superior, até porque algumas delas, Urutaí, por exemplo, já ofereciam cursos superiores, na esteira do que previa o Decreto 2208/97.

O processo de “cefetização” considerava a infraestrutura de suporte, os recursos físicos e humanos indispensáveis ao bom funcionamento destes novos cursos que as instituições se propunham a ofertar. Provavelmente, a Escola Agrotécnica Federal de Ceres não apresentava estas condições, isto é, não tinha o perfil requerido pelo MEC para sua transformação em CEFET.

Este processo era requerido pelas Escolas, para onde o MEC enviaava uma Comissão de Avaliação. Participei ativamente deste processo como presidente ou membro de comissões de Cefetização no Brasil, inclusive Rio Verde, Goiás, e não me recordo se a Escola Agrotécnica Federal de Ceres pleiteou esta transformação. (*Sobre a não transformação da Escola Agrotécnica Federal de Ceres em CEFET*).

Foto 10: Infraestrutura física de suporte na EAFUR.



Fonte: IF Goiano – Campus Urutáí.

A ampliação de ofertas de cursos e vagas, principalmente no nível tecnológico (cursos superiores de tecnologia), uma vez que o ensino básico e técnico já era tradição. Para a estrutura física e humana foi importante porque a oferta de cursos superiores exigia a construção de laboratórios, prédios, aquisição de equipamentos, contratação de docentes e técnicos-administrativos, o que potencializou a Instituição para as futuras ofertas. (*Sobre os impactos do processo de “cefetização” para as Escolas Agrotécnicas Federais*).

Na verdade, a organização didática já se reconfigurou desde o Decreto 2.208/97 para as Agrotécnicas. A partir da cefetização, a reedição de regulamentações da educação profissional distinta na LDB só consolidou as mudanças já em curso, mas devolvia à Escola a possibilidade de integração da modalidade profissionalizante com o Ensino Médio (*sobre os impactos do Decreto nº 5.154/04 nos CEFET'S*).

As principais mudanças se deram no redesenho dos modelos de cursos técnicos integrados dentro de uma visão politécnica, tentando suprimir as dualidades e dicotomias que ainda pairavam nos novos tempos, oriundas da estrutura segmentada pela LDB 5692/71.

Este Decreto (*Decreto nº 5.154/04*) foi fruto de longa discussão porque era outro governo, outra visão de ensino. A Instituição, agora, poderia oferecer os modelos de cursos técnicos que melhor adequassem a sua realidade, com inegável estímulo, por parte do governo, da adoção do modelo integrado.

A maioria era de origem pobre, uma grande percentagem requereu auxílios na forma de bolsas estudantis, alojamentos ou alimentação. (*Sobre a classe social dos alunos dos CEFET'S*).

PARTE II

Campus Ceres



Fonte: Arquivo do IF Goiano - Campus Ceres.

CAPÍTULO IV

UM PROJETO QUE DEU CERTO

“Se nós pegarmos os indicadores dos Institutos, os indicadores de desempenho dos alunos, até mesmo do próprio Enem, e os isolassem, nós teríamos alguns indicadores que são muito compatíveis com países do primeiro mundo, no tocante à educação.” (Professor D).

[Professor D]

Idade: 51 anos
Experiência do IF Goiano: 24 anos
Localidade de atuação: Ceres

O meu concurso foi em 1994 e eu ingressei no Campus Ceres, em janeiro de 1995.

Na verdade, à época, eu tinha pouco conhecimento do que era a Rede de Educação Profissional, ou não; era nenhum. Eu era recém-formado, estava trabalhando no Estado como concursado e também em uma escola particular na cidade. E ainda tinha outra ocupação; eu era um profissional liberal, tinha uma vidraçaria e serralheria. E conversando com os colegas, eles falaram que teria esse concurso. Eu não conhecia, praticamente nada, mas fui motivado a tentar. Talvez à época, por ter uma vida com menos atividade, e com uma resposta melhor em nível de salário e tudo mais. Então, a motivação foi essa. Não conhecia nada, mas tentar reduzir um pouco as atividades que eu fazia na minha vida pessoal. (*Sobre as razões que o levaram à Rede Federal de Educação Profissional*).

Assim que eu entrei, foi uma experiência interessante e muito diferente, porque eu trabalhava no Estado com o ensino médio e na escola particular, com o ensino fundamental. E assim que nós entramos, nós fomos levados a conhecer a Educação Profissional em nível de Brasil. Fizemos um estágio de uma semana, acho que foram oito dias, numa escola mais velha, que era a de Bambuí, e foi o nosso primeiro contato.

Chegando na Instituição, assumi a disciplina de Língua Portuguesa; a minha formação básica é Letras Modernas, e no decorrer dos anos, passei a ser convidado para assumir alguns cargos, desde coordenador de refeitório, depois fomos coordenador-geral de assistência ao educando, permanecemos lá por praticamente seis anos

e, em 2008, entrei numa campanha, porque à época a escolha do diretor já era por via de voto; consulta à comunidade.

E aí a gente concordou em concorrer e tudo mais, e... isso em 2007 para 2008. E em 2008, entrei como diretor da Escola Agrotécnica Federal de Ceres. Hoje, olhando para trás, vejo que o crescimento foi muito interessante e a Educação Profissional passou a fazer parte da minha vida. Não me vejo, hoje, fazendo outra coisa a não ser trabalhando na Rede e assim, com muita humildade, eu acredito que já tenho muita contribuição para a Educação Profissional, em nível de Goiás. Como docente, como gestor... Principalmente como gestor, porque nós estamos já há algum tempo (*sobre como avalia seu trabalho na Rede*).

Não vou te precisar a época, porque a gente deveria consultar para isso, mas assim que eu assumi a Coordenação Geral de Assistência ao Educando (*sobre a experiência mais marcante*)... nessa coordenação, ela englobava a parte de assistência médico-odontológica de caráter de urgência. Então, tinha o enfermeiro, tinha um médico, tinha uma assistente social, psicólogo... O refeitório servia quase 800 refeições-dia e o alojamento, que a gente chamava: "A Casa do Estudante".

E eu permaneci por lá durante seis anos. E nesses seis anos, a vivência foi muito intensa com os alunos, porque a parte disciplinar deles, também, é dentro ou fora de sala, e isso me levou a ter uma vivência muito intensa com os meninos, ao ponto de chegar na escola às 6:30 da manhã e muitas vezes às 22 horas, eu ainda estava lá, resolvendo problemas.

Isso foi no decorrer dos anos, fortalecendo o amor pela instituição, e o que me marcou muito é que hoje, a gente recebe depoimentos vivos de alunos que encontramos nesse rincão brasileiro, testemunhando o período que eles passaram lá de três anos (porque os meninos, praticamente... praticamente, não... boa parte deles morava na instituição) e que a instituição mudou a vida deles. Hoje, são profissionais bem-sucedidos e tudo mais e o período de três anos que eles passaram na Instituição contribuiu para que eles tivessem uma leitura de mundo bem diferenciada. Ao ponto que eles brincavam que passar pela instituição durante três anos os capacitavam a sobreviver em qualquer lugar.

E aí, a gente tem várias histórias que aconteceram durante esses anos, que foram muito interessantes. Então, hoje eu acho que o que

mais me marcou foi esse período aqui, que eu estava à frente da coordenação e que também estava, ainda como docente. Eu tinha minhas aulas semanais, a carga horária semanal e acompanhava então, todas essas atividades, ligadas diretamente aos discentes.

Hoje, a Rede significa um projeto que deu certo. Se nós pegarmos os indicadores dos Institutos, os indicadores de desempenho dos alunos, até mesmo do próprio Enem, e os isolassem, nós teríamos alguns indicadores que são muito compatíveis com países do primeiro mundo, no tocante à educação.

Infelizmente, a Rede, ainda, continua sendo formada por ilhas de excelência, mas mostra que esse modelo de gestão verticalizada, em que o aluno tem oportunidade de ir para lá, para fazer, desde um curso de qualificação, mais o ensino médio integrado (que eu acho que é o nosso carro-chefe; é algo que realmente mexe com os meninos, que transforma os meninos) e sair de lá, mestre ou doutor, não tem, em nível de Brasil, projeto similar e projeto que deu certo.

E mais ainda, a Educação Profissional, ela tem demonstrado que o aluno que passa por ela, ele ganha muita maturidade, tanto em nível de Educação Formal e, de experiência com o mundo do trabalho. Então, para mim, a Educação Profissional é um modelo a ser seguido de Educação em nível de Brasil e o modelo que os indicadores demonstram que deu certo, tá dando certo e vai dar certo, por muitos anos.

Eu pude contribuir sendo professor na nossa região, na região agrícola, onde os meninos, principalmente das primeiras turmas que ali chegaram, eram oriundos de escolas rurais, num nível de escolaridade muito fraco. Não pelo nível humano, como pessoas; eram pessoas muito bem-educadas, mas com um nível de formação muito precário. E sempre nós tínhamos muita paciência para fazer um nivelamento desses alunos e tudo mais. (*Sobre suas contribuições para o Ensino Profissional no IF Goiano*).

Eu vi muitos... porque em três anos, você via muito nítido, como eles entraram e como eles estavam saindo do Ensino Médio Integrado. Porque lá, na época, tinham dois cursos integrados e eu era professor dos integrados. Tinha o Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio... era outra formatação, não era bem essa. E tinha Técnico em Informática, também integrado. E para mim, é uma forma de

educação que consegue melhor vincular as teorias de sala de aula com a prática e a vivência dele no cotidiano.

O ensino profissional para mim, em nível das antigas Escolas Agrícolas até os Institutos Federais é isso. É um modelo que aproxima-se muito em nível de ideal, de uma escola mais holística, de uma escola que não se preocupa somente com a informação, mas com uma formação mais completa do cidadão, do ser humano.

Foto 11: Aula prática em Ceres.



Fonte: IF Goiano – Campus Ceres.

Eu acho que o principal desafio sempre foi e sempre será a questão financeira (*sobre os principais desafios do IF Goiano*). Na história que eu vivenciei, nós passamos como executores de políticas públicas. Mudava a presidência, mudava toda a política voltada para a Educação Profissional no Brasil.

Então, nós vivemos momentos de desconstrução dessa forma de gestão, de chegar ao ponto de falar que os Institutos, na época era Escola Agrotécnica, deveriam trabalhar somente com o ensino técnico.

As escolas que optavam por oferecer o ensino médio, a parte propedêutica, elas eram penalizadas, inclusive com recursos. Então, foi um desmonte, era matar ou acabar por inanição, por falta de recursos. Ceres até pensou em pegar essa linha, trabalhar só com cursos técnicos, mas o primeiro semestre que nós optamos por isso, houve uma evasão tremenda na instituição; ficamos com poucos alunos.

Aí, contrariando a política da época, não atribuindo juízo de valor, mas era o governo do Fernando Henrique... contrariando essa lógica, nós voltamos com os cursos integrados... então, de novo, era outro nome que eu não me lembro agora... e aí, sim, voltou a pujança da instituição; a instituição voltou a ter vida. Acho que isso é fundamental.

Então, é porque assim... (*sobre o desenvolvimento da EPT no IF Goiano*) o Campus Ceres já nasceu como uma Escola Agrotécnica, onde o ensino técnico ou de profissões, o ensino técnico profissional já era uma vertente preconizada na sua criação. Então, no IF Goiano isso é muito natural, porque as unidades nasceram para oferecer Educação Profissional. A maior dificuldade era porque os professores, que eram contratados via concurso, eles não tinham essa formação. Eram professores, geralmente de iniciativa privada, que chegavam em uma Instituição de Educação Profissional e não tinham esse preparo, essa formação para isso.

No início, houve preocupação, no Campus Ceres, de se buscar, dar essa formação para os docentes, porque era tudo muito novo, ele era muito diferente. O professor que tinha suas aulas na iniciativa privada e voltava e não aparecia na escola, só iria lá dar essas aulas... No Campus, era um pouco diferente, porque no início, o professor ficava as 40 horas dentro da instituição. Ele chegava às 7h, ia almoçar às 11h, voltava às 13h e ficava até às 17h, tendo aula ou não. E isso foi muito diferente para todos nós, na época.

Nós fizemos alguns cursos, com o Ensino Agrícola... na época não tinha esse nome, ainda... a unidade era muito voltada para o curso básico, que era o Técnico em Agropecuária. Depois que ele abriu outros horizontes, outros eixos de ensino, mas então, era só o curso na área das agrárias. Mas essa foi a principal dificuldade que eu vi: os professores chegarem na Instituição sem ter uma noção do quê que era o ensino profissionalizante, como eu também não tinha. Isso foi construído, ao longo do tempo.

Esse aí eu já vivenciei (*modelo Escola-Fazenda*), até porque o primeiro diretor do Campus Ceres, na Escola Agrotécnica de Ceres, era uma pessoa que vivenciou todas essas transformações no ensino agrícola, que era o professor Benedito; Benedito Martins de Oliveira. Ele veio de Bambuí para montar, para colocar em funcionamento a Escola Agrotécnica Federal de Ceres. E no início, nós fomos bem formados na questão da escola... como que eles chamavam... do ensino agrícola. Eu lembro que tinha até um tripé que era “aprender a fazer e fazer para aprender”. Esse era o lema que norteava as ações dentro das Escolas Agrícolas.

Outra coisa que chamava muito a atenção é que eles até falavam que a escola sempre tem que produzir “3x”: “1x” para o consumo dos alunos, e dois para ser vendido, comercializado e reinvestido nos projetos daquela época. E a atuação dos alunos nas práticas da instituição era muito presente. Eu vou até mais longe: até o ponto da substituição dos serviços de profissionais da instituição por mão de obra dos alunos, mesmo.

Ou seja, os meninos, os alunos, eles tinham as aulas teóricas, depois eles faziam todo o manejo dos setores: bovinos, suínos, avicultura, apicultura. Todo o manejo desses setores era realizado pelos alunos e o docente. A prática era muito valorizada. Os alunos, realmente, eu não estou com saudosismo, mas eles saiam com a vivência do setor muito intensa. À época, também, no período de férias, os alunos permaneciam na escola, em escala de plantão, por um período significativo, porque a fazenda tinha que continuar.

Então, eles que faziam essas atividades, sempre acompanhados por um monitor, um professor, mas eram os alunos que desenvolviam todas as atividades práticas da instituição. O interessante é que à época, os alunos também participavam da comercialização desses produtos. Então, em nível de formação técnica, eles acabam saindo bem preparados para encararem o mundo do trabalho, ou até o mercado de trabalho, mesmo, mais específico à área de formação deles.

Foto 12: Aula prática de Avicultura na EAFCe.



Fonte: IF Goiano – Campus Ceres.

Afetou drasticamente a instituição, ao ponto de, repetindo, de ter havido um esvaziamento por completo de procura (*sobre o Decreto nº 2.208/97 e seus impactos*). À época, nós tínhamos em torno de 500 alunos. Nós ficamos no primeiro ano, no final do primeiro ano, com cento e quarenta e poucos alunos. Os demais, todos evadiram, foram procurar... porque a grande atração dos meninos da região era de poder fazer um ensino médio de qualidade e, paralelo a isso, se profissionalizar. Não sei se é nessa ordem, muitas vezes o ensino médio para os meninos era muito mais importante do que o curso técnico.

E com a desvinculação da integralidade desses cursos, os meninos ficaram nas suas cidades de origem. No início, na criação do Campus Ceres, teve uma época que nós fizemos um levantamento, nós tínhamos alunos de 33 cidades e de 04 Estados. Então, a atração pela estrutura da Escola Agrotécnica, que era uma estrutura à época, bem privilegiada... Os alunos vinham de escolas que a estrutura física era muito ruim, muitas vezes não tinha nem carteira, e chegavam em uma Escola Agrotécnica, recém-inaugurada, tudo novinho... Eles recebiam (os internos) café da manhã, almoço, jantar, lanche noturno, moravam

em alojamentos para oito alunos, mas com suíte, sala de estudo, sala de jogos, lavanderia. Eles tinham uma lavanderia que lavava as roupas comuns e outra que eles lavavam as roupas íntimas deles. Mas eles lavavam, tinham as roupas lavadas e passadas, duas vezes por semana. E ainda, assistência médica odontológica, em caráter de urgência.

Isso atraía muito os meninos de baixa renda. Ensino de qualidade, uma infraestrutura que muitos não tinham em casa. À época eu ouvia depoimentos de meninos falando assim: “eu tenho oportunidade de comer carne, todos os dias, aqui na instituição”. Porque, tinham muitos que reclamavam, também. Mas outros entravam em defesa falando: “Olha, isso aqui para mim é o paraíso, eu não tenho essa estrutura dentro da minha casa.” E com a desvinculação da parte técnica da propedêutica, esse atrativo caiu.

Porque muitos não tinham como abrir mão da formação propedêutica. Porque era uma percepção nossa que os alunos oriundos de uma classe menos favorecida, os pais vislumbravam na educação uma ferramenta de quebrar aquele ciclo de dificuldade.

Mas, eu achei também que as nossas escolas, e falando da Escola Agrotécnica Federal de Ceres, ela subverteu um pouco esse processo do Decreto. Ela não se viu... foi só um ano, no outro ano ela voltou com os integrados novamente, só que eram duas matrículas. O aluno chegava na escola e fazia nos três anos, o ensino médio e o Curso Técnico em Agropecuária, por exemplo. Ele saía com dois diplomas. Isso em algum momento mudou, também. Mas aí que voltou a pujança da escola, voltou a ter muitos alunos.

E assim, mais como uma observação pessoal (eu não entro em mérito do que é bom e do que é ruim, falou em formação tudo é bem-vindo): só que quando você decide que uma determinada pessoa, uma classe social precisa só de um tipo de formação, você deixa de empoderá-la. Porque eu reconheço que a Educação Profissional não é uma educação barata, é uma educação cara. Mas ela empodera as pessoas para terem o direito de escolha; se elas querem seguir na formação propedêutica, ou se elas querem ir para o mundo do trabalho. Eu acho que isso é fundamental, em se tratando de escola pública. Eu acho que o papel da escola é isso, é empoderar as pessoas.

As Antigas Escolas Agrotécnicas carregavam o estigma de serem mini reformatórios. Os alunos que iam para lá, geralmente eram alunos muito problemáticos. E no início, assim o foi mesmo. Eu lembro da

primeira turma de alunos da Escola Agrotécnica Federal de Ceres. Eram alunos mais velhos; alunos com seus 19, 20 anos. Eu tive aluno até quase da minha idade. Quando entrei, eu tinha 25 anos e tinha aluno mais velho que eu. Alunos que não tiveram oportunidade no ciclo normal de formação, e aí viram na Escola Agrotécnica, uma forma de terminar o ensino médio e se profissionalizar.

Eram alunos carentes, extremamente carentes e das cidades circunvizinhas. Eram alunos, na sua maioria, que tinham a sua origem no campo, de pequenos proprietários, de assentados e principalmente, de pessoas que trabalhavam em fazendas da região. Mas tinham também, pequenos proprietários... A maioria percebeu que ali teria a oportunidade de se profissionalizar, voltar para sua origem, ou mesmo, desenvolver uma profissão. (*Sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrotécnicas*)

Mas isso, foi somente nos primeiros anos. Ceres, ou Campus Ceres, conseguiu reverter esse quadro, desmistificar que a escola não era esse reformatório. Tanto que no início, na cidade, os meninos chegavam para fazer compra, por exemplo, num mercadinho... o dono ia junto, tal era o estigma que eles carregavam, mas a própria população começou a perceber que a escola movimentava a cidade, trazia muitas coisas boas, a vida cultural da cidade havia mudado. A cidade começou a se fixar também como prestadora de serviços, principalmente na área de Educação. Buscaram-se outros empreendimentos com outras instituições de ensino, tanto públicas como particulares.

A questão de entorpecente, também, no início era bem intensa. Mas aí com o trabalho de conscientização, de tratamento, isso em pouco prazo, os problemas oriundos dessa natureza, dentro da instituição não eram muito diferentes de escolas particulares. Então, isso foi resolvido hoje, porque não deixa de ser um paralelo.

A instituição é muito respeitada na região. Mesmo quando era Escola Agrotécnica, já era muito respeitada e, infelizmente, também, já é até um distinto de águas. Quando há um aluno, ele comenta na cidade que é aluno do Campus Ceres, ou da Escola Agrotécnica Federal, nos últimos anos, era visto até como distinto social. O cara fala assim: "Olha, o cara tá estudando dentro da Escola Agrotécnica", porque a partir do segundo ano, a oferta de vagas sempre era muito menor do que a procura. Também é ruim, porque você acaba privilegiando uma classe da qual aquela estrutura não era direcionada. Uma instituição pública de qualidade era, na minha ótica, direcionada para aquelas pessoas que tiveram menos oportunidades, porque quem já tinha

condições, teria condições de procurar também, outras estruturas para a sua formação.

E a partir do momento que você tem um processo seletivo que se você tem cinco, seis candidatos por vaga, aqueles meninos oriundos das escolas rurais começaram a ficar à margem desse processo. Aí, pensou-se em outros mecanismos de cota e tudo mais, mas para não fugir muito dessa pergunta com o Decreto (*Decreto nº 2.208/97*), ele realmente penalizou a instituição, mas a instituição à época, a sua liderança subverteu esse processo e não seguiu o Decreto.

E aí, acho que em Goiás, talvez só uma que é o Campus Rio Verde que continuou só oferecendo o curso técnico. Mas pela sua própria localização, porque ele está dentro da área urbana; foi mais fácil. Porque as nossas unidades, o Campus Ceres, ele está a 7,5 km da cidade. Então, isso dificultava muito o acesso, a locomoção, e se ele abrisse mão dos cursos integrados, ele realmente não sobreviveria. E aí nesse processo, o Decreto não influenciou muito, por isso. Porque encontramos o mecanismo de, certa forma, burlar o sistema.

Foto 13: Primeiro exame de seleção da EAFCe (1994).



Fonte: IF Goiano – Campus Ceres.

Então, o PROEP que era financiado pelo BIRD, o Banco Internacional, Mundial, não atingiu todas as instituições. Você tinha que fazer um projeto e esse projeto teria que ser aprovado, e se aprovado,

você receberia os recursos. Mas, ainda bem que isso aí não vai ser identificado. Você tinha alguns canais para aprovação deste projeto, porque senão ele não era aprovado. Tinha que ter algumas influências para isso. Eu, até onde eu sei, para por aí, mas eu não sei até que se precisava investir algum recurso para que isso fosse aprovado. Isso eu não sei. O que eu sei é que o Campus Ceres não teve o projeto aprovado, e ele não recebeu financiamento do projeto em questão.

Mas nós testemunhamos outras unidades coirmãs que receberam e o aporte financeiro contribuiu muito para uma melhoria da infraestrutura dessas instituições. Não é pauta da sua pesquisa, mas isso foi remediado, em parte, na transformação em Instituto. Porque senão a gente tinha nitidamente em Goiás, unidades ou instituições que foram beneficiadas pelo projeto e as que não foram, e a estrutura era completamente diferente.

À época, Rio Verde transformou em CEFET Rio Verde e Urutaí em CEFET Urutaí. Todos eles, financiados pelo PROEP. E hoje a estrutura não se compara com... à época, Ceres e a UNED de Morrinhos; ficaram muito para trás, mesmo, no tocante a estrutura e até quantidade de servidores e tudo mais. Com a criação dos Institutos que deu para mediar um pouco essa situação; aí o Campus Ceres, hoje, também está bem próximo das estruturas maiores dessas duas unidades que eu mencionei.

Ela (*Escola Agrotécnica Federal de Ceres*) não conseguiu aprovar o projeto de “cefetização”. De ouvir falar, é que esse projeto tinha pessoas certas para fazê-lo e exigiu um valor meio alto para a instituição. A instituição não conseguiu pagar essa pessoa, fez-se o projeto com o pessoal da casa, com os profissionais da casa, eles fizeram o projeto e tudo mais, mas o projeto não foi aprovado. Por isso que não transformou em CEFET. (*Sobre a não transformação da Escola Agrotécnica Federal de Ceres em CEFET*).

É assim, você praticamente dobrou a sua capacidade operacional (*sobre o impacto da “cefetização” para a estrutura e o ensino das instituições*). As Escolas Agrotécnicas não podiam trabalhar com o ensino superior. E com o CEFET, deu-se essa oportunidade. Então, isso inseriu a verticalização no ensino. Porque ficaram as Escolas Agrotécnicas trabalhando, exclusivamente, com o ensino técnico, numa

estrutura mais resumida, e os CEFETs viraram estruturas com aporte financeiro e de pessoal muito maior.

Foi um divisor de águas. Urutaí e Rio Verde, eles partiram para outros voos, outros horizontes, tanto que eles começaram a fazer até distinção da própria organização geral dessas instituições. Por exemplo, as Escolas Agrotécnicas ficaram vinculadas a um Conselho, todos dentro da SEMTEC/MEC, mas os CEFETs foram para outro Conselho. Então, tinham dois Conselhos distintos. A mesma fonte de financiamento que seria o MEC... na época era SEMTEC, mas lá dentro tinha essa divisão. Quem era CEFET reunia em um grupo, quem era Escola Agrotécnica e Técnica se reunia em outro grupo. Então, isso a meu ver, trouxe muito benefício para a consolidação dessas unidades que “cefetizaram”.

Como, praticamente a gente não estava seguindo o Decreto (2.208/97), para a Escola Agrotécnica Federal de Ceres, mudou um pouco. O que aconteceu foi que nós reorganizamos legalmente os nossos cursos, mas na prática, mudou pouca coisa. (*Sobre o Decreto nº 5.154/04 e seus impactos*).

Foto 14: Servidores em frente a entrada da EAFCe.



Fonte: IF Goiano – Campus Ceres.

Mudou um pouco, à época, o perfil social dos alunos, principalmente, pelo processo seletivo (*sobre a classe social dos alunos dos CEFET'S*). Enquanto nas Escolas Agrotécnicas eram... a composição dos alunos era praticamente de meninos; 90% nos primeiros anos de funcionamento da Escola Agrotécnica eram de meninos, alunos. A partir da “cefetização”, nesse período, começou a ter muita atração, também, pelas meninas. Hoje, se você chegar nos nossos Campus, provavelmente já tem mais menina do que menino, pela diversidade de curso e tudo mais.

E a classe social mudou um pouco, acredito que pela forma de seleção, muitos alunos que, realmente, eram carentes, foram formados nas escolas rurais, eles não conseguiram entrar. A partir do momento que você consegue sanar a demanda reprimida que nós tivemos dos anos todos, acaba sendo um processo mais justo, porque a partir do momento que todos que queiram estudar consigam entrar, aí você tem o número mais real.

Mas, ainda, no Campus Ceres, o processo seletivo está dando ainda, em torno de quatro concorrentes por vaga. Então, hoje, a classe social dos meninos é um pouquinho melhor; são meninos com poder aquisitivo melhor, mas ainda acredito que a escola também tem conseguido fazer seu papel social: atingir aquelas classes menos favorecidas.

CAPÍTULO V

REPUTAÇÃO REFORMADORA

“Até minha mãe me falava... eu morava em Pires do Rio, ela falava assim: “Eu vou te mandar lá para a Escola Agrícola, que você vai tomar jeito.” Então, se quisesse passar medo num menino, era só falar que ia mandar para a Escola Agrícola.” (Professor E).

[PROFESSOR E]

Idade: 49 anos

Experiência no IF Goiano: 24 anos

Localidade de atuação: Ceres

Eu até sei o dia, o mês e o ano (*sobre quando entrou para a Rede Federal de Educação Profissional*). Foi no dia dezesseis de janeiro de 1995, que eu ingressei na Instituição. Então já vão mais de 24 anos nessa instituição. Quando eu ingressei, ainda era a Escola Agrotécnica Federal de Ceres. O concurso que eu fiz foi em 1994... quando eu fiz o concurso. E a minha nomeação, a minha posse foi no dia 16 de janeiro de 1995. Então, eu estou na ativa, ainda. Sou formado em Educação Física; a minha formação é em Educação Física. Tenho um mestrado e doutorado na área de Educação.

Olha, foi a oportunidade de emprego, na época (*sobre as razões que o levaram à Rede Federal de Educação Profissional*). Na verdade, eu era ali de... tinha uma escola próxima da minha cidade, na época, eu morava em Catalão, eu estava terminando meu curso de Educação Física e tinha próxima à Catalão, uma Escola Agrotécnica, na época: Escola Agrotécnica Federal de Urutáí... Surgiu a oportunidade de um concurso, só que lá em Urutáí, não tinha vaga para Educação Física e me informaram... primeiro, até me informaram em Uberlândia, só que eu falei assim: "Uberlândia, não. Não tem outra no estado de Goiás?" E aí me informaram que estava abrindo uma nova escola em Goiás, que seria a Escola Agrotécnica Federal de Ceres, onde me levou a fazer o concurso na Escola Agrotécnica Federal de Ceres.

Então, eu não tinha o conhecimento do que seria. Porque a gente sabia mais ou menos, porque as pessoas falavam o quê que era uma Escola Agrícola. Mas não sabia o quê que seria para mim uma Escola Agrotécnica.

Olha, eu já exerci... (*sobre cargos e funções exercidos na Rede*). Primeiro, como professor de Educação Física, eu fui chefe do setor de Esporte e Lazer na Escola Agrotécnica Federal de Ceres. Depois, eu

ocupei o cargo de coordenador de Integração Escola-Comunidade, na época, era mais ou menos o quê que a Extensão faz hoje. Então, ela tinha esse nome na época: Coordenação de Integração Escola-Comunidade. Depois, eu ocupei a chefia de gabinete, na escola. Depois da chefia de gabinete, eu fui ser o Coordenador de Ensino, na escola, também. Depois, eu fui convidado para ser pró-reitor de Extensão, em 2011. Depois eu fui... depois 2011, 2012, mais ou menos, eu fui ser Coordenador da Educação à Distância, no Instituto. De 2013 até 2015, trabalhei como diretor de Implantação do Campus Trindade e hoje, eu estou como diretor pró-tempore do Campus Trindade.

Eu avalio que essa instituição me proporcionou grandes coisas. Se hoje, eu tenho a minha família, se eu pude propiciar para os meus filhos, para minha esposa, um ambiente muito bom de crescimento, foi graças ao trabalho que eu fiz... graças ao hoje, Instituto, mas inicialmente na Escola Agrotécnica Federal de Ceres. Se eu pude fazer meu mestrado, meu doutorado, crescer profissionalmente, foi por conta dessa instituição. E o trabalho que eu venho desempenhando, acho que eu tenho até como professor... acho que ele tem tido ótimos resultados na formação de jovens por esse país (*sobre como avalia seu trabalho na Rede*).

Fica difícil dizer, porque tudo te marca na Instituição (*sobre a experiência mais marcante*). Mas eu acredito que... o que eu posso dizer que marca mesmo é ver o crescimento dos alunos nessas instituições. Principalmente, isso. Porque grande parte desses alunos que vão, principalmente na Escola Agrotécnica Federal de Ceres, era filhos de classe de baixa renda, que não teriam a oportunidade, se não tivesse uma escola como essa.

De repente, você tem alunos que passaram por essa escola, que oportunizaram a eles uma dimensão maior, um futuro maior. Porque de lá, eles puderam, até mesmo, por estar dentro de um ambiente educacional diferenciado (que eu posso dizer pelo grau de especialização dos professores; professores com mestrado e doutorado), serem incentivados a procurar novos desafios.

Quer dizer, terminaram o ensino médio (na época, terminava o ensino médio já com a ajuda dos professores, o apoio e a motivação dos professores da escola), já procuraram um curso superior, depois o mestrado, o doutorado e depois, até mesmo, voltaram para escola, como professores.

Então, acho que... isso que mais me marcou dentro da instituição. Foi isso: essa possibilidade de desenvolvimento desses alunos.

É uma instituição diferenciada (*sobre Rede Federal de Educação Profissional*). Acho que é uma instituição de excelência, dentro de todo o contexto educacional brasileiro. Tanto é, que se você pegar a Rede, tanto na questão da formação profissional, como na formação do cidadão e como na formação, até para o ensino superior, é um ensino de excelência, comparado até as melhores escolas de países, que eu posso dizer, desenvolvidos, de primeiro mundo. Essa é a que é, para mim, a Rede Federal. Porque você tem, primeiro: professores diferenciados, porque você tem alunos aqui do ensino médio tendo aula com doutores, pós-doutores. Você tem uma Rede que oportuniza a esses alunos a fazer pesquisa, a fazer extensão. Então, para isso, há um ganho muito grande na educação desses alunos.

Então, a Rede Profissional, para mim, deveria ser o modelo de escola para todos os outros estados. Acho que a escola modelo teria que ser o que se faz dentro das escolas da Rede Profissional. Você tem essa questão da União, da junção entre a educação formal e a educação para o trabalho e você tem o “trabalho como princípio educativo”, dentro dessas escolas. Então, acho que esse é o diferencial e ela representa muito na formação dos alunos, nesse nosso país.

Primeiro, com a minha formação como docente (*sobre suas contribuições para o Ensino Profissional no IF Goiano*). Sou professor de Educação Física e acho que a Educação Física, ela tem, apesar de algumas vezes, ser um pouco mal vista... vamos colocar, assim: não ser tratada de maneira adequada que, às vezes, eu acredito que sim... Mas a Educação Física, ela é muito importante na formação desse cidadão, na formação desse jovem. Então, enquanto professor de Educação Física, há valores que a Educação Física transmite a esses jovens e pode contribuir.

Também, posso falar que na Educação Física, se hoje existem os jogos das instituições, por exemplo, muito partiu da semente que foi plantada, lá em 1997, ainda comigo e outros colegas à frente na implementação dos jogos.

E quanto a cargos, por exemplo, percebo que sim. Enquanto chefe de gabinete, como Coordenador de Ensino, na implementação de novos cursos, enquanto Coordenação de Ensino... Enquanto

coordenador de EAD, a gente implementou a EAD dentro do Instituto, enquanto diretor, hoje, de implantação; implantar o Campus Trindade, agora também, ser diretor daquela instituição... Uma instituição de quatro anos, já com quase 800 alunos, com quatro cursos técnicos integrados, mais três cursos superiores.

Então, isso para a comunidade de Trindade, até mesmo para a comunidade de Goiânia, é um avanço muito grande, porque você oportuniza, principalmente, para as pessoas que não têm condição de pagar uma universidade particular, uma escola particular de qualidade. Você oportuniza esse jovem a poder ir para essas escolas. E oportunizando também um maior número de vagas nos cursos superiores. Então, acho que é uma das coisas que eu posso dizer que é onde eu estava contribuindo, e continuo contribuindo.

Foto 15: Prática de Esportes na EAFCe.



Fonte: IF Goiano – Campus Ceres.

Olha, eu acredito que, primeiro, enquanto Escola Agrotécnica, no período, principalmente, ali do Fernando Henrique Cardoso, onde essas escolas foram, realmente, sucateadas (*sobre os principais desafios na história da constituição do IF Goiano*). Essas escolas, durante oito anos,

não tiveram investimentos. Você teve até mesmo a questão dos Cursos Técnicos Integrados... Foi uma coisa que aconteceu, por exemplo, em Ceres, de acabar com os Cursos Técnicos Integrados e ficar só com o curso técnico, e não ter mais o ensino médio. Isso, para a classe que vive do trabalho foi muito ruim, porque era uma escola de qualidade, que poderia estar dando a essa classe trabalhadora, um ensino de qualidade.

Então, você não tinha investimentos. Você tem em oito anos, só três professores que foram concursados dentro da escola. O investimento para custeio: quase que a escola teve que se manter sozinha, através até da própria venda das coisas que produziam lá dentro para se manter.

Foi um momento muito difícil e, apesar de que, você ainda tinha a possibilidade de estar levando essas escolas para o Estado, porque a proposta era essa. A proposta de... não seria uma privatização, mas de estadualização dessas escolas, de que cada Estado cuidasse dessas escolas. Então, acho que foi um período muito difícil, muito complicado, foi nessa época.

Olha, acho que uma das coisas que a gente pode, hoje... (*sobre o desenvolvimento da EPT na história do IF Goiano*). Primeiro, essas Escolas Agrotécnicas, até um certo período não poderiam... só poderiam ter o quê? Os cursos de ensino médio integrado aos cursos profissionais e elas não tinham autonomia para, por exemplo, criar cursos superiores. Para você criar um curso superior na Escola Agrotécnica, por exemplo, igual o de Ceres, enquanto Escola Agrotécnica, era muito difícil, uma dificuldade muito grande.

A Escola Agrotécnica Federal de Ceres não passou pelo sistema de “cefetização”, igual foi em Urutáí, em Rio Verde. Porque no processo de “cefetização”, você tinha uma abertura maior para a criação de cursos superiores... Então, a gente passou por essa dificuldade de não ter. Acho que a vantagem que veio é a questão que alguns chamam de “Ifetização”, que foi a transformação em Institutos Federais; foi a possibilidade da verticalização dos cursos.

Aí, você podia ter, dentro da mesma escola, desde o curso técnico subsequente, ou então, o Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio, a um curso superior, a um curso de pós-graduação, mestrado e doutorado. Eu até falo, por exemplo, da Escola Agrotécnica Federal de Ceres, hoje Campus Ceres, você ensina desde um vaqueiro a tirar leite,

que são os cursos de qualificação de curta duração, até um curso de doutorado.

Então você tem essa verticalização dentro da escola, que eu acho importantíssima, acho que foi um dos ganhos que teve a questão dos Institutos. Porque você tem desde a mão de obra, como se diz, a formação da mão de obra primária até um doutorado, que é uma coisa mais específica. Então acho que esse foi um ganho muito grande dos Institutos.

De Urutaí, eu tenho assim, uma leve... (*sobre a criação da Escola Agrícola de Urutaí*).. Nunca aprofundei nisso, mas parece que lá, era como se fosse uma... não sei se era tipo uma colônia penal agrícola (*na verdade, Fazenda Modelo de Criação*), uma coisa assim...

Porque Urutaí é uma das mais antigas que a gente tem. A de Urutaí, a gente pode dizer que é a mãe de todos os outros campus, porque tudo começou dentro de Urutaí, que tem mais de sessenta anos. De Urutaí, para Colégio Agrícola, até a oitava série e aí depois foi transformada em Escola Agrotécnica, depois CEFET, até IF Goiano...

Eu sei que depois teve um tempo que ela foi paralisada, que saiu de Urutaí e foi para Rio Verde e fecharam a escola de Urutaí. Tanto é que os servidores de Urutaí foram para Rio Verde. E Rio Verde ficou lá e depois reabriram a escola de Urutaí, de novo, depois de algum tempo.

A maior parte era da classe trabalhadora, predominantemente rural, que vinham estudar nessas escolas (*sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrícolas*). Assim, camadas de baixa renda e principalmente, porque eram procuradas por conta do perfil dessas escolas. Primeiro, era uma escola onde se morava na escola, tinha um internato. Então o aluno ia para lá, morava na escola, tinha alimentação dentro da escola. E o perfil também, de ser um perfil agrícola. Então, chamava... essas pessoas eram chamadas para estudar, os filhos da classe trabalhadora, principalmente da classe trabalhadora rural.

E, tinha assim, na época tem uma questão assim... Se o menino estava dando trabalho na sua casa, sempre você falava: “Vou te mandar lá para a Escola Agrícola, que ela vai dar um jeito em você”. Na época, se tinha uma visão dessas escolas como uma espécie de reformatório, que lá ia consertar o filho da pessoa.

Então, se tinha essa ideia, ainda. Até minha mãe me falava... eu morava em Pires do Rio, ela falava assim: "Eu vou te mandar lá para a Escola Agrícola, que você vai tomar jeito." Então, se quisesse passar medo num menino, era só falar que ia mandar para a Escola Agrícola.

Tem uma discussão muito grande sobre essa questão (*sobre a integração entre teoria e prática no currículo e no ato pedagógico, durante o período das Escolas Agrícolas*). Essa integração entre a teoria e a prática. Na verdade, ainda não se conseguiu, pelo menos na minha visão, essa integração. Ainda são coisas... o professor dá a prática dele... o professor da área técnica dá a prática dele aqui e o professor do núcleo comum dá as aulas dele, aqui e, nessa época aí, não se tinha essa... que é o período que você está me perguntando (*período da origem das Escolas Agrícolas*), não se tinha.

Então, professor do ensino médio dava o conteúdo dele que estava no conteúdo programático oficial e o professor da área técnica dava a disciplina dele. Pode ser, até que em alguns momentos, os conteúdos conversavam, às vezes se sobreponham. Um professor estava dando um mesmo conteúdo que o outro professor, por exemplo, um professor de Química estava dando um conteúdo e o professor da área de Agropecuária estava dando o mesmo conteúdo. Então, não se tinha uma integração. Até porque, nessa época, não existia ainda essa concepção do ensino médio integrado, não se tinha essa ideia.

A coisa, assim, estava na mesma matriz curricular, tanto é que, até na matriz, você pode observar que são coisas separadas. Você tem uma parte que é o núcleo comum, depois você tinha outra parte embaixo, que é a parte diversificada, a parte técnica. Nem na própria Matriz você tem. Por exemplo, você tinha o Português e a Matemática num ponto e depois você colocava as matérias práticas. Então, não conversam.

Quando eu entrei já era Escola Agrotécnica, então eu não participei ativamente, nessa transformação (*transformação de Escolas Agrícolas em Escolas Agrotécnicas Federais*). O que eu posso dizer é que até então, as Escolas Agrícolas não estavam ligada ao MEC. Essas Escolas Agrícolas estavam ligadas, na realidade, ao Ministério da Agricultura. E, até então, elas não eram autarquias, antes de se transformarem em Escolas Agrotécnicas. Então, não eram autarquias, eram ligadas diretamente ao Ministério da Agricultura.

E depois que houve essa transformação, essas escolas, os Colégios Agrícolas se transformaram em Escolas Agrotécnicas e se transformaram em autarquias, depois foram para o MEC. Saíram do Ministério da Agricultura e foram para o MEC, diferente do que aconteceu com as Escolas Técnicas. As Escolas Técnicas, desde a sua constituição, elas já estavam no MEC.

Foto 16: Aula teórica na EAFCe.



Fonte: IF Goiano – Campus Ceres.

Eu não sei te dizer muito porque foi uma época que eu não estava lá (*sobre a Educação Profissional durante o Regime Militar*). Até porque, em 1985 a gente ainda não estava participando. Agora, o que eu posso te dizer da LDB de 1971 é o seguinte... Se hoje, a escola pública brasileira está na dificuldade que está, foi graças a essa lei. Por quê? E, depois eu vou te responder quanto à questão... o quê que elas interferiram nas escolas de origem.

Mas, para te dizer... o quê que há na LDB de 1971? Porque tem algumas pessoas que não colocam, apesar de estar lá como LDB, mas

muitas pessoas não creditam essa nomenclatura à LDB, à essa lei que é a 5.692, porque ela só trata do ensino de primeiro e segundo grau, ela não trata do ensino superior. Mas, enfim, como está com o modelo de LDB, continua como LDB. Mas o quê que acontece? Quando você tem a promulgação dessa lei, é até interessante entender como é que foi, o porquê dessa lei de 1971, porque, na verdade, o quê que aconteceu? Antes de 1971, ali em 1964, ou então dos anos de 1950, você tem uma migração muito grande das pessoas que estavam na zona rural para a cidade.

Até então, as universidades que, na época, apesar de ter o seu vestibular, não era igual ao vestibular que nós temos hoje, que é um vestibular eliminatório. Não, era classificatório, se você conseguisse aquela média, você entrava na universidade. E quem, na maioria das vezes, dava o título de profissional eram as universidades. Então, se você observar, as universidades profissionalizaram, no Brasil. Então, ela que te dava o diploma de engenheiro, que te dava o diploma de professor... então, para você trabalhar no mercado de trabalho.

Só que com essa vinda do pessoal da zona rural para as cidades, isso começou a inchar, também, as universidades. As pessoas passavam, mas não tinha vagas. Então, dentro do convênio da época que é o MEC/Usaid (que era um convênio que se teve na época), se estipulou o seguinte: se as pessoas estavam procurando... porque que as pessoas estavam procurando a universidade? Era para se profissionalizar? “Ah, tá beleza, então vamos transformar todas as escolas do ensino médio em profissionalizante.” Por quê? Porque transformando todo mundo em profissionalizante, todo mundo vai ter uma profissão, já vão para o mercado de trabalho (porque o povo estava buscando o mercado de trabalho) e não vão para as universidades. E desafoga as universidades.

Então, a ideia principal era porque existia aquele *boom*, o milagre econômico, e aquela questão do desemprego e tal... Então, por isso que foi promulgada essa LDB, tornando todas as escolas compulsórias no ensino profissional.

Só que fizeram isso de cima para baixo. Primeiro, não estruturou essas escolas. Então, não tinha laboratórios para esses cursos e não tinha professores para essas áreas que estavam sendo constituídas. Não tinha material nessas áreas e você foi inchando essas escolas, que na maioria das vezes, tinham cursos que se repetiam.

Se pegar o pessoal dessa época, quem estudou nesse período, vai ter um curso de Contabilidade, vai ter um curso de Análises Clínicas. O de Análises Clínicas, às vezes, as pessoas nem sabiam o quê que era

fazer uma análise. Porque não tinha nem material, só tinha um quadro e pronto. Só, o quê que acontece? Existia... Era obrigação de todas as escolas? Sim, só que não existia uma fiscalização. O quê que acontece? Até essa época, quem estudava nas escolas públicas, se você for observar em 1968, você vai ver que grande parte dos, hoje, grandes advogados e médicos, estudaram em escola pública. Se você pegar antes dessa época, porque a escola pública é que era a escola de qualidade, as escolas particulares, não.

Mas o quê que acontece nessa época? Como a escola deixou de preparar para o vestibular e teve que se adequar a esse rumo, a qualidade caiu. E a classe média, que estudava nessas escolas, ela foi para onde? Ela foi para as escolas particulares, porque as escolas particulares, ainda, continuaram formando para os vestibulares. E, querendo ou não, a classe média, ela quer sempre que seu filho tenha um pouco a mais do que ela teve, para chegar até próximo à elite. Então, a classe média sai da escola pública e vai para escola particular. E quem cobra qualidade não é o rico, não é o pobre, quem cobra qualidade é a classe média. Ela que cobra. Então, a classe média saindo da escola pública, a qualidade cai.

Em relação às Escolas Agrícolas, não mudou nada, porque já se fazia isso, já se tinha isso. E muito pelo contrário, essas escolas começam a ser até centros de excelência, porque, até então, aquela pessoa que não tinha condição de pagar o ensino particular, começa a migrar para essas escolas. Por quê? Porque, principalmente o ensino médio, era um ensino de qualidade. Às vezes, a pessoa não ia nem pelo curso profissionalizante. Até mesmo, hoje. Eles vão, por quê? Por conta do ensino médio. Depois que estão lá, até gostam do curso, alguns vão inclusive para o mercado de trabalho, outros, o mercado de trabalho ajuda eles a pagarem... a se manterem no ensino superior.

Mas a questão, principalmente, com relação a LDB nº 5.692, foi essa. Para as Escolas Agrícolas Federais, como se diz, enquanto lei, não vi nenhum problema. Muito pelo contrário, o que fizeram foi elevar até um nível, até uma procura maior. Agora, para as escolas públicas foi um fracasso.

Na época (*período das Escolas Agrotécnicas*), você tinha esse modelo Escola-Fazenda que era o “fazer para aprender e aprender para fazer”. Então, esse era o modelo de Escola-Fazenda. Os alunos iam para lá e faziam todas as atividades pertinentes a uma fazenda. Ele

tinha as aulas teóricas na parte técnica, depois na prática, eles iam colocar a mão na massa.

Por exemplo, na avicultura: eles tinham que ir remover toda a cama de frango, tinham que fazer o assoamento, colocar ração pros frangos, tinham que colher os ovos. Lá na Suinocultura, a mesma coisa, tinham que cuidar, limpar as baias, cuidar dos leitões, cuidar das matrizes, cuidar do varão.

Eles colocavam em prática, aquilo que estavam vendo na teoria. E isso era muito importante, porque via uma coisa na teoria e na prática. Podiam fazer essa conexão. Então, foi importante, nessa época, para a questão do aprendizado do aluno.

A COAGRI foi, como se fosse, hoje, a SETEC para os Institutos. Foi onde todas as Escolas Agrícolas estavam ligadas. Agora, eu não tenho muito conhecimento, porque quando eu entrei na instituição já era SEMTEC, que era a Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico, já não era mais a COAGRI. Até porque a COAGRI, na época, acho que era ligada ainda... se não me falha a memória, ao Ministério da Agricultura. Depois, teve uma época que passou para o MEC. (*Sobre a importância da COAGRI para o desenvolvimento das Escolas Agrotécnicas*).

Foto 17: Alunos da EAFCe em aula prática de Suinocultura.



Fonte: IF Goiano – Campus Ceres.

Assim, foi a desgraça das Escolas Agrotécnicas e Técnicas. Porque, através desse Decreto (*Decreto nº 2.208/97*), o quê que ele fazia? Fez, principalmente, separar o ensino médio do técnico, onde de certa forma, obrigavam as Escolas Técnicas a tirar o ensino médio da matriz curricular e ficar só com o curso técnico. Isso foi uma perda muito grande, porque você tinha os alunos ali, que iam pra lá para fazer o ensino médio, faziam pouco ensino técnico. Caiu vertiginosamente, na época... quando tirou o ensino médio, caiu vertiginosamente o número de matrículas. Se entrava, por exemplo, 180 alunos, passaram a entrar 70. Isso aconteceu na Escola Agrotécnica Federal de Ceres. (*Sobre o Decreto nº 2.208/97 e seus impactos*).

E outra coisa foi assim: ou você tira o ensino médio ou você não ganha verba. Então, era vinculada uma coisa a outra. Dentro do Decreto 2.208, você tinha ainda um programa, o PROEP, um programa da Expansão. Pra você ganhar o dinheiro, receber essa verba, que era em torno de R\$500 mil para cada instituição, na época, você tinha que se adequar às solicitações desse PROEP. Se você não se adequasse a isso, você não recebia verba. E uma das coisas que eles colocaram, de forma não explícita, mas de forma implícita, é que se você tivesse o ensino médio lá dentro, você não ganharia essa verba, esse auxílio para dentro da escola.

Para mim, principalmente, acho que uma das piores coisas do... tiveram outras coisas no 2.208, mas acho que a principal foi essa: a desvinculação do ensino médio da parte técnica de forma, assim: ou você faz ou você não recebe dinheiro.

Nessa época (*período das Escolas Agrotécnicas*), você tinha, ainda, grande parte dos alunos, lógico, você tinha exceções, um ou outro, mas a maior parte era de classe média baixa, para baixa. E grande parte, ainda, filho de produtores rurais, pequenos produtores rurais. Você tinha pessoas que não eram ligadas, mas a maioria ainda era de comunidades onde a agropecuária dominava (*sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrotécnicas*).

E porque eles vinham para cá? Por conta da questão do internato, da assistência estudantil que era dada a esse aluno. Porque se você tirasse o internato dessa escola, por exemplo, igual em Ceres, que eu acho que chegou a comportar mais de duzentos alunos internos,

você não teria alunos na escola. Se você tirar o internato dessas escolas, cai muito, principalmente, no ensino técnico e ensino médio, o número de alunos nas escolas.

Sou crítico com a questão do PROEP (*sobre as contribuições do PROEP*). Porque acho que o PROEP, apesar de ter vindo alguma verba, no final, em questão social, foi muito pior. Você tirou, igual eu estava explicando antes, você tirou o ensino médio das escolas. Até então, apesar de não chamar ainda, não ter aquela concepção de ensino médio integrado, mas você tirou a integração que existia, na época. Você separou, tanto é que, nessa época, se você queria ter o ensino médio, você não iria receber essa verba. Porque alguns dos critérios lá seriam isso.

Então, pra mim, eu acho que o PROEP foi muito mais... lógico, teve aqueles que se propuseram a fazer, receberam a verba, melhoraram a sua infraestrutura. Em questões orçamentárias, foi ótimo, mas em questão social, foi terrível, foi péssimo. Porque, às vezes, você tinha uma estrutura pronta, mas você não tinha aluno para estudar naquela estrutura. Você tinha o dinheiro, você tinha tudo, mas não tinha aluno. Por quê? Porque os alunos não iam. Se antes você entrava com 180 alunos, quando você tirou o ensino médio, desintegrou o ensino médio e ficou só o técnico, você caiu para 70.

Então, e na época, existiam alguns dos consultores, até porque isso foi uma proposta do Banco Mundial para essas mudanças. Os consultores falavam que as Escolas Técnicas e Agrotécnicas não estavam ali para formar para o ensino médio. Colocavam até que as pessoas que tinham que ir para lá, não iam... Mas não iam por quê? Porque eram poucas vagas, principalmente, nas Escolas Técnicas, nas Agrotécnicas até que não, mas nas Escolas Técnicas, por exemplo, era a classe média que invadia essas escolas. Porque tinha um vestibularzinho ali, um processo seletivo que as pessoas tinham que entrar.

Então, não é questão dessa crítica que faziam, o que tinha que fazer era aumentar. E eu ainda falo que as nossas escolas, hoje, ainda são excludentes. As nossas escolas em todos... os Institutos. Excludente, por quê? Porque nós somos uma escola pública, gratuita e de qualidade, mantida através de impostos, a gente tinha que ter vaga para todo mundo. Por que ela é excludente? Porque, na maioria das vezes, a gente coloca concurso de 40 vagas. Para você ter uma ideia, em Trindade, são 40 vagas, mas tem curso que dá cinco por vaga.

Então, você aproveita um, mas deixa quatro de fora. E eu acho que a escola pública não devia fazer isso. Então, ela é excludente por isso.

Tinha que ter vaga para todo mundo, tinha que sobrar vaga, na verdade. Então, a questão do PROEP, o que eu vejo é isso. Para mim, para outros podem até ter uma outra visão, mas para mim, veio muito mais para piorar a situação das escolas, no nível social do que para ajudar.

Principalmente, porque a gente não entrou no PROEP. Então, uma das coisas foi essa. Não aderiu ao PROEP e existiam algumas questões lá mas, principalmente, foi essa. Era uma adesão à questão do PROEP. Bom, pelo menos na minha época, foi o que eu entendi.

Outra coisa que devo mencionar é porque tiveram também questões políticas. (*sobre porque Ceres não foi “cefetizada”*).

Para quem se transformou em CEFET, igual Rio Verde e Urutaí... (*sobre o impacto da “cefetização” para a estrutura e o ensino das instituições*). Principalmente, em questão de você ter criado novas funções, aumento de funções gratificadas dentro da instituição, em que você poderia criar mais departamentos, foi uma das questões.

A questão, também, do aumento, até no orçamento dessas instituições. Veio trazer a possibilidade de criação de cursos superiores, porque aí dentro do CEFET, já havia essa possibilidade, de criação de cursos superiores até pós-graduação.

Então, acho que uma das questões maiores da “cefetização”... O aumento também de número de servidores dentro da instituição. Então, a “cefetização” trouxe isso.

Vou falar de uma maneira global. Através do 5.154, você trouxe novamente a possibilidade da integração entre o ensino médio e o curso técnico. Então, deu essa oportunidade. E com isso, você pôde trazer mais alunos para dentro da escola. E eu acho que o grande pulo do gato, a grande contribuição do 5.154 foi isso: a possibilidade, novamente, da integração entre o ensino médio e os cursos técnicos, dentro de uma nova concepção de integração, diferente um pouco daquela que existia antes do 2.208. (*Sobre os impactos do Decreto nº 5.154/04 nos CEFET'S de Rio Verde, Urutaí e na EAFCe*).

Continuou, ainda, principalmente dentro dessas escolas... (*sobre a classe social dos alunos dos CEFET'S*). Por quê? Primeiro, porque não mudou muito do que era. No meu ponto de vista, no meu modo de ver. Até porque, são escolas que estão no interior do Estado. Se você pegar Urutaí, Rio Verde, Morrinhos, Ceres... estou pegando as mais antigas... Elas estão dentro de um contexto, que são Escolas Agrícolas. Ainda existe aquela visão de quem vai lá para essas Escolas Agrícolas, para fazer um curso técnico, vai ser formado para ser peão, aquela coisa... Mudou um pouco, mas ainda existe essa estigmatização, dentro dessas escolas.

Então, quem procura essas escolas para fazer, principalmente, esses cursos mais na área agrícola, que é o grosso dos Campus do Instituto Federal Goiano, continua sendo essa classe menos favorecida. (*Sobre a classe social dos alunos, no período de transformação das instituições em CEFET's*).

Foto 18: Criação de gado em Ceres.



Fonte: IF Goiano – Campus Ceres.

PARTE III

Campus Morrinhos



Fonte: Arquivo do IF Goiano – Campus Morrinhos.

CAPÍTULO VI

DECRETO TERRÍVEL

“Se de manhã, ele estava lá em Morrinhos, estudando, fazendo ensino médio, à tarde ele tinha que vir para fazer o ensino técnico. Aí não dava tempo. O tempo é muito curto, é longe a distância. Foi um ponto negativo.” (Professor F).

[PROFESSOR F]

Idade: 56 anos
Experiência no IF Goiano: 32 anos
Localidade de atuação: Morrinhos

Eu iniciei em 1986, no mês de agosto (*sobre quando entrou para a Rede Federal de Educação Profissional*). Eu posso aposentar desde o ano passado, desde 23 de novembro de 2018, eu já poderia aposentar. Mas como estou como diretor-geral, estou aguardando o final do meu mandato, que vence em 19 de janeiro de 2020. Não sei se eu vou aposentar, ainda. Vai depender da política do governo atual. Agora, como aluno, você não perguntou, mas eu vou adiantar, eu também sou aluno de origem do Colégio Agrícola (*legalmente, era Ginásio Agrícola de Urutáí*). Eu entrei em mil e novecentos... eu sou da segunda turma formada em Urutáí, em 1979 e me formei em 1981, em Urutáí.

**

Em 1979, quando eu iniciei, no Colégio Agrícola, como aluno, tinha um professor chamado Leacir (*sobre as razões que o levaram à Rede Federal de Educação Profissional*). O professor Leacir dizia... ele era formado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e era professor nosso. Ele falava assim: “Olha, você que já tá no terceiro ano, no ensino médio, já está terminando e vai fazer vestibular, eu acharia interessante que você fosse para o Rio de Janeiro, fazer aquele vestibular que tem no Rio, o convênio e que a Rede Federal... porque agora o governo...”. Porque no meu tempo, os professores eram Técnicos em Agropecuária e alguns professores tinham a formação de Agronomia, Veterinário e Zootecnista. Mas a maioria, todos eram Técnicos em Agropecuária.

Naquela época que eu estava fazendo o terceiro ano, o governo programou, pegando os professores que eram formados em “Técnico em Agropecuária”, faziam o esquema dois. No esquema dois, ficavam ali dois anos, fazendo curso fora; o governo bancava eles para ajudar na formação didática. E os professores que tinham a graduação, tipo Zootecnia, Agronomia e Veterinária, eles mandavam fazer o esquema um, para aprender a parte didática. Aí começou a mandar o governo, também, mandando... a cada lote, iam dois professores. Eram dois

esquema um, dois graduados e esquema dois, que eram os formados em Técnico em Agropecuária, que ficavam dois anos fazendo curso, que saíam com Graduação para eles. Porque só tinham o curso técnico.

E nisso o Leacir falou: “Eu não vou, eu tenho Licenciatura. Então, a política do governo agora é todo mundo fazer Licenciatura. Por isso que estão mandando os Técnicos em Agropecuária para fazer esse Esquema dois, para formação de graduação e tendo a parte pedagógica e mandando os graduados para fazer os cursos... esses zootecnistas, esses veterinários, esses agrônomos, para fazer esse Esquema um, para poderem ter a formação pedagógica. Então, eu sugiro que você vá para o Rio de Janeiro, fazer esse curso de graduação em Licenciatura de Ciências Agrícolas, para você entrar na Rede. A Rede está contratando todo mundo.”.

Porque, naquela época, não existia concurso. Existia o concurso interno, não tinha concurso “geralzão”, no Brasil todo. E foi dito e feito. Eu fui para o Rio de Janeiro, fazer o curso de Licenciatura em Ciências Agrárias, de duração de quatro anos. Lá eu verifiquei durante o curso que, realmente, todo mundo que ia formando já ia entrando na Rede, substituindo aqueles professores, do Técnico para Graduado e começou a ocupar o espaço. E foi o que aconteceu também, comigo, porque eu iniciei a carreira lá em Salinas, na Escola Agrotécnica Federal de Salinas, em Minas Gerais. Por isso, essa opção da Rede... foi assim que iniciou a minha vida profissional.

Eu sou daqueles professores que pega a escola do zero e vou instalar a escola. Eu comecei em Salinas, Norte de Minas, como professor, em 1986 (*sobre cargos e funções exercidos na Rede*). E o Professor Francisco Aldivino Gonçalves, que era o diretor em Salinas, me convidou para abrir uma escola nova em Araguatins, que naquela época, era Goiás e que depois, virou Estado de Tocantins. Aí fui com o professor Francisco, iniciei a carreira com ele, de como abrir uma escola nova.

Lá, eu fui professor de Educação Física, professor de Programa de Saúde, professor de Biologia, professor de Cooperativismo, professor de Administração Rural e também fui orientador... Implantei a cooperativa escola, porque naquela época, existia uma cooperativa escola em cada campus. Em cada Escola Agrotécnica tinha uma cooperativa que se chamava assim: Cooperativa Escola dos alunos da Escola Agrotécnica Federal, em nome da cidade. Então, eu implantei essa Cooperativa e fui orientador.

E também, eu era diretor de produção e extensão, porque esse diretor de produção e extensão era quem cuidava da produção da fazenda. Tinha o refeitório, alojamento e tinha que produzir. Naquela época, tinha que produzir para se manter e a cooperativa tinha que ajudar na comercialização, tanto para comprar insumos, como para vender. Então, na Cooperativa, a gente fazia isso. E que era mão na roda, porque facilitava essa questão: a licitação, não tinha isso, era bem rápido e desenrolava bastante.

E depois disso, eu fui para Rio Verde em Araguatins, eu fiquei 11 anos, eu fui para Rio Verde, fiquei um período lá, dando aula de Administração e Economia Rural; um prazo curto, porque eu fui convidado para ajudar a abrir uma escola em Morrinhos, em 1998.

Eu fui para Morrinhos. Lá, eu fiquei por 10 anos. Eu iniciei como vice-diretor, fiquei um ano como vice-diretor, depois nove anos como diretor-geral e dava aula de projetos. Então, ensino de projetos. Nesse período, eu também fiz o meu mestrado no Rio de Janeiro, na parte de Educação Profissional. Trabalhei muito com experimentos de milho doce, que também fez parte do meu projeto do mestrado.

E depois, eu fui convidado pelo MEC para abrir uma escola em Mato Grosso do Sul, aí fui abrir uma escola em Mato Grosso do Sul, em Nova Andradina. Fiquei três anos e meio, abrindo essa escola. Lá, também dava aula de projetos. Depois, eu fui convidado pelo Reitor... aí já era Instituto. O Reitor me chamou para trabalhar aqui no IF Goiano, em Iporá, porque o atual diretor que estava, tinha ido para Uberlândia. Iporá só tinha um ano de funcionamento; praticamente a gente começou no início dela. Eu, hoje, estou lá já tem oito anos, praticamente... quase oito anos, em agosto faz oito anos.

Foto 19: Produção de milho na UNED Morrinhos.



Fonte: IF Goiano – Campus Morrinhos.

Cada lugar era diferente (*sobre a experiência mais marcante*). Era diferente, cada região. Por exemplo, em Araguatins, por ser uma cidade pobre, a parte financeira, os recursos... já tinha passado da administração direta, já tinha virado autarquia. Mas o recurso era difícil, por exemplo: as obras, ainda o recurso era passado para a prefeitura. Antigamente, naquele tempo, os recursos eram para a prefeitura, e ela que administrava os recursos para obras. Era terrível. E aquilo amarrava, porque ia para a prefeitura e aí na prefeitura tem umas mais honestas, outras meio desonestas. Foi duro. Mas fazia, mas não assim, aquele planejamento mais rápido...

Então tinha essa dificuldade e a região era muito pobre, onde eu estava em Araguatins. Então, o local da implantação foi dez, porque atendeu a região do Pará, Maranhão, ali do Tocantins, região pobre, porque aqueles alunos precisam mesmo. Eram todos alunos maduros. Agora, dificuldade... cada lugar que eu passei, uma dificuldade diferente.

Por exemplo, quando eu cheguei em Morrinhos, era Unidade Descentralizada, ela pertencia a Urutaí. Então era, por exemplo, os servidores; eu tinha 66 servidores do Estado. Havia um convênio com o Estado, que mandava os docentes e administrativos. E trinta e três funcionários da Prefeitura. Esses trinta e três funcionários da prefeitura,

eram funcionários de apoio: motorista, pessoal da cozinha, pessoal da limpeza, segurança... era prefeitura.

Então, eram dois grupos de servidores: Trinta e três da prefeitura e sessenta e seis do Estado. E naquela época, quando eu cheguei, era um governo só: tanto prefeitura e Estado eram PMDB. Mas durante um período, teve a eleição e o Estado que era PMDB perdeu, aí entrou o PSDB. E isso embalou um pouco na administração, porque os caras queriam mandar lá dentro. Por ter funcionário registrado, achava que tinha o poder de mandar. Como a prefeitura, também, achava que mandava. E aí, nunca deixei acontecer, mas foi uma situação diferente.

E no Mato Grosso do Sul, já foi diferente, porque lá em Nova Andradina, tinha muitos anos parado, estava lá tudo apagado e não conseguia acontecer a escola. É um recurso que tinha feito a escola, que estava abandonado, e eu fui lá, realmente. Eu conheci o alojamento, as salas, tudo abandonado. Teve que quebrar todo o telhado, fazer outro telhado, porque estava tudo abandonado. A parte elétrica não aproveitou nada, nem a parte de fios telefônicos, nada. Nós trocamos tudo. As pessoas da comunidade não acreditavam na gente, porque tantos que já foram lá e nunca funcionava a escola. Aí, eu fui para lá de carro, para o MEC. Foi um desafio muito grande, porque ninguém confiava na gente, eles achavam que ia ser mais um que estava chegando.

Inclusive, disseram que eu era um artista: “mais um artista acabou de chegar na cidade, que veio para enrolar aqui na cidade esse Campus que não ia funcionar”. Mas, graças a Deus, mas sempre Deus do meu lado, senão não tinha condição nenhuma. Não só lá, mas todos os passos foram na presença de Deus, que eu consegui enfrentar esse desafio e conquistar. E foi um desafio diferente dos outros que eu tenho passado.

E depois, cheguei em Iporá, já como Instituto Federal, aí é outra vida... Aí com esse governo Lula, que injetou um dinheiro muito grande, dentro dos Institutos. Isso, a gente tem que admitir. Que foi ele que deu um impulso, que antes eram poucas Escolas Agrotécnicas no Brasil. Então, com essa criação dos Institutos, que iniciou, lá na época... com o Estado do Mato Grosso do Sul, foi aquela expansão.

A Rede, para mim, é tudo (*sobre a Rede Federal de Educação Profissional*). A Rede é sucesso, principalmente, para atender os alunos. Dá oportunidade para o aluno entrar no técnico, fazer o ensino técnico e médio, depois verticaliza, termina a graduação e pode fazer uma

especialização, depois um mestrado, depois um doutorado. Ela dá oportunidade para que o aluno verticalize, ali dentro. Um curso gratuito, a Rede oferece professores de alto nível... é tudo concursado, de alto nível, dá condição de o aluno ter bolsa, condições de depois disputar, alimentação, se for um aluno carente, tem vários tipos de bolsas.

É o que aconteceu, eu era aluno do tempo do Colégio Agrícola que não tinha essas condições, que me ajudaram, já naquela época. Porque eu fui aluno alojado, tanto no Colégio Agrícola, como na Universidade. Se não tivesse alojamento para mim, uma alimentação, não tinha condições nenhuma. Minha família não tinha condição.

Então, eu devo tudo à Rede. Sou, hoje, diretor há 23 anos... Diretor, por causa da Rede, que me deu essa oportunidade. Eu que estou falando tanto de aluno... porque só de servidor tenho 33 anos - e tenho mais três anos de Colégio Agrícola, que me ajudou muito... Por isso, à Rede eu devo tudo.

Eu considero que eu tenha contribuído (*sobre suas contribuições para o Ensino Profissional no IF Goiano*), por quê? A pessoa que vem do Colégio Agrícola sabe... já veio aprendendo ali, no meio do Colégio Agrícola, convivendo no alojamento, no bandejão, no arroz e no ovo, naquela dificuldade, convivendo ali, alojado. Só ia para casa; só nas férias de julho e dezembro, por morar longe. Ficava todo o final de semana fazendo rodízio. Fim de semana tinha um rodízio... Nas férias você não poderia ir para casa, você tinha que pegar uma parte dela; uma parte de dias para ficar, para fazer rodízio. Então, quer dizer, eu vivi intensamente, contribui com essa aprendizagem que eu tive, e levei adiante.

Eu comecei a trabalhar em Salinas, lá em Minas e fui aprendendo, cada dia utilizando aquele tempo lá... Eu sei aonde que precisa. Porque, geralmente, tem muito aluno carente, tem muito aluno carente... E tenho falado para os alunos o quanto que a Rede tem ajudado a vida deles. Às vezes, vem algum servidor reclamar da vida e dizer que está tudo difícil e eu tenho falado: "Você não sabe o que é dificuldade." Pelo que eu passei... E esse tempo que eu passei alojado não tinha terceirizado. Bem lembrado, em 1979 não existiam servidores terceirizados.

Quem fazia a limpeza, ajudava... só tinha um servidor. E lá na cozinha só tinha um cozinheiro e quem ajudava era os alunos. Lavar bandeja, picar alface, picar tomate, eramos nós. Na limpeza, tinha um servidor e a gente trabalhava junto com ele. Ele era efetivo e a gente

ajudava a limpar os banheiros. Porque tinha o rodízio e éramos nós que fazíamos. E o serviço do campo, quem ia para o campo... não tinha terceirizado... nós, alunos que íamos para o campo, com a enxada, o trator, todo o serviço era feito por nós.

Eu vou falar como aluno e como profissional (*sobre os principais desafios do IF Goiano*). Para mim, cada dia está melhor, apesar de alguns professores questionarem. O que eu questiono é só a questão da atividade prática. As práticas, antigamente, éramos nós que fazíamos, os alunos. Hoje, é mais difícil você ver alunos irem pro campo, juntos com o professor. Hoje, o aluno não quer ir para o campo. Está igual às universidades. Porque nas universidades normais não vão para o campo. E os Institutos Federais, antes, quando eram Colégios Agrícolas, tinha os alunos que faziam a prática, tinham que ir. Hoje, se você botar aluno para ir para o campo, aí vai um defensor público. Hoje, até pra você botar o aluno no campo, você tem que saber conversar. Porque se você forçar: “Olha, vamos capinar, aqui”, dependendo do que falar com o aluno, vai achar que está querendo torná-lo peão.

Mas o que me ajudou muito foi as práticas. É, lá no campo: pegar, com sol, suor. Aquilo, sim. Agora, o que eu falo do lado negativo, eu acho que é questão de prática que está faltando. Apesar de alguns professores, no Campus específico de Iporá... tem aluno nosso... que vai muito no campo, porque é lá no campo que você aprende, que atua; não é só no quadro negro.

Agora, a vantagem do IF foi a questão financeira, porque naquela época não tinha dinheiro, não tinha ônibus para viagem técnica. Hoje, nós temos ônibus, nós temos van, nós temos carro. Tinha... era um carrinho, só, e ônibus velho, que não podia viajar para nenhum lugar, não conseguia. Hoje, nós temos ônibus novos, carros... Então, carro para você fazer visita técnica, projeto de pesquisa, tudo pode ser feito. O ambiente é propício para executar qualquer atividade, hoje, do nível técnico até para o doutorado.

Então, cresceu demais. Eu não imaginava que a transformação do CEFET para o Instituto Federal Goiano seria tão positiva, como foi.

Foto 20: Alunos entrando no ônibus escolar em Morrinhos.



Fonte: IF Goiano – Campus Morrinhos.

Como eu disse, na época do Colégio Agrícola (*sobre o desenvolvimento da EPT na história do IF Goiano*). Quando eu comecei, chamava Colégio Agrícola de Urutai; como aluno (*legalmente, chamava-se Ginásio Agrícola de Urutai*). Tinham aquelas atividades práticas. Aí, quando eu fui trabalhar em Salinas, continuou o mesmo período de aluno. O trabalho tinha... a gente ia para o setor... o professor de Suinocultura, ele ia para o setor, ele passava oito horas lá dentro, por dia. Lá tinha o quadro no setor, dava as atividades, depois tinham atividades de aulas práticas. Ele ia lá para a Suíno, fazer as atividades práticas: cortar umbigo, cortar dente.

No aviário era a mesma coisa. O professor do aviário ficava oito horas... todo mundo trabalhava 40 horas; ficava lá, oito horas por dia, no setor. Avicultura, Suinocultura, Mecanização, Culturas Anuais, Culturas Perenes, todos tinham o seu setor.

Então, tinha um professor e ficava lá, com as atividades de teoria e a prática. Teoria e prática; meio período. Das sete às onze, por exemplo. E das treze às dezessete, ele ia para a sede, para a sala de aula, para ver a parte do ensino médio. Trocava. Quando ele estava à tarde, fazendo o ensino médio de tarde, de manhã ele estava fazendo as atividades para as aulas práticas, que era a parte técnica: Zootecnia,

Agricultura, Agropecuária, o que fosse. O aluno teve isso aí em Salinas, em Araguatins também.

Aí, chegando em Rio Verde, já começou a mudar. A política começou a mudar, mas continuou essa atividade prática. Chegou em Morrinhos, continuou essa atividade prática. Foi acabar depois que iniciou o Instituto Federal. Depois que virou Instituto que realmente deu uma mudança radical. Hoje, o professor pode se capacitar, afastando total ou parcial

Naquela época não tinha capacitação. A política do governo não permitia... então ele ficava direto, quarenta horas, ali, por semana. Hoje, não. Já o aluno tem aula só teórica, não vai muito para o campo. Vai em algumas atividades, mas não como era antes: ficava lá direto. Mudou muito. Eu senti muita falta. E os veteranos falam nisso.

Mas tem o lado positivo que é a capacitação... hoje, há a possibilidade de... nós termos quase vinte por cento do quadro, que podem capacitar. Nós liberamos quinze por cento para capacitação e cinco por cento para saúde. Em caso de gravidez, doença, nós temos cinco por cento e é preciso contratar um professor substituto. Por exemplo, você tem lá cem professores, você pode tirar quinze para capacitação. Quinze por cento para fazer mestrado e doutorado. Mas o que eu questiono não é a liberação para capacitação, isso aí, beleza. O que eu questiono é a aula... não tem aquela atividade de campo, como era antes, não vai... só fica na teoria.

Os Colégios Agrícolas, geralmente, quando tinham, aqueles mais antigos, eram todos afastados, Zona Rural... E era, praticamente, um preconceito, achavam que Colégio Agrícola não tinha estrutura. Por exemplo: não tinham carros, eram carros velhos, ônibus velho, os carros eram aquela Brasília ou Parati e uns velhos. Havia poucos equipamentos na fazenda de maquinário agrícola, muito pouco, não tinha investimento. Então era um negócio assim... e alojamento muito rústico, muito bruto. A comida, não era qualquer um que aguentava; entrava muita gente e saía rapidamente. As pessoas que tinham certas condições não conseguiam ficar, porque a alimentação era difícil. Então ficava, realmente, quem precisava, quem não tinha condições.

O nível socioeconômico era baixo porque... imagina, aquela pessoa que tinha uma certa condição financeira, que tinha uma alimentação boa não aguentava. Eu lembro que a gente passava comendo ovo a semana toda. Todo dia era aquele carne com osso. Para

quem era de baixas condições financeiras, aquilo era ótimo. (*sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrícolas*).

Pois é, como eu até comentei (*sobre a integração entre teoria e prática no currículo e no ato pedagógico*). Quando era Colégio Agrícola, Escola Agrotécnica até CEFET, era uma integração total: atividade teórica e prática. Isso existia mesmo. E eu, quando aluno, eu fui de Colégio Agrícola, e depois eu trabalhei como professor de escola, depois diretor de Escola Agrotécnica, depois CEFET, depois de Instituto... Mas até a Escola Agrotécnica e CEFET tinham atividades práticas que eu mencionei. O aluno ficava meio período, vamos dizer, de manhã, das sete às onze horas, fazendo ensino médio, dentro da sede. E das treze às dezessete, ia para o campo fazer a atividade... a parte técnica. Se era Suíno ele ia para a aula de Suinocultura o dia todo, ficava lá... Teoria e prática. A manutenção era feita pelo aluno.

O aluno tinha que fazer a manutenção. Você não tinha servidor terceirizado. Tinha que, além da aula, fazer a prática; dar ração, dar água para o leitão. E isso, servia para o aviário, para a bovino, todas as atividades eram assim. Depois que virou Instituto, começou a colocar os terceirizados.

Os terceirizados começaram a fazer as atividades. A limpeza quem fazia eram os terceirizados, porque, antigamente, quem fazia eram os alunos. A alimentação tinha um cozinheiro e os alunos que ajudavam, agora com o Instituto, você botava os cozinheiros e tudo era terceirizado. Aí acabou, não tem atividade prática. Mas tudo bem, essa parte até fico calado, que é limpar banheiro, isso aí não é nem papel mais.

Aquela atividade prática que você fazia antes, acabou. De vez em quando que vai para o campo. Eu acho que perdeu muito, é isso que eu te digo. Não é por falta, não, era para ser até melhor, porque o orçamento cresceu bastante. Eu posso falar, porque eu peguei um orçamento terrível. Porque eu fui diretor em vários momentos, na época de vacas magras.

Ah, isso aí foi questão política (*sobre a transformação das Escolas Agrícolas em Agrotécnicas*). Foi mudando, foi mudando e aí resolveu. Isso foi até bom. Melhorou, do Colégio Agrícola para

Agrotécnica deu um impacto. Mas o impacto maior foi quando virou CEFET. Daí, o impacto já foi maior.

Mas quando virou Agrotécnica... Por quê? Porque até os agrotécnicos começaram a fazer o curso superior. Porque na política do governo, o que queria é que quem virasse CEFET, é que podia ter curso de graduação. Mas mesmo assim, tinham alguns colegas de escola que estavam começando a colocar curso de graduação, mesmo não sendo CEFET.

Mas o impacto, a verticalização foi quando virou CEFET. Mas enquanto estava de Ginásio para Escola Agrotécnica, não mudou muito, não, tava bom, tava... só não vinha recurso.

Foto 21: Sistema de irrigação na UNED Morrinhos.



Fonte: IF Goiano – Campus Morrinhos.

Quando eu iniciei, foi em 1986, já tinha acabado a parte política (*sobre a Educação Profissional durante o Regime Militar*). Até 85, né? E eu entrei em 86. Mas eu ouvia os boatos que o presidente da COAGRI, sempre eram os militares que os colocavam. Então, tudo era meio militarizado, mesmo. Era hino nacional, aquelas coisas que tinham. Mesmo não tendo trabalho, a gente tinha um ritmo. Por exemplo, no final de semana o diretor chegava na frente e todo mundo fazia continência,

ficava como se fosse uma continência. Ficava todo mundo, ali na fila, esperando as ordens determinadas.

Era um respeito muito grande com o docente. Então, no final de semana, a gente não tirava folga; tinha que fazer a manutenção dos setores. Aí chegava e já enquadrava; todo mundo ficava lá em continência, aguardando as determinações. Mesmo tendo acabado a época de militar.

Então, já era costume. Eu não peguei, já tinha acabado, mas se tinha aquele... vamos dizer, o ranço. Mas é um ranço... que eu não achava negativo, eu estava aprendendo. Até porque, naquela época, só tinha alguns alunos difíceis. Então, tinha que arrochar, mesmo, porque senão você não dava conta. Apesar de que a droga não se via naquela época. Se tivesse era raro, diferente dos tempos de hoje.

Ah, isso aí era com o professor Campos (*sobre o Sistema Escola-Fazenda*). Ele viajava a todos os campus, dando curso de Escola-Fazenda. Ele mesmo, eu era diretor em Araguatins, eu chamei; foi ele e o professor Geraldo e deram um curso de 40 horas, um curso de Escola-Fazenda. E explicando para os professores sobre a importância desse curso para os alunos. Era aquela... teoria e prática. Teoria e prática tem que estar casados.

Porque estavam chegando professores novos e ele continuava divulgando isso no Brasil todo, dando o curso sobre Escola-Fazenda, de 40 horas, falando da presença do professor ao campo; da importância do professor em levar o aluno para o campo, para dar atividades. Então, eu acho que esse curso de Escola-Fazenda foi importantíssimo. Apesar de que tinha críticas de alguns mais novos que estavam chegando. Eu cansava de ver colega criticando o sistema de Escola-Fazenda, que sempre foi importante.

A COAGRI deu o que falar. Tinha o Lamounier, famosíssimo, diretor da COAGRI que apoiava, realmente, as escolas, apesar de que alguns o criticavam.

Mas quando formei, terminei o técnico e fiz a graduação, ainda peguei a carreira da COAGRI no primeiro ano... Em 1986 também, já era COAGRI. O que era ruim da COAGRI é a administração direta. O recurso do orçamento era ela que determinava, não era a administração. Você não tinha um orçamento para fazer. Então, o orçamento que vinha, eram eles que mandavam. Era amarrado, era mais difícil.

Depois que virou administração indireta, autarquia, aí sim, a gente tinha um recurso. Aí com recurso seu, você sabia o que fazer. Quando era COAGRI, não, você tinha de ficar “pedindo bênção”. Então, como autarquia, com recurso, você sabia o que fazer.

Teve o lado positivo, porque a COAGRI sempre promoveu curso. Eu lembro muito bem quando eu cheguei em Salinas, Norte de Minas, já me mandaram fazer um curso de Irrigação e Drenagem do CNEA, em Sorocaba. Fiquei 30 dias para fazer o curso. Um curso de alto nível. Curso pago por eles. Investiam nos Professores.

Então a COAGRI foi muito boa, vivia mandando os professores para fazerem cursos. Investia em capacitação. Então, quer dizer, queria qualidade com os alunos. O Lamounier era o diretor na época, depois passou para o Hélio Paulo, que continuou o mesmo ritmo. Foi excelente, mas aí depois foi mudança de governo, acabou e transformou em autarquia. Aí foi mudando as coisas.

(*Sobre o Decreto nº 2.208/97 e seus impactos*). Esse aí foi bem na época que eu estava indo pra Rio Verde, em 1997. Eu lembro muito bem, a escola de Rio Verde separou total. Rio Verde acabou com o ensino... porque o governo fez a mudança, querendo acabar com o ensino médio. Eu lembro que Rio Verde pegou os cursos que eram integrados, ficou apenas os concomitantes... os cursos técnicos.

Eu lembro que eu era diretor em Morrinhos, nessa época, lá a gente começou... porque a gente tinha o Curso Técnico em Agropecuária... Aí o curso era de três anos, ficou um curso de dois anos, um ano e meio. O Agropecuária, ele tem três, aí ficou dois anos, porque não tinha o ensino médio. Agricultura: um ano e meio. O Curso de Agroindústria: um ano e meio. Ficou assim... Pra mim foi terrível.

Eu lembro muito bem que Rio Verde trabalhou muito pesado nisso, que o quadro de docentes, na parte de ensino médio, sairam todos. Tanto que hoje, lá não tem cursos... não tem ensino médio integrado. Por quê? Porque o grupo de professores que entrou em 97, saíram todos. Ficaram todos fazendo esses cursos concomitantes: Técnico em Agropecuária, dois anos; curso Técnico em Agricultura, um ano e meio; Agroindústria ou de Alimentos...

Então esse foi o pior, na minha opinião. Primeiro, que um curso curto, a clientela não é tanta. Como é que você vai pegar um profissional, um aluno que está estudando, que horas que ele vai fazer isso? Ele tinha que fazer o ensino médio de manhã e à tarde vir direto para fazer esse curso. Era concomitante, quando ele fazia o Estadual...

é longe... Por exemplo, Rio Verde ou em Morrinhos... Vou dar o exemplo de Morrinhos. Se de manhã, ele estava lá em Morrinhos, estudando, fazendo ensino médio, à tarde ele tinha que vir para fazer o ensino técnico. Aí não dava tempo. O tempo é muito curto, é longe a distância. Foi um ponto negativo. E vários colegas também pensaram igual a mim.

Na minha opinião, quanto mais longe, mais afastado, quando tem que ficar alojado, aí a procura é maior de aluno carente (*sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrotécnicas*). E é tudo de condição financeira difícil. E sem falar, que tem uns que os pais mandam, principalmente na minha época, mandavam para a gente cuidar, transformar o cara em homem.

Em Urutaí, buscavam os alunos no interior, lá perto do Norte de Minas. O diretor trazia os alunos lá do norte de Minas, por quê? Para alojar aqueles meninos. Porque os alunos do centro da cidade não queriam ir. Só que mudou muito.

No tempo como aluno, a comida era terrível, mas depois a comida melhorou demais. Porque houve um impulso, porque virou autarquia. Porque quando a administração era da COAGRI, o recurso era menor, depois da Agrotécnica, aí virou autarquia, aí você começou a investir mais na alimentação. Eu falo, melhorou demais, comparando com o tempo do Colégio Agrícola.

Então, como Escola Agrotécnica já melhorou muito. Mesmo assim, o povo reclamava da comida. Toda vez tinha reclamação: “Ah, o cardápio tem que mudar...”. A reclamação sempre era da comida. E também do alojamento. O pessoal reclamava muito do alojamento, por questão de conforto, apesar de que tinha ... no meu tempo, cada um tinha que trazer o seu colchão. O enxoval todinho, do aluno. Mas só que não tinha ar condicionado. Hoje, depois que virou Instituto, as salas de aula têm ar condicionado. Mas no meu tempo do Colégio Agrícola e depois, Escola Agrotécnica, nunca teve, só ventilador.

Eu peguei o PROEP. Foi em Morrinhos. Eu lembro muito bem, foi na época do Fernando Henrique, ele era o presidente. Ajudou a equipar Morrinhos.

A gente comprou muita coisa, inclusive um ônibus novo que tem em Morrinhos, na época, foi dinheiro do PROEP. Comprei um monte de equipamentos... Foi um impulso que deu para equipar as Escolas

Agrotécnicas. Nós, que éramos UNED, imagina pegar um negócio daqueles... Pra quem não tinha nada?

E eu lembro que aí chegou o PROEP, todas as escolas, todo mundo equipou bastante. Foi um dinheiro que ajudou demais. Isso daí, para quem soube aplicar o dinheiro, foi fantástico.

Foto 22: Laboratório de Informática Aplicada da UNED Morrinhos.



Fonte: IF Goiano – Campus Morrinhos.

Eu fui diretor em Morrinhos, trabalhei lá dez anos (*sobre a importância da UNED Morrinhos para Urutaí*). No início o professor Alexandre era o diretor. Ele ficou um ano como diretor, depois eu fui o segundo diretor por nove anos; um ano como vice dele e nove como diretor.

Urutaí foi muito importante porque nos ajudou com seis servidores federais na coordenação, como diretor e dava aquele apoio pedagógico. E o Estado entrou com os servidores, os docentes e administrativos do ensino médio, e a prefeitura com os servidores de apoio.

E o Estado, pagava energia e a prefeitura dava combustível e material de limpeza, material de expediente. Nós também dávamos contrapartida, ajudamos Urutaí. Quando a gente precisava de algum apoio, por exemplo, faltava ração, a gente pedia e eles compravam.

Porque a ração, eu lembrei muito bem, a ração vinha de Urutaí. O material de limpeza e expediente vinha da prefeitura e a taxa de telefone, também. E a parte de energia era por conta do Estado. Mas a parte de projeto de campo, da ração e insumos, ficava por conta de Urutaí.

Urutaí foi fantástico para nós, porque se não fosse ela, a gente nem tinha como sobreviver. E quantas vezes... lembro das parcerias de energia que o Estado queria cortar, eu ia lá e o professor Campos, a gente ia para a Reitoria, lá para Goiânia, negociar para ligar a rede, porque desligava o transformador, desligava as canelas da rede, porque a gente não pagava, mas era um convênio do Estado. E, às vezes, mudava de governador e outro queria desligar e era aquela correria.

Mas foi um crescimento junto. Ele nos ajudou muito, mas nós também ajudamos bastante, porque a gente, também, produzia muito milho, mandava milho para ajudar a escola de Urutaí.

Foto 23: Servidores de Urutaí e Morrinhos.



Fonte: IF Goiano – Campus Morrinhos.

Eu lembro muito bem, foi questão política (*sobre porque Ceres não foi “cefetizada”*). Cada diretor corria atrás. Eu lembro, inclusive, que eu na UNED tentava também transformar em Escola Agrotécnica.

Nós tivemos reunião com o Governador, lá com o Ministro; com o Paulo Renato, inclusive, que era Ministro do Fernando Henrique. Nós tivemos uma reunião com o Prefeito, a liderança política, tivemos conversando junto com o professor Campos, que também participou... Para virar Escola Agrotécnica, também, e ele disse muito claro... dizia que não. Mas fizemos essa tentativa.

E Ceres foi questão política, puramente, política. É o que aconteceu com Rio Verde e em Urutaí, foi questão política. Urutaí quase não conseguiu. Eu lembro muito bem, Urutaí naquela luta... Eu lembro que o Campos ia à Brasília...

Foi um impacto muito grande (*sobre os impactos do processo de “cefetização” para as Escolas Agrotécnicas Federais*), porque quando virou CEFET, eu lembro muito bem, que Goiânia já tinha um CEFET, próximo ao Mutirama. Quando vira CEFET, vou dar o exemplo de Urutaí... Todo mundo falava: “CEFET, agora, sim. Curso superior vai ter.”. Deu um impacto muito grande, porque a região só atendia cursos técnicos. Os prefeitos ficaram todos eufóricos, pela possibilidade de ter um curso de graduação lá dentro.

E aqui, para os alunos, imagina: os pais ficavam mandando alunos para a capital, procurando... para poder estudar. E aí, tendo uma graduação, lá naquela região do Instituto. A procura foi muito grande.

Isso aí foi uma discussão grande (*sobre o Decreto nº 5.154/04 e seus impactos*). Porque aí o povo não entendeu: “Ué, mas não é possível. Primeiro, manda acabar com o ensino médio dentro dos campus, ter só cursos técnicos, cursos mais rápidos, e agora volta de novo?”. E aí as pessoas, eu lembro muito bem, em Rio Verde: “Agora não tem jeito, porque eu mandei embora todo mundo, os professores.”. E os outros ficaram lá, na luta. Eu lembro muito bem, aquilo lá, todo mundo... “E aí, voltamos, ou não?”. Foi uma discussão, internamente, com os docentes, com os servidores, se iriam arriscar ou não?

Eu lembro muito bem que em Morrinhos, nós seguramos. Urutaí também segurou os professores. Só Rio Verde que foi prejudicado nisso, porque ele acreditou no governo passado, no Fernando Henrique, e foi substituindo os professores; redistribuição... e mudou a turma.

E com essa mudança... eu achei ótimo. Eu achei positivo, porque o outro pra mim era um fracasso. É um fracasso, e eu acho que o Fernando Henrique, naquela época, queria mais é que acabasse o

ensino em Colégios Agrícolas. Isso é uma opinião minha, sempre tive. Depois que eu vi o Paulo Renato, quando eu fui pedir para ele o apoio para a transformação da UNED para Escola Agrotécnica de Morrinhos, ele falou pra mim: "Não era prioridade do governo deles".

Estava mudando a entrada de alunos (*sobre a classe social dos alunos dos CEFET'S*). Começou a aparecer muito filho de fazendeiro. Começou a mudar muito, porque o curso de graduação... Aí graduação, os grandes vão começando a invadir. Porque é Federal, não paga nada.

Agora, você pega muito lá é filho de fazendeiro. Mudou muito, principalmente, quando virou CEFET, mesmo. Aí, sim, virou graduação... Hoje, se você chegar em Iporá, lá tem um monte de filho de fazendeiro, empresário. Eu acho que aqui, quando fala que tem graduação, parece que o impacto é grande. Muda as pessoas, a política, o pensamento.

CAPÍTULO VII

PLURALIDADE E DEMOCRACIA

“Mas dessa briga, disputa mesmo, de espaço e de poder, principalmente de Urutai, Rio Verde e Ceres, acabou criando um sistema bem interessante de democracia, mesmo, do tratamento entre os *Campi* do IF Goiano.” (Professor G).

[PROFESSOR G]

Idade: 57 anos
Experiência no IF Goiano: 28 anos
Localidade de atuação: Morrinhos

Como estudante, eu ingresssei em 1978 que era o último ano de Colégio Agrícola (*legalmente, se chamava Ginásio Agrícola de Urutaí*), antes da transformação para Escola Agrotécnica Federal (*EAFUR*). E depois, retornoi como profissional, eu fiz faculdade... fiz o técnico em Urutaí, depois fiz a graduação, aí voltei para a Rede, mas lá, em Salinas, Norte de Minas. E em Urutaí, em definitivo, voltei em 1991, quando era Escola Agrotécnica Federal. E ainda estou na atividade, embora com tempo para aposentadoria. Mas, eu estou na ativa.

Como estudante foi até um pouco de acidente (*sobre as razões que o levaram à Rede Federal de Educação Profissional*), porque o meu irmão mais velho me comunicou que a gente iria estudar, em Urutaí. Eu não conhecia a escola, e fui porque ele foi. Chegando lá, a gente fez a oitava série. E eu tomei conhecimento do quê que era uma escola, um Colégio Agrícola, me ambientei e depois que nós fizemos a oitava série, que ia começar o técnico, ele me notificou que a gente ia voltar, para minha cidade de origem. Aí eu falei: “Não, agora que eu conheci, achei bom, me identifique...”; eu permaneci.

Assim, a razão que fez com que eu fosse foi o acaso, o meu irmão. Mas a razão que fez com que eu permanecesse foi a identidade, porque eu sou de uma cidade que a base dela é agropecuária, então eu sou filho de pequeno agricultor familiar. E como o ensino lá era um ensino voltado para você se formar e voltar para trabalhar na sua propriedade... Esse era o primeiro objetivo da COAGRI, que era a Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário, no Brasil. Eles falavam que a intenção era essa, era formar o técnico para voltar para dentro da sua propriedade e trabalhar. Então, eu senti uma identidade muito grande com essa proposta de ensino, da antiga COAGRI.

Aí fiz o técnico, mas desde a época... como a escola, ela tinha uma relevância, os melhores professores ali da região, uma certa liderança em termos de qualidade, então isso acabou me incentivando a

fazer o vestibular e dar certo de cursar uma faculdade. Naquela época, a coordenação, ainda Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário, me sinalizou que os melhores alunos daquela escola, que passassem no vestibular e cursassem, depois voltariam como professores. Então, foi esse aceno.

Portanto, eu escolhi o técnico de forma inicial-acidental e depois, pela identidade com a atividade da minha família, e depois também, com uma proposta de melhoria de status, de técnico para professor, já sinalizada pela COAGRI.

Eu sou um pouco audacioso nessa questão de como avaliar (*sobre como avalia seu trabalho na Rede*), porque eu fui aluno na Rede, no período de Colégio Agrícola (*legalmente, Ginásio Agrícola*), eu fui aluno na Rede no período de Escola Agrotécnica Federal e eu voltei com concurso público, enquanto ela era Escola Agrotécnica Federal. E tive a oportunidade de ser professor, de ser coordenador de estágio, coordenador de extensão, coordenador de relações empresariais, depois, tive a oportunidade de ser coordenador de curso, chefe de gabinete, coordenador de produção, coordenador de extensão, coordenador de pesquisa, vice-diretor e, depois, diretor geral, e agora, pró-reitor de extensão. Então, eu tive a oportunidade de viver quase todos os status de funcionalidade, dentro do que é hoje, o Instituto Federal.

Então, eu avalio que foi positivo. Não foi nada, assim, super especial, mas eu tive oportunidade de passar por todas as comissões de FG, que é de funções gratificadas e depois, por todas as funções comissionadas, menos a do Reitor, a CD-1.

Como diz o Roberto Carlos, “são tantas emoções”, que é difícil selecionar e elencar uma (*sobre a experiência mais marcante*). Mas, eu acho que foi, talvez a primeira... a questão de sair de casa, de morar em internato, experimentar, trabalhar um período, porque na época, a gente era tipo um trabalhador, aprendiz dentro da escola. E isso é uma característica do Sistema Escola-Fazenda, que acabou se perdendo nos dias atuais.

As atividades dos *Campi* eram desenvolvidas, quase que integralmente, pelos alunos. Então, a gente tinha a capacidade ou a oportunidade de pensar um projeto, elaborar um projeto, implantar, conduzir, avaliar e, até mesmo, comercializar esses projetos. Então, a experiência, esse tipo de capacidade que a escola ofereceu para a

gente, de ser quase que um produtor dentro da escola, isso foi muito interessante.

Mas, no bojo dessa pergunta aí, vem muitas outras coisas. Porque, morar fora, morar em internato, compartilhar um apartamento, um quarto com 40 colegas, um banheiro só para quarenta colegas, levantar às cinco da manhã e ter atividade até às cinco da tarde... Tudo isso era muito diferente, principalmente, por aquela condição da idade, da faixa de idade nossa. Mas, para além da questão de viver num regime de internato, ter essas experiências todas, tem uma questão também de: a partir da própria escola, eu tive a oportunidade de fazer um vestibular, de ser aprovado, porque para as minhas condições materiais, mesmo... Então, nessa condição, aquilo para mim era um divisor de águas, assim, inimaginável, se não fosse a escola.

A escola proporcionou essa questão também para um grupo. Porque eu e alguns colegas meus, achávamos que o máximo que a gente poderia conseguir na vida, em termos de estudar, seria o Técnico em Agropecuária, o que já era um feito extraordinário para a época, para as minhas condições financeiras. E para quase todos os meus colegas. Nós éramos quase todos estudantes, filhos de pequenos produtores, às vezes de trabalhadores rurais, às vezes de... então, pessoas muito pobres, mesmo.

A gente costumava se autointitular; quem chegava no terceiro ano era o TA, era o Doutor. Para nossa realidade, aquilo ali já era o... eu penso que comparado ao doutorado, hoje. A gente já tinha um status muito bom, já tinha uma possibilidade de emprego boa, eu já tinha a possibilidade de conseguir financiamento, então aquilo já era um diferencial incrível, para a época. E considerando que aqui em Goiás e triângulo mineiro, a gente só tinha Urutaí, Rio Verde e Uberlândia, então a pressão de seleção era muito grande. Porque as oportunidades eram muito poucas. A gente não tinha tido essa expansão extraordinária que teve na Rede, ainda. Então, você ser um representante, ou às vezes, dez representantes de um município inteiro, dentro de uma escola considerada com escola boa, dentro do estado e dentro do Brasil... Urutaí era uma escola... é uma escola... era e é uma escola considerada e reconhecida por sua excelência, já há mais de 60 anos. Então, isso tudo, para mim e para os outros colegas, já era uma conquista maravilhosa.

E por iniciativa dela, dessa seleção de alguns alunos, para poder representá-la no vestibular, a gente ter sido classificado entre eles, também já foi outro divisor de águas. Porque, quando eu e mais quatro colegas saímos daqui de Urutaí, para ir para a Universidade Federal

Rural do Rio de Janeiro, na minha cabeça, eu despedi de todo mundo, porque parecia que eu ia para um outro mundo. Porque era outro mundo.

Foto 24: Aula prática na UNED Morrinhos.



Fonte: IF Goiano – Campus Morrinhos.

Muito (*sobre o significado pessoal da Rede*), porque a Rede deu moradia, porque se não fosse o internato, eu não tinha me formado, formação integral... Não fosse essa formação integral, a gente não teria competido, não teria ido para a universidade. Deu autoconfiança, competitividade, liderança. Tanto que hoje, 40% da força de trabalho do IF Goiano que está na gestão, 40% é oriunda dos Institutos; boa parte é oriunda do IF Goiano, mesmo. Então, a gente prestou concurso aberto e, mesmo assim, eu estou na pró-reitoria de extensão, sou ex-aluno. O da pró-reitoria de pesquisa é ex-aluno, o diretor de Ceres é ex-aluno, o diretor de Iporá é ex-aluno, o diretor de Urutá é ex-aluno, o Reitor é ex-aluno, então, vários ex-diretores, ex Pró-reitores são alunos.

Então a Rede, simbolizada aqui nos Campus que a gente se formou, ela deu muita competitividade para nós, e de certa forma ela não se preparou, para enfrentar esse novo cenário. Porque enquanto eu era aluno, para se ter uma ideia: um colega formou junto conosco, na

mesma turma em dezembro e em janeiro, ele já era professor do sistema. Porque, antigamente, como técnico, você já podia dar aula para técnico. Depois você fazia o esquema um, o esquema dois, se era o técnico, ou se era o superior. Não havia essa preocupação com professores que tivessem graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado. Aliás, era até um limitante... na época a COAGRI não via com bons olhos se os professores fossem muito capacitados, porque era necessário dar base para o técnico.

Então, do técnico para o técnico. O técnico que se sobressaísse já estaria bom para comandar ou dar aula para os colegas. É uma realidade que era da COAGRI. Se tivesse a graduação estava de bom tamanho, e até bom que nem havia muito a liberação para mestrado, doutorado; isso nem havia. Se o cara tentasse, como alguns colegas tentaram, ele acabava sendo convidado a ir embora da instituição. Por exemplo, o Jorge Jacó, que é o professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ele era professor em Rio Verde. Mas era um cara que queria estudar, então o pessoal: “Olha, se você está querendo estudar, meu amigo, você tem que ir embora, você tem que ir para a faculdade, tem que ir para universidade”. E de fato ele foi; ele é professor hoje, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mas era daqui do quadro de Rio Verde.

Realmente, era uma política da época, contratar no máximo, graduado, mas contratar também, uma gama de técnicos, para depois dar o esquema um, que faria a graduação na área agronômica ou zootécnica, e também o curso de licenciatura.

E acho que eu pude, sempre que... já que essas funções gratificadas e comissionadas, elas são a convite... Então, primeiro, durante muitos anos eu ministrei 32, às vezes 36, às vezes até mais horas aulas. E mesmo, ministrando uma carga excessiva de aulas, em sala de aula, eu assumi Relações Empresariais de Urutaí, logo desde o princípio. Eu acho que nisso eu pude colaborar (*sobre suas contribuições para o Ensino Profissional no IF Goiano*), porque eu não usei da máxima seguinte: “Se eu já estava com a carga máxima de 32 horas-aula por semana, de não pegar mais alguma outra função que foi dada a convite”.

Desde sempre, eu estive à disposição. Eu, por exemplo, estava em Urutaí, que é a minha escola de origem e fui designado para ir para uma outra escola. E deixei tudo e fui para essa outra escola, que era Morrinhos, para ficar um ano ou dois e acabou que eu fiquei lá por 14

anos; 13, 14 anos e estou vinculado lá até hoje. Mas digo lá, especificamente.

Eu acho que tive a oportunidade de dar alguns “Sim’s”. Eu passei por... em torno de 16 disciplinas diferentes. Sempre que pediam uma disciplina, porque não tinha um professor, eu mesmo não sendo especialista na área, acabava me esforçando e dava essa aula. Fiz o concurso na área de Irrigação, mas depois fui trabalhar com Culturas Anuais. Depois, como o professor de Irrigação saiu, eu assumi as aulas de Irrigação e Drenagem e Construções e Instalações. Mas depois teve um problema com o veterinário que saiu e pediram para dar aula de Bovinocultura. Quer dizer, áreas totalmente diferentes. E eu fui e assumi. E Apicultura, Administração e Economia, Sociologia e Extensão. Todas as vezes que eu fui chamado, eu colaborei. Então, acho que eu colaborei nesse aspecto.

Mas uma das que eu mais tenho alegria de dizer, foi essa questão em Morrinhos, de ter acumulado a Vice-Direção, a Extensão, Coordenação de Extensão, a Pesquisa e a Produção. Então eu pude ter muito contato com os alunos e criar uma rede de contatos com empresas, que deu muita empregabilidade, muita visibilidade para os alunos. Então, hoje a gente tem nos principais grupos financeiros ligados à sementes, ligados à fertilizantes, ligados a defensivos químicos, ex-alunos de Morrinhos em pesquisa. A gente tem muitos alunos como técnico... chefiando pesquisas, grupo de pesquisa de solos, química de solo, física de solo...

Nesse aspecto, de estabelecer uma parceria muito consolidada com a Embrapa, com a Emater, com a Unisoy, com a Monsanto, com a Basf, Nidera, a gente, em Morrinhos, fez um grupo muito bom para implementar um projeto, que a gente chamava de “Campo, Educação e Tecnologia ao alcance de todos”, onde a gente tem até essa foto aqui, que tá na parede, que é de 2006. Porque esse evento, a gente começou em 99 e conduziu até 2011. Então, um evento duradouro, onde a gente tinha a oportunidade de unificar a grande empresa, pública ou privada, e o grande produtor, o pequeno, o médio e também o pessoal do assentamento da reforma agrária. A gente colocava todo mundo junto, no mesmo evento e tinha espaço para todo mundo, com o financiamento das grandes empresas e com o financiamento das pequenas empresas, com ajuda dos micro... Enfim, a gente conseguiu construir uma rede muito consolidada de pesquisa lá em Morrinhos, neste período. E isso trouxe muita empregabilidade.

Do ponto de vista de onde é que acha que você mais contribuiu, talvez tenha sido lá em Morrinhos. E foi a partir de uma necessidade,

porque a gente não tinha autonomia administrativa, financeira, patrimonial e pedagógica lá em Morrinhos. A escola foi fruto de uma proposta tripartite, onde a União dava a administração central e também o recurso para a construção, o Estado dava os professores e a infraestrutura de energia e água, e o município dava a manutenção: tanto manutenção básica de material de expediente, transporte, vigilância, limpeza, enfim, esse pessoal.

Com isso, a gente... dentro deste termo de parceria, estava descrito que a comunidade e as empresas regionais ajudariam a criar e montar projetos que dessem sustentabilidade ao funcionamento da escola, dessem viabilidade. Então, era uma necessidade criada a partir do momento que, naquela época, tinha o Decreto 2.208 que proibia a expansão do ensino profissional. E aí, se a gente não podia criar, a escola de Morrinhos foi criada como uma unidade de Urutaí. Mas com uma gestão diferenciada, que era a gestão compartilhada entre Estado, Município, União e a comunidade local.

Por isso, a gente tinha essa possibilidade de montar esses projetos, de correr atrás da iniciativa privada, inclusive para ajudar a manter a escola. Então, de uma necessidade instituída por esse convênio de parceria, a gente acabou criando um laço muito grande de empresas. Porque aí, automaticamente, a gente já gerava pela própria escola, um sistema de estágio interno. Mas o aluno estava fazendo estágio dentro da escola, mas à disposição da Embrapa, da Emater, da Monsanto, da Nidera, da Bayer, da Basf, de diversas empresas que depois, naturalmente, se encarregariam de ficar com esse menino como estagiário dela ou, então, indicar para o mundo do trabalho.

Foto 25: Parceria da UNED Morrinhos com empresa de sementes.



Fonte: IF Goiano – Campus Morrinhos.

O principal desafio do IF Goiano foi o seguinte: na minha opinião, é que o IF Goiano, se a gente olhar historicamente, ele nasceu da escola de Urutaí e da escola de Rio Verde. Depois, já mais recente, da escola de Ceres e de Morrinhos. Mas durante muitos anos, eram duas escolas, só. Cada uma tinha 300, 400 alunos e as duas eram mantidas: Rio Verde porque já é uma região maior e Urutaí que era mantida com alunos da Bahia, de Rondônia, enfim, alunos do Brasil inteiro que mantinham, mais os dali de perto (*sobre os principais desafios do IF Goiano*).

Então, o maior desafio foi se reinventar, porque eram escolas pequenas, que tinham no sistema, um modelo de sistema pedagógico muito consolidado. Você entrava no primeiro ano, você já sabia: “Eu vou estudar Agricultura, Olericultura, Hortaliças, no primeiro ano, Grandes Culturas no segundo, Grandes Culturas Perenes ou Pomar, no terceiro. Eu vou estudar aves, principalmente aves, pequenos animais, no primeiro, médios animais no segundo (cabrito, ovino, porco, suíno) e grandes animais (vaca de corte, vaca de leite) no terceiro ano”. Você já sabia a grade todinha e você entrava e, dentro de 10 minutos, o pessoal já te explicava tudo o que ia acontecer naqueles três anos. Então, era

uma escola pequena, uma escola já, extremamente arrumada, você já tinha as disciplinas todas, já consolidadas, enfim, aquele modelo já estava muito consolidado. Porque você tinha uma parte em sala de aula, uma parte em campo. Tinha as aulas teóricas, as aulas práticas; aquilo ali já estava tudo muito ambientado.

Daí, sair desse modelo de 300 alunos para dois mil, quatro mil alunos, que é o caso de Rio Verde que está com mais de quatro mil alunos, isso aí, eu acho que talvez tenha sido o maior desafio. A escola teve que se reinventar. Ela sai de cursos técnicos para cursos de curta duração, cursos técnicos, cursos de licenciatura, cursos de tecnologia, bacharelados, mestrado, doutorado, pós-doutorado. Essa nova institucionalização, acho que, talvez, tenha sido o maior desafio do IF Goiano, em toda a sua existência.

E do ponto de vista da implantação, um grande desafio, também, foi pegar a cultura de Urutaí, a cultura de Rio Verde, que eram maiores... E Urutaí e Rio Verde eram CEFET's, no momento, com Ceres, que era a cultura de Escola Agrotécnica Federal ainda, e de Morrinhos, que era uma escola à parte, era um apêndice de Urutaí, que hora era, hora não era, porque o mesmo recurso que era de Urutaí, tinha que ser dividido com Morrinhos. Então, tinha essa guerra constante, de briga por recurso. E com um novo desenho, porque Morrinhos era fruto de uma brecha na lei. Para poder sair da proibição da expansão, criou-se esse novo ser aí, que era fruto dessa parceria tripartite.

Eram quatro escolas totalmente diferentes uma das outras, e que se comportavam como rivais. Não tinha nenhuma proximidade entre a escola de Rio Verde, de Urutaí e de Ceres. Mesmo Urutaí e Morrinhos, que eram escolas mãe e filha, havia uma briga muito grande de interesses de uma para a outra, porque Morrinhos não tinha quase nenhuma função, Urutaí tinha várias... O orçamento de Urutaí era grande e o de Morrinhos era quase inexistente. As pessoas que desenvolviam as atividades de Coordenação Pedagógica de Morrinhos exerciam e não recebiam nada, as de Urutaí recebiam a função. As escolas eram muito diferentes, entre si.

Juntar essas quatro instituições, mais Iporá que estava nascendo e dar o mesmo tratamento isonômico, em todas elas, ao mesmo tempo... Então isso aí foi muito difícil. As primeiras reuniões, o primeiro conselho superior, as primeiras reuniões de dirigentes, elas eram marcadas por disputas: “Esse espaço é meu, esse espaço é meu também...”. Enfim, foi muito difícil de criar uma nova institucionalidade, a partir de quatro instituições tão diferentes.

Mas isso aí também, apesar de ter sido muito difícil, talvez seja o maior ganho do IF Goiano, porque diferente de outras, essas instituições, elas já faziam essas atividades rotineiramente, de compra, de bens e serviços e tudo há muitos anos. Ela já tinha o seu corpo técnico muito bem delimitado. E aí, para poder organizar tudo isso, os reitores - o professor Donizete, depois o professor Vicente - acabaram concedendo autonomia; autonomia pedagógica, financeira, administrativa para esses diretores. Então, os diretores do IF Goiano, eles têm uma autonomia (que são prerrogativas que são do reitor) que o reitor repassou para eles. Isso faz com que os processos dentro do IF Goiano sejam muito mais dinâmicos do que em outros. A gente tem vários Institutos, hoje, que o reitor entra no sistema para poder autorizar uma diária de um diretor-geral. Isso no IF Goiano não existe, então chegou o recurso, esse recurso é passado para os *Campi*, mesmo os *Campi* novos e em implantação. Então, se essa é uma unidade gestora, ela tem toda a autonomia para trabalhar, dentro daquele recurso proporcionado para cada uma. Isso fez com que o IF Goiano achasse um meio-termo entre dar fluidade a todo o processo administrativo, mas também, centrando no reitor, as decisões macro. O recurso total vem para o reitor, o reitor descentraliza e os diretores aplicam.

Então, da maior dificuldade do IF Goiano, que foi a questão de instituições, que já vinham exercendo as suas atividades há muitos anos... na ordem aí: Urutaí, Rio Verde, Ceres e Morrinhos, que ainda não tinha nenhum tipo de autonomia... Mas dessa briga, disputa mesmo, de espaço e de poder, principalmente de Urutaí, Rio Verde e Ceres, acabou criando um sistema bem interessante de democracia, mesmo, do tratamento entre os *Campi* do IF Goiano.

O IF Goiano, basicamente, ele é a Educação Profissional e Tecnológica (*sobre o desenvolvimento da EPT na história do IF Goiano*). A gente, agora tá com algumas experiências na área de bacharelado, na área de mestrado, doutorado e tal, mas a nossa essência é Ensino Profissional e Tecnológico, principalmente ensino técnico. Tanto Urutaí, como Rio Verde, Ceres e Morrinhos, todos eles começaram com cursos técnicos. Essa questão da dependência, da relação com o mundo do trabalho, essa dependência das instituições públicas e privadas, todo esse relacionamento do IF Goiano, vem da EPT. Se a gente quiser dizer de uma instituição que, realmente, veio do Ensino Profissional e Tecnológico e se mantém, eu acho que ainda somos só isso, porque

mesmo com essa verticalização, que a gente conseguiu implementar, ela continua tendo como eixo base o Ensino Profissional e Tecnológico.

Porque se nós tínhamos o Técnico em Agropecuária, depois temos a Agronomia, ou a Zootecnia, o técnico é a base, ainda. Aí depois, tem uma estrada numa área dessa ou aquela, o doutorado, o pós-doutorado, a grande maioria de tudo isso está sedimentado no Técnico em Agropecuária. A outra vertente que a gente já tá alguns anos trabalhando que é a Informática também, você tem Sistemas para Internet, você tem Engenharia da Computação, então a base acaba voltando e sedimentando lá no Técnico em Informática. Na área de alimentos, também, Técnico em Alimentos...

A gente acaba que, mesmo com essa façanha, que eu posso chamar de façanha, de o Instituto Federal Goiano ser um Instituto mais verticalizado, o primeiro a conseguiu botar os mestrados, tanto profissional, como os acadêmicos e doutorado. Foi o primeiro a conseguir doutorado e conseguiu também o pós-doutorado. Já temos vários alunos de pós-doc, formados dentro do IF Goiano... Mas a essência ainda é o Ensino Profissional e Tecnológico.

Foto 26: Refeitório da UNED Morrinhos.



Fonte: IF Goiano – Campus Morrinhos.

A Escola Agrícola de Urutaí era, originalmente, uma fazenda modelo do Ministério da Agricultura (*sobre a criação da Escola Agrícola de Urutai*). O doador da fazenda doou, ele comprou e doou essa fazenda para o Ministério, para que ele fizesse dali um centro de excelência, para poder captar e implantar tecnologias, a partir daquela fazenda, aqui para Goiás. Ele fez isso há muitos anos e como isso começou a dar certo, começou a servir de... até hoje, se você perguntar o nome ali de Urutaí para uma pessoa mais antiga, mais antiga do que eu, ela, possivelmente, ainda vai falar que lá é a Fazenda Modelo.

Essa Fazenda Modelo, como eles falavam lá, foi se articulando, de certa forma, porque começou a ter os cursos de Mestrado Agrícola, que seriam as séries iniciais, nos dias de hoje. Mas só que com pessoas maiores, pessoas mais velhas, no caso. Então, a gênese dela é isso, era uma fazenda que era para poder ser fomentadora de tecnologia para a região e começou a dar certo, mas, sentindo a necessidade de... eu entendo que sentiram a necessidade de que tinham que transferir isso para alguém, para poderem ser multiplicadores.

Então, a origem dela foi essa questão de ser uma fazenda de referência para a implantação de novas tecnologias, que depois migrou para a capacitação. Como não era só trazer tecnologia, tinha que trazer alguém para multiplicar isso. Depois ela ficou durante muitos anos como colégio (*Ginásio Agrícola*), porque só tinha de quinta ao agora, nono ano. A gente se perde um pouquinho, né, mas era de quinta a oitava. E isso aí, o pessoal tinha que ir para outro Estado, Brasília ou... para poder fazer o técnico.

Mas aí a questão, acho que a decisão da Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário, que era um organismo à parte do Ministério da Educação, que unificou aquelas 48 escolas, se não me falha a memória, da época que juntou essas escolas e tentou dar uma uniformizada. E aí, com isso, sentiu a necessidade de elevação. Aquele público de primeira até quarta série, depois até oitava, aí já haveria a necessidade de melhorar.

Isso aí, possivelmente e certamente, deve ter reflexos com relação à Revolução Verde, daquela época de 70. Então, ali, acho que tudo isso é o futuro: de preparar mão de obra para implementar esses pacotes que estavam sendo importados do primeiro mundo. Principalmente, para a questão da utilização de adubos químicos, de pesticidas... Então, aí haveria a necessidade de formar uma pessoa com maior bagagem, ou talvez, mais convencida a fazer uso dessas tecnologias; novas tecnologias para a época.

Esse daí, ele foi anterior a minha entrada lá (*sobre a transformação da EAU em Ginásio Agrícola*). Quando eu fui estudar lá era GAU, já, que era Ginásio Agrícola de Urutaí. Não é mérito local, isso aí já fazia parte de um movimento nacional de articulação do ensino agrícola, que tinha essa administração central em Brasília. Porque todas as vezes que sinalizava: agora vai de ginásio... de colégio para ginásio, de ginásio para Escola Agrotécnica, tudo isso não foi mérito nosso, local, foi reflexo de um cenário nacional de articulação e organização do sistema de ensino agropecuário no Brasil. Nasce mais dessa decisão política do grupo de Brasília em articular o ensino.

Porque não houve, assim, um pedido, articulação entre prefeitos, deputados, aqui, de tudo que a gente viu e leu e conviveu, a gente não sabe de nada disso, foi... chegou, como EAU, virou GAU, depois virou EAFUR. Mas tudo por articulação externa à região, não a região em si. É fruto dessa capacidade de que o Sistema Nacional conseguiu de articular todo o sistema agropecuário, no Brasil.

O nosso perfil era o seguinte (*sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrícolas*): eram pessoas pobres, bastante pobres, normalmente que não teriam muita... todos oriundos de escolas públicas, boa parte de escolas rurais e, principalmente, dentro do município que a gente estava, éramos alunos muito marginalizados. A gente era visto com desconfiança, com... às vezes, até com um pouco de desprezo, mesmo. A gente não era bem visto, não era aceito, principalmente em Urutaí, que é uma cidade pequena, mas tinha até uma certa fama de que era uma escola mais reformatório, uma escola de alunos problema, uma escola de renegados.

Tinha toda uma aura a respeito disso, mas ali dentro, a gente sabia que não era bem isso. Embora tivesse também; tinham muitas famílias que começavam a perder o controle do filho e ameaçava: “olha, se você não cuidar eu vou te botar lá na Escola Agrícola.” Então, tinha isso também. Mas esses, normalmente quando iam, logo, logo, eles também não se enquadravam, porque era um regime muito duro, disciplinar muito duro, do ponto de vista de atividades teórica, atividades práticas e disciplinares, também. Então, se os pais colocavam o menino lá, só com essa intenção de ser reformado, ele, logo, logo, seria excluído do sistema, também.

Mas eu acho que o nosso perfil era esse: alunos muito pobres, alunos com boa relação com a terra, a maioria filhos de pequenos produtores, embora tivessem também filhos de grandes produtores.

Hoje, a gente vê alguns colegas que estudaram com a gente, que hoje tem grandes latifúndios, que herdaram uma boa parte, mas que ampliaram. Então, quer dizer que a escola fez bem para eles, mais ainda do que para nós, porque já tinham um lastro para começar. Então é isso aí, acho que realmente era assim, era um pessoal bem pobre mesmo e a maioria ligada a pequenos rurais.

Esse período aí eu não vivi (*sobre a integração entre teoria e prática no currículo e no ato pedagógico, durante o período das Escolas Agrícolas*), mas assim, do que a gente pode observar, esse período aí mantinha uma relação muito boa entre a teoria e a prática, porque a gente observa que os professores que vieram para dar aulas para nós, eram oriundos desse período. Então, eram pessoas que tinham um conhecimento técnico muito grande, embora tivesse um conhecimento teórico também razoável, embora não tivessem tanto. Então, o que a gente pode deduzir é que nesse período, teoria e prática caminhavam, de certa forma, bem alinhados.

Mas, embora eu não tenha vivenciado, eu estou por dedução... dos professores que foram meus, que vieram desse período, que tinham essa característica de sempre desenvolver alguma teoria, mas principalmente, focado na questão prática, o que dá a entender que havia um equilíbrio muito grande nessas duas vertentes: em teoria e prática.

Foi uma política nacional de ancoragem do Sistema Agrícola Federal, pensando em preparar mão de obra para essa avalanche de oportunidades que teríamos depois da Revolução Verde (*sobre a transformação das Escolas Agrícolas em Agrotécnicas*). Eu acho que é fruto disso: de que a gente no Brasil despertou para a questão de explorar toda a questão do Cerrado, de explorar novas culturas, de aumentar a fronteira agrícola, de importar tecnologias. E eu acho que tudo isso fez com que houvesse a necessidade de colocar em cada região, um polo formador de mão de obra, para poder atender essa nova tendência. Porque como eu disse, quando a gente entrou na escola, no primeiro ano, foi dito: "nós vamos dar informações para vocês, para vocês voltarem para as casas de vocês, para poderem utilizar algum tipo de técnica." Mas isso, no Colégio Agrícola (*legalmente, GAU*).

Aí, quando iam para as Escolas Agrotécnicas, já diziam: "A gente vai formar vocês, podem até voltar para a casa de vocês, mas vai formar vocês para trabalharem como extensionistas, ou como técnicos, ou

como um representante comercial." Então, já houve uma ampliação do escopo. E eu penso que seja isso, um esforço nacional de formação, de uma nova mão de obra, para poder interagir numa nova necessidade, numa nova realidade do Brasil, que era de aumentar as oportunidades de emprego e de atividade, mesmo, porque era uma nova, como se diz... uma nova realidade, mesmo.

A gente iria fazer uso de diversas tecnologias, então teria que gerar esses técnicos para acompanhar esse novo período de... vamos chamar de desenvolvimento do Brasil, que era a utilização dos pacotes tecnológicos que vieram com a Revolução Verde.

Foto 27: Maquinários agrícolas da UNED Morrinhos.



Fonte: IF Goiano – Campus Morrinhos.

Dentro do próprio Campus de Urutaí, quando era estudante, a gente mesmo já dizia: "que lá o regime era militar." (*sobre a Educação Profissional durante o Regime Militar*). A gente incorporava um pouco isso. E era tratado, assim mesmo. Por exemplo, até mesmo entre os alunos, a gente estratificava. O aluno do primeiro ano, ele só podia passar numa parte da escola, o do segundo só podia ir até uma parte e o do terceiro ano podia tudo. Então, na hora de sentar para fazer a refeição, a primeira mesa era do terceiro, a segunda era do segundo e a

última era do primeiro. Então, reproduzia esse sistema muito dentro da escola.

Então, queimando essas etapas aí, a gente sabia que não tinha direito algum como primeiro, alguma coisinha como segundo e no terceiro ano, podia tudo. Então, a gente reproduzia, de certa forma, essa hierarquia militar, dentro do Campus.

E sabia também, que de professor coordenador e de diretor, também, era bem mais grave. E quando vinha a COAGRI dentro da escola, aí pronto, aí era o general, aí todo mundo se omitia. Acabava reproduzido todo esse sistema militar dentro das Escolas Agrícolas (*Escolas Agrotécnicas*) da época.

Com relação à 5.692, para nós, ela não interferiu muito, para o nosso sistema. Porque, na minha opinião, ela impactou muito foi nas escolas estaduais, porque todo mundo virou técnico do dia para noite. Então, sem estrutura, sem professores, sem aula prática. Às vezes até ganharam laboratórios; eles ficavam trancados porque eles não tinham espaço. Isso eu posso testemunhar como professor... Eu saí da Universidade e fui trabalhar numa escola estadual, que ainda estava como Técnicas Agrícolas, mas era uma escola que, desde 71 até 86, em todo esse período, ela não cultivou um metro quadrado de qualquer coisa, não criou nenhuma galinha, nem nada, e ela continuou ministrando, como se fosse Técnicas Agrícolas, naquele período. Mas nunca um aluno de lá saiu para competir com os de Urutai, que era uma escola, que era profissionalizante antes e manteve a sua origem, manteve as suas características e manteve o seu ensino de EPT, desde lá.

Essa lei é uma lei só fictícia, ela obrigou a se profissionalizar. Muitos alunos que eu conheço que formaram em química, nunca foram a um laboratório de química, que formaram em biologia, nunca foram a um laboratório de biologia... Quer dizer, o pessoal fazia só pró-forma, porque era profissionalizante, mas na verdade não era. Só cumpriu, meramente, os protocolos ali, montou um laboratório ou outro. Mas eu não conheço ninguém que tenha formado nessas escolas da minha região, que tenha virado um profissional técnico, oriundo das escolas que foram obrigadas a se dizer que eram técnicas, a partir da 5.692.

Mas para o IF Goiano mesmo, acho que ela não chegou a impactar, porque já era da expertise das escolas, fazer o ensino profissionalizante de verdade.

Talvez você já tenha tido contato com o Sistema Escola-Fazenda. No Escola-Fazenda, ele previa que o aluno tivesse os laboratórios, o projeto de aulas práticas e o projeto de aulas teóricas muito bem definidos. A crítica que eu faço naquele modelo pedagógico é que, realmente, o aluno tinha uma carga até grande de trabalho. Eu evito falar nessa palavra “trabalho”, porque a gente não entendia como tal, mas acaba sendo. A gente trabalhava muito, às vezes trabalhava cinco períodos e estudava cinco períodos. Nesses cinco períodos, a gente ficava com as aulas teóricas e práticas.

Mas de qualquer forma, o Sistema Escola-Fazenda, ele levava a gente a fazer o que o técnico futuro faria, que era a condução da fazenda, o planejamento da fazenda... Quando a gente estava como monitor, a liderança sobre os outros colegas, porque, no caso, a gente era o gerente e eles eram os peões, naquele momento. Então, ela nos obrigava a exercitar todas as etapas lá do mundo do trabalho. Isso, embora fosse penoso, do ponto de vista da execução, ele era muito bom porque ele antevia o que ia acontecer quando a gente saísse da escola.

Mas a gente tinha muitas atividades culturais, tinha jograis, tinha formação de corais. As nossas aulas do núcleo comum eram com professores; os melhores possíveis em toda a região. A gente acabava que tinha uma integração boa entre o núcleo comum e o núcleo profissionalizante. E também, de um modo geral, era positivo e os professores conseguiam fazer uma boa interlocução entre a teoria e a prática. Porque eram poucos professores; o professor de Matemática conhecia o da Agronomia e o da Veterinária, então sempre que tinha um assunto que precisava, ele podia falar, pessoalmente, do lado. Eram muito poucos; esse conhecimento do que um fazia, do que o outro fazia era muito grande. Isso facilitava muito.

Hoje, com cento e vinte professores... cem professores, já é mais difícil de você fazer uma interação entre eles. Tem muitos lados que facilita, mas... Naquela época os professores tinham, e ficavam todos dentro da escola, muitos moravam dentro da escola. Então tinham muita proximidade com os alunos e com os outros professores, e eu acho que tudo isso conjugava para poder fazer com que o trabalho de um fosse mais visto e reconhecido, e compartilhado com os dos outros.

Eu acho que, na época que eu fui estudante para hoje, o currículo era realmente mais integrado. Ele era mais integrador e era... uma aula e outra era mais participativa, então um professor de Matemática conseguia assistir a aula do agrônomo, conseguia vivenciar alguma experiência, porque não tinha o que fazer; ele tinha ficado ali de sete da manhã às cinco da tarde. Ele ia e ficava lá. E o aluno estava de segunda

a sexta, o dia inteiro. Às vezes, alguns ficavam o ano inteiro, ali dentro da escola. Então, a gente acabava tendo mais oportunidade, mesmo que de maneira mais forçosa, de fazer essa integração entre as disciplinas, entre os conteúdos, entre as pessoas. Por isso que eu acho que naquela época, o currículo era integrado, mas ele acontecia com mais eficiência, acontecia com mais frequência do que hoje.

Porque hoje, não são todos que são integrados e, mesmo os que são, você ainda tem todas essas diferenças. Porque o aluno não tem mais tanto contato com o campo, porque ele não tem mais essa obrigatoriedade de tirar leite, de cuidar das galinhas, de cuidar dos porcos, de abater, de cuidar, de plantar, de colher... Isso hoje foi diminuído. Principalmente, se a gente for pegar só o da produção. As fazendas daquela época eram fazendas agrícolas, o sistema era Escola-Fazenda: "aprender a fazer, fazendo". Então, a política, a filosofia era toda voltada e calçada em cima disso: "aprender a fazer, fazendo". Isso com os anos já foi se perdendo.

Hoje, a gente está muito mais na aula tecnológica, na aula de computador, até mesmo com recursos à distância, e um pouco mais distante desse dia a dia do quê que acontece no campo, mesmo: plantar, colher, conduzir, cuidar, criar, abater e tudo.

O Sistema Escola-Fazenda, ele era muito interessante porque ele previa um rodízio dos alunos, em todos os setores da escola para a própria manutenção. Esse era um outro diferencial dele. O aluno, ele era escalado, semanalmente, em setores diferentes que oportuniza a ele a conhecer a escola em todos os setores, inclusive o setor de manutenção. Então, o aluno, essa semana, estava na Olericultura, depois semana que vem, estava na Mecanização, depois na Suíno, depois na Bovino, depois na Agroindústria, depois na Cooperativa, depois na manutenção da escola, enfim, ele rodava todos os setores. Então o aluno, efetivamente, conhecia a escola por dentro. Ele vivenciava, e ele custeava, inclusive, com seus trabalhos, todos os processos produtivos da escola.

Foto 28: Aula prática no Campus Morrinhos



Fonte: IF Goiano – Campus Morrinhos.

A COAGRI teve uma importância extraordinária, porque o ensino agropecuário não tinha expressão no Brasil. E ele não tinha representantes. A COAGRI fez isso: ela unificou as escolas, ela reforçou as escolas boas, mas ela oportunizou a criação e a melhoria das escolas que já tinham, mas que só ficavam meio que no esquecimento. Então, ela foi um órgão extremamente necessário, no início.

Mas depois que o Ministério da Educação começou a cuidar, a ter mais políticas, a ser mais efetivo para as escolas, então ficou meio... ela chegou a ser considerada um dos órgãos mais inúteis do Brasil, na época. E depois foi retirada, essa Coordenação Nacional... Mas assim, só para poder salientar que ela, realmente, na minha opinião, ela era necessária, porque a partir do momento que ela sai de cena (deve ter sido em 88, por aí, mais ou menos) uma das principais do Brasil, que era a escola de Brasília, de Planaltina, que passou para o GDF, a escola de Planaltina sumiu em importância, sumiu no cenário Nacional. E só depois, com a criação dos Institutos Federais é que escola de Planaltina, passando para o IFB, voltou à expressão, tá tendo... Mas era uma escola que era a número um do Brasil, de repente, hoje, ela é o número... se tiver 200... sei lá, número 100, número 150. Não está entre as escolas que são escolas maiores, de maior importância, ela perdeu muito tempo. Esse tempo que ela ficou vinculada ao Distrito Federal, ela

foi uma escola, mas que não teve... O Distrito Federal é um lugar que os professores recebem bem e tudo, não é nesses termos, mas em termos de importância nacional, ela praticamente sumiu. Está ressurgindo, agora.

Outra escola que era muito importante, a de Uberlândia, no cenário Nacional... Mas Uberlândia é um outro detalhe, Uberlândia, ela se valeu muito do sistema da época da COAGRI, mas ela não entrou no processo de “cefetização”, como entrou Urutaí, Rio Verde e Uberaba. Então, ela era uma escola que era maior que essas três. Aí, de repente, depois de dez anos de “cefetização”, Uberlândia já estava equivalente à unidade de Urutaí em Morrinhos, porque a gente já tinha a mesma quantidade de professores, de alunos... Então é uma escola que perdeu o *time*, também, porque ela não entrou no processo de “cefetização”; ela foi duramente penalizada. Porque com CEFET, ampliou vagas, criou o curso superior, houve contratação, houve investimento em laboratórios, de técnicos administrativos, enfim, foi um aporte muito grande de recursos, que ela não participou.

Depois disso, a escola de Uberaba que foi posterior a ela, virou um CEFET muito importante. E hoje, a reitoria do Triângulo Mineiro é em Uberaba e não em Uberlândia. Mas hoje, também está em recuperação. A escola lá é uma escola muito boa, importante, uma escola conhecida, mas que perdeu um pouco. Ela poderia estar muito mais pujante, hoje, se ela tivesse entrado, como Urutaí, Rio Verde e Uberaba, nesse processo de “cefetização”.

O Decreto 2.208 foi imposto goela abaixo (*sobre o Decreto nº 2.208/97 e seus impactos*). A nossa escola de Urutaí foi uma das que puxou, inicialmente, isso aí. Não é culpa do gestor da época, foi imposto a ele também. A gente, como professor, tentou minimizar, mas o impacto dele mais severo foi contra os alunos, origem das escolas. Porque a escola de Urutaí, mais que qualquer outra, talvez no Brasil, só existiu durante tanto tempo, porque tinha internato. Porque você pega um município que tem 3.400 habitantes, é uma escola de quase dois mil alunos... Aquele município é incapaz de prover alunos para poder manter essa escola. Então, ela se mantém com alunos do Brasil inteiro, e um dos atrativos dela é o internato.

E, na minha opinião, eu realmente só consegui me formar porque lá tinha internato. Eu e vários outros. Então, eu acho que o pior dele foi isso, porque ele previa acabar com o internato, porque era uma análise financeira, porque o grande volume de dinheiro do Campus, ele vai para

o internato. A manutenção da fazenda, para poder manter o refeitório, a manutenção de todos os animais, para poder prover o refeitório... Então, tudo isso é um gasto, entre aspas, muito alto e o 2.208 atingiu a gente de forma mais dura, nisso.

Urutaí, na minha época de estudante, nós éramos 330 alunos; em torno de 300, 310 eram internos, o restante era externo. Com o 2.208, foi o inverso; ficou 40 e poucos alunos dentro da escola e o restante teve que sair tudo. Isso causa um impacto muito grande na formação de quem mais precisa; dos carentes.

E por outro lado, foi essa segmentação do impacto pedagógico. Porque, foi: "A partir de hoje, o ensino médio é na cidade e o técnico é aqui". Primeiro, o impacto na vida das pessoas, porque todos os colegas de línguas, os colegas das exatas ficaram doidos, né: "O quê que vai fazer comigo, agora?". E aí começou aquele negócio: "Não, o pessoal da Biologia vai poder dar aula no curso técnico aqui, o de Matemática vai dar uma matemática aplicada ali...". Deu uma minimizada, e falei: "Não, não vamos mandar todo mundo embora." Mas ficou aquele negócio, o professor desesperado para poder fazer alguma coisa diferente daquilo que ele estava fazendo, que era uma formação do ensino médio, para a pessoa ter uma formação mais humanística, uma formação mais completa. De repente, fala: "Olha, então não tem mais nada o que fazer aqui, eu agora só vou ser suporte para a área técnica, porque a formação pedagógica, propedêutica, vai ser toda lá fora." Aí, a gente conviveu com isso...

Outra consequência terrível é que a gente chegou a ter três matrizes curriculares diferentes dentro do Campus, nessa época do 2.208. Uma integral; quem fazia só o técnico. E era uma concomitância externa e concomitância interna. Então, isso causou um rebolico muito grande. A gente tinha um Técnico em Agropecuária e de repente, tinha o Técnico em Agricultura, Pecuária e o Técnico em Agroindústria e o Técnico em uma outra denominação... A gente segmentou o Técnico Agrícola em quatro, lá em Urutaí. Então, o efeito dele foi muito maléfico. Sem considerar que o mais danoso, o mais perverso dele, foi proibir a expansão do ensino profissionalizante. Quem tinha conseguido sua escola de EPT conseguiu, quem não conseguiu, não vai ter mais.

O 2.208 é um erro, um absurdo, na minha avaliação. Pelos efeitos que ele poderia causar, ele até causou menos. Ele foi um tsunami aí, que pelo menos foi numa área mais árida, para lá, não veio. Mas a resistência dos professores também foi muito grande. Você tinha que mudar a sua concepção, de objetivo.

Na verdade, é que a gente começou a pegar aquela prática nossa, que era de um tipo, e fazer as metas. Aí eu ia pegar nossos objetivos e iam transformar numas metas. Aquilo ali, de repente, começou assim: "Ah nós vamos fazer isso, isso e isso...". Quer dizer, começou a ficar muito, muito desconexo da formação mais ampla, mesmo, mais integradora dos alunos. Então, a gente começou a exagerar no tecnicismo, em detrimento de outras áreas pedagógicas. E isso aí... como os professores estavam sendo obrigados a fazer isso, meio que na marra... Mas às vezes, algum pegou só lá, só os conteúdos e mudou de uma coisa para outra, mas acabou não operacionalizando. Talvez, isso tenha diminuído um pouco o impacto no dia a dia da escola.

Mas, durante a permanência dele, a gente, para exemplificar, nós tivemos a criação de só duas escolas: a de Dois Vizinhos e a de Morrinhos. E, por exigência de governadores, que bateram o pé e fizeram com que acontecesse. Mas de uma forma mutilada, porque uma escola da envergadura de Morrinhos, se você pensar que ela era obrigação do Estado, da União e do Município, na hora que você precisava de uma coisa, falavam: "Não, isso aí é na União. Isso aí é na União? Não, isso aí é do Município. Isso aí é no Município? Não, isso aí é do Estado, ou da União, aqui é que não é." Você ficava sem pai nem mãe. E a escola ficou, durante muitos anos, batendo cabeça, sem ter a quem recorrer.

E tudo isso é efeito do 2.208. Então, quando ele foi revogado, para nós foi uma benção. Para Morrinhos, por exemplo, não teve nada melhor do que a criação dos Institutos, não teve nada melhor do que a revogação do 2.208, porque, realmente, ele nos matava na unha, mesmo.

O PROEP estruturou, na verdade, as escolas (*sobre as contribuições do PROEP*). As escolas vinham de um período de sucateamento muito grande, de muito tempo, porque a gente via galpões caindo, ausência de laboratórios, laboratórios muito simplificados... Então, o PROEP, ele deu uma reestruturação boa. Para dar um exemplo, a gente teve na escola de Morrinhos, a construção dos prédios, e depois não tivemos, praticamente, mais nada. Então, só com o PROEP é que, mesmo não tendo o curso de informática, a gente comprou o computador, comprou o ônibus, comprou todos os equipamentos de mecanização, montou Agricultura, montou nos laboratórios de Física, Química, Matemática, de Irrigação, enfim, de Mecanização, da Agroindústria.

Para algumas escolas, ele foi só (como Urutaí) uma adaptação e melhoria das instalações que tinham, mas para Morrinhos, foi equipar todas elas. Então, para Morrinhos o impacto do PROEP foi mais significativo, porque a gente tinha as instalações, mas nunca tinha tido dinheiro para equipamentos. Então, o PROEP significou a compra dos equipamentos que a escola não teve. Não tinha tido a oportunidade, antes.

Foto 29: Laboratório de Agroindústria da UNED Morrinhos.



Fonte: IF Goiano – Campus Morrinhos.

Para Urutaí, teve uma importância muito grande (*sobre a importância da UNED Morrinhos para Urutaí*), porque ela nasceu da vontade do governador, porque ele foi lá em Ceres, viu a inauguração da Escola de Ceres e falou: “Olha, eu quero uma dessa para Morrinhos”. Porque ele é de Morrinhos, o Doutor Naphtali. Mas aí, porque que para Urutaí foi vantajoso? Porque Urutaí, para se tornar CEFET, tinha que ter um curso superior que foi o “Tecnólogo em Irrigação” e ter uma unidade descentralizada. Então ele se credenciou para virar CEFET, com a participação da UNED. A maior importância da UNED, na minha opinião, para Urutaí, foi ajudar no processo de “cefetização”, o que beneficiou a ambos.

Isso aí é o seguinte (*sobre porque Ceres não foi “cefetizada”*), talvez porque a direção que estava naquele momento, assim como Uberlândia, não se atentou para esse *plus*. E também, porque, inicialmente, foram poucas as escolas que começaram. Então, de um grupo muito seletivo, tinha aqui de Goiás, só Urutaí e aqui da região do Triângulo, só Uberaba. E mais Uberaba, uma ali do Rio Grande do Sul, aqui do Mato Grosso, então foram poucas Escolas Agrotécnicas que se atentaram para isso.

Eu acho que é, em parte, pela atividade proativa dos diretores que estavam naquele momento, que apostaram na ideia e correram atrás. Eu penso que sim, eu penso que foi mais em virtude da proatividade dos gestores do momento.

É uma nova institucionalização (*Sobre os impactos do processo de “cefetização” para as Escolas Agrotécnicas Federais*). Se a gente como Escola Agrotécnica podia dar só o técnico, com o CEFET, a gente já podia dar o terceiro grau, dar os cursos superiores. Então essa foi a maior mudança. E a mudança também, na tipologia de contratação de servidores. A possibilidade de crescimento do número de servidores, sejam técnicos administrativos ou docentes, ela amplia muito. E com isso, a questão de recursos na ampliação de laboratórios, bibliotecas, enfim, muda muito com a possibilidade de crescimento da instituição.

Ele, basicamente, ajuda na questão de que você já pode fazer, prioritariamente, a integração da teoria e prática, dentro da escola (*sobre o Decreto nº 5.154/04 e seus impactos*). O ensino técnico e o ensino chamado propedêutico; o núcleo comum. O núcleo comum e o núcleo profissionalizante, dentro da escola. Então, acho que isso é o maior impacto que ele teve.

Do CEFET, como houve maior divulgação, entrada do curso superior, eu penso que isso melhorou um pouco (*sobre a classe social dos alunos dos CEFET'S*). Mas assim, diante de algumas pesquisas que a gente retira dos nossos alunos, hoje, ainda temos um maior atendimento de alunos carentes. E isso não mudou muito.

Agora, o que mudou é que com a entrada dos cursos superiores, a gente vê alguns alunos de uma classe de poder aquisitivo bem maior. Porque se na minha época de estudante, alguns professores andavam de carro, hoje alguns alunos chegam com carros melhores do que os do professorado. Então, expôs mais essa diferença entre os alunos carentes e os alunos mais abastados.

Mas de um modo geral, a gente ainda mantém aquela questão. Eu estou insistindo nisso, porque eu li várias respostas de questionários socioeconômicos dos nossos alunos, e a gente vê uma caracterização muito forte dos alunos até meio salário e de um salário até um e meio. E tem uma gama, assim, considerável que não quis declarar. Eu imagino que esses que não quiseram declarar é porque estejam nas classes mais privilegiadas. Estou só supondo, porque a maioria se declarou, então se alguém não declarou, deve ser desses daí, que estão vindo de carro bom para a escola.

PARTE IV

Campus Rio Verde



Fonte: Arquivo do IF Goiano – Campus Rio Verde.

CAPÍTULO VIII

POLÊMICAS

“A reforma dava essa brecha: “Vocês aplicam qualquer conhecimento comigo, qualquer prova; prática e teórica, que na medida do possível, eu atinjo uma nota”. A escola tinha que aplicar essas avaliações. Se o aluno conseguisse atingir aquela nota, a escola poderia certificar aquele aluno, sem ele ter frequentado nenhum dia de aula.” (Gestor A).

[GESTOR A]

Idade: 55 anos
Experiência no IF Goiano: 32 anos
Localidade de atuação: Rio Verde

Eu ingressei no Ministério da Educação, em 1984. À época, a Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário - COAGRI foi extinta e foi criada uma secretaria para cuidar do ensino agrícola do país, que continuou sendo vinculada ao Ministério da Educação. E fui transferido para a Escola Agrotécnica de Rio Verde, no ano de 1987. (*Sobre quando entrou para a Rede Federal de Educação Profissional*).

À priori, o meu concurso foi para o Ministério da Educação e eu ingressei na Rede Federal de Educação Profissional, através da minha transferência em 1987, para a Escola Agrotécnica Federal de Rio Verde. Não teve um motivo... (*sobre as razões que o levaram à Rede Federal de Educação Profissional*). À época, que eu pedi a transferência para a Escola Agrotécnica de Rio Verde, houve uma isonomia salarial e os Campus Agrícolas (as Escolas Agrícolas) teriam um salário melhor do que os funcionários do Ministério da Educação.

Então, *à priori*, foi uma questão, até financeira, o pedido de transferência para eu ir para a Escola Agrotécnica Federal de Rio Verde. Porque haveria uma melhoria salarial.

Eu fui concursado como Assistente em Administração e a partir de 1992, eu... de 92 pra cá, eu assumi alguns cargos de gestão. Pelo que eu estou lembrado, eu comecei como coordenador de biblioteca, depois como coordenador de Registro Acadêmico, em seguida, como supervisor pedagógico, e depois, como Coordenador Geral de Ensino, aí depois eu fui transferido aqui para a Reitoria, na época da criação dos Institutos. Assumi esses cargos, durante os 22 anos, em que eu trabalhei no Campus Rio Verde. (*Sobre cargos e funções exercidos na Rede*).

A mais marcante, para mim (*sobre a experiência mais marcante*) foi a experiência vivida como coordenador geral de Ensino, no Campus Rio Verde. Houve um aprendizado bastante rico na área de pedagogia, que é a minha formação de graduação. E que eu mais atuei, dentro da Escola Agrotécnica Federal de Rio Verde, depois CEFET, depois Campus Rio Verde, com a criação dos Institutos.

A Rede significa toda a minha vida profissional. Com ela, eu aprendi tudo que eu sei hoje, com relação a minha profissão. Com ela, eu construí o que eu tenho hoje. O patrimônio foi através da Rede, que eu construí. Mas o que fica mais de aprendizado é o conhecimento que eu adquiri e, principalmente, em assumir esses cargos de gestão, na área de Ensino.

O ensino agrícola, ele passou por algumas reformas. A principal foi a reforma da Educação Profissional Tecnológica, que foi em 2001, que na ocasião eu estava na gestão de ensino do Campus Rio Verde, à época, Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET. Então toda mudança... Toda essa reforma da Educação Profissional exigia da nossa parte muita entrega, nessa condição, dessa reforma, porque você estava quebrando muitos paradigmas (*sobre suas contribuições para o Ensino Profissional no IF Goiano*). Porque antes, aqueles professores mais antigos, que ministram as aulas, eles tinham que mudar a maneira de ensinar; tinham que mudar a maneira de lidar com os alunos.

Então, para mim, a experiência marcante foi, principalmente, com a reforma da Educação Profissional Tecnológica, que na ocasião, eu estava como gestor, como coordenador geral de Ensino, no Centro Federal de Educação Tecnológica, em Rio Verde.

Um dos principais desafios do, hoje, Campus Rio Verde do IF Goiano, porque a minha experiência foi dentro do Campus Rio Verde... (*sobre os principais desafios do IF Goiano*). O maior desafio era você sair da zona de conforto, onde você ofertava aquele ensino agrícola tradicional, onde teriam somente os cursos técnicos e para mim, na minha opinião, o desafio foi sair dessa zona de conforto e passar a ofertar cursos superiores.

Que foi, exatamente, a transformação da Escola Agrotécnica para o CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica. Então, para mim,

foi o grande desafio: dar oportunidade para aquela comunidade, que antes não tinha... Na época, não tinha nenhum ensino gratuito, nenhuma graduação gratuita na região.

O grande desafio foi esse: ofertar o curso superior, de excelente qualidade, gratuito, para toda a comunidade de Rio Verde e região.

A trajetória... eu cheguei na Escola Agrotécnica Federal de Rio Verde, em 1987... já tinha uma trajetória, já anterior, principalmente, com o marco forte no ensino agrícola (*sobre o desenvolvimento da EPT na história do IF Goiano*). Porque só tinha o Curso Técnico em Agropecuária, Zootecnia e Curso Técnico em Agricultura, à época.

E depois, com a transformação do CEFET, como eu já falei, passou a ofertar cursos técnicos na área de gestão, e curso superior, na área de agronegócio. Então, a transformação de Escola Agrotécnica para Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Verde abriu um leque muito grande para a área de ensino, para a comunidade rio-verdense no todo e comunidade em torno.

E você, além de ofertar aqueles cursos tradicionais, você partiu para uma área de Agronegócio, de Administração de Empresas, que alavancou. Porque foi nessa época também, que iniciou os cursos noturnos na escola. Então, o grande marco, hoje, do ensino dentro do Campus Rio Verde, foi a oferta de cursos fora da área agrícola, que não eram o seu forte, mas que tinham profissionais que poderiam colaborar com a formação desses jovens.

Então, teve um marco que foi isso: oferta de cursos técnicos fora da área agrícola e também, de curso superior. Principalmente, iniciando na área de Agronegócio, de Tecnologia em Produção de Grãos.

O Colégio Agrícola de Rio Verde foi instituído e apadrinhado pela Escola Agrotécnica Federal de Urutaí (*na época, GAU*). Então, tudo iniciou-se, até com alguns servidores do antigo Colégio Agrícola de Urutaí (*GAU*). Então, o Colégio Agrícola de Urutaí foi tipo um padrinho para o Campus de Rio Verde. Tanto é que teve alguns servidores de bastante experiência, à época, que foram transferidos para o Campus de Rio Verde, para dar início ao processo do Colégio Agrícola de Rio Verde.

Isso é o que eu sei te informar, porque eu não estava à época. Mas eu ouvia as histórias, porque eu convivi com pessoas que foram transferidas. Eu posso citar aqui o caso do Sr. Valdomiro, que era o

diretor administrativo, que ele foi do Campus de Urutaí para implementar o Colégio Agrícola de Rio Verde.

A Escola-Fazenda, eu entendo que ela proporciona ao aluno uma educação integral, onde o aluno tem o conhecimento propedêutico e o conhecimento técnico. Tem a parte do ensino médio e tem a parte técnica. A grande vivência dessas Escolas Agrícolas é que o aluno (à minha época, já era assim, como método de Escola Agrotécnica) estudava um período como no ensino médio e outro período, ele ia para os cursos técnicos. Ele tinha uma vivência muito grande, ele ficava o dia inteiro na escola em um dos Cursos Técnicos em Agropecuária, Zootecnia ou Agricultura, porque à época, tinham esses três cursos.

Para mim, sempre foi um ganho muito real, porque o aluno vivenciava aquilo lá, o dia todo. O aluno praticava, ficava o dia todo, praticava nas aulas, ele conduzia muitas vezes o processo com o professor ao seu lado. Então, para mim foi uma perda, eu reconheço que foi uma perda muito grande, quando a reforma da Educação Profissional transformou um curso de Técnico em Agropecuária, que, aproximadamente era de 2.400 horas para 1200 horas. Para mim, o aluno perdeu toda essa vivência, toda essa prática que ele tinha de ficar... num período, ele ficava no setor de Bovino, no outro semestre, ele ficava no setor de Suinocultura, outro semestre ficava no setor de Avicultura... Então, ele vivenciava aquilo, falando em ditado popular: ele colocava, realmente, a mão na massa, discutindo futuro, falando em colocar realmente a “mão na massa”.

Porque, hoje, a gente não vê muito isso. Então, esse aí foi um grande marco, que eu achei uma perda no ensino. Não só por causa da redução da carga horária, mas pela própria mudança na condução das disciplinas da matriz curricular.

Foto 30: Instalação de Avicultura na EADRV.



Fonte: IF Goiano – Campus Rio Verde.

A COAGRI, quando fui admitido no Ministério da Educação, em 1984, era um órgão que coordenava o ensino agropecuário. Era a Coordenação do Ensino Agropecuário do Ministério da Educação; então coordenava todas as Escolas Agrotécnicas da Rede Federal e era um órgão que as escolas, à época, tinham um fácil acesso, tinham uma maior autonomia em executar suas atividades.

Quando eu trabalhei na COAGRI, de 1984 a 1987, era comum os diretores resolverem suas demandas, lá, com o ensino agropecuário, com o chefe maior e, muitas vezes, não marcava nem reunião. Então, eu acredito que eles eram recebidos com mais propriedade, com mais atenção...

Como era um órgão bem específico, para cuidar só das Escolas Agrotécnicas, eles tinham condições de dar uma atenção maior. E eles davam autonomia, para executar suas atividades nas Escolas Agrícolas, Escolas Agrotécnicas.

A COAGRI representou uma importância muito grande para o ensino agrícola do país. Muito.

Esse Decreto 2.208 (*sobre o Decreto nº 2.208/97 e seus impactos*), ele muda o itinerário de formação dos cursos técnicos. Porque é um Decreto bem específico dos cursos técnicos com o ensino médio. Ele dá oportunidade para o aluno, não só fazer um curso médio dentro da escola, como dá oportunidade para o aluno ir lá na escola e fazer apenas o curso técnico. E há uma mudança, com essa implementação do Decreto, há uma mudança radical na matriz curricular dos cursos técnicos, que é uma separação; há uma desvinculação do ensino médio do ensino técnico. O aluno, ele pode fazer a opção por fazer somente o curso do ensino técnico, que antes era integrado ao ensino médio.

Esse decreto 2.208 foi um divisor de águas entre o antigo ensino agrotécnico, ministrado em Escola Agrícola, e o modelo atual, que hoje já se perdurou aí, durante aproximadamente 20 anos. Então, esse decreto 2.208, realmente, foi um marco, não só na condução do ensino, mas na condução da própria gestão administrativa. Ele, realmente, foi um divisor de águas.

Com a instituição desse Decreto 2.208, teve uma mudança radical no ensino agrícola. É que, antes, as disciplinas eram ofertadas em forma de matriz curricular e em bloco. O aluno tinha que concluir o semestre e concluir todas aquelas disciplinas. Com o decreto 2.208, passou a se ofertar o ensino modular. Então, antes tinha uma disciplina de Suinocultura, agora tem um módulo de Suinocultura. Antes, tinha uma disciplina de Bovinocultura, agora tem um módulo de Bovinocultura. E o aluno poderia fazer o seu próprio itinerário de formação.

Ele poderia escolher; ele fazia o módulo de Avicultura no Curso Técnico de Zootecnia e poderia fazer um módulo de Agricultura, no Curso Técnico em Agropecuária. Contando que no curso técnico em Agropecuária, que eu me recordo, somaria uma carga horária de 1.200 horas, apenas no curso técnico, que o aluno poderia pegar dois, três, quatro módulos e poderia formar essa carga horária de 1200 horas e poderia certificar esse aluno.

Então, o próprio aluno, ele construía o itinerário de formação dele. Ele escolhia os módulos de formação. Mas foi uma experiência que durou muito pouco. Por quê? Quando criou a reforma, não se pensou na saída deste aluno para o mercado de trabalho. A própria empresa não estava preparada para receber este aluno, com essa formação diferente. E outra grande diferença que teve nessa grande reforma e, para mim, uma das mais impactantes, é que essa reforma acabava com a questão do conceito de nota. Da nota, como medidor de conhecimento do aluno. Ela passou a abordar conceitos; o conceito A, o conceito B, conceito C.

Ou seja... Tanto é que tinha professor que fazia uma tabelinha: "Tá, então aluno, para mim, tirou de zero a quatro, ele tem um conceito C; de quatro a sete, tinha o conceito B; de sete a dez, tinha o conceito A".

Aí, você formava esse aluno, ele ia para o mercado de trabalho. No mercado de trabalho, o empresário pegava: "Ué, mas cadê suas notas? Eu quero saber as suas notas?". Então, a própria reforma, ela não previu essa questão, quando o aluno saísse para o mercado de trabalho.

E outro grande acontecimento nessa reforma, também, com o decreto 2.208, foi que a escola poderia certificar aquele pequeno produtor, aquele filho de produtor que já tinha um conhecimento, trazido da sua fazenda, da sua pequena propriedade. E ele chegava na escola e falava: "Olha, eu já conheço Suinocultura, melhor que certos professores". A reforma dava essa brecha: "Vocês aplicam qualquer conhecimento comigo, qualquer prova; prática e teórica, que na medida do possível, eu atinjo uma nota". A escola tinha que aplicar essas avaliações. Se o aluno conseguisse atingir aquela nota, a escola poderia certificar aquele aluno, sem ele ter frequentado nenhum dia de aula. Mas isso, também, foi uma experiência que eu não sei se algumas escolas conseguiram implementar, mas que eu acredito que não.

E tem mais, tem Escolas Agrotécnicas, na época, que não obedeceram a reforma da Educação Profissional. Continuaram ofertando o ensino técnico integrado, continuaram ofertando técnico com aquela carga horária máxima, eles assumiram o risco. Mas o Campus de Rio Verde obedeceu à reforma na risca. Mas tiveram Escolas Agrotécnicas que não obedeceram.

Então, tiveram essas grandes mudanças. E isso provocou uma certa mudança de postura no próprio professor. Tiveram casos de professores que, quando falei para ele que ia acabar a questão de nota e ia acabar, também, a questão da presença... Porque o aluno, também, não precisaria comprovar presença em sala de aula; ele que iria ver a necessidade dele ir à aula ou não. Isso aí não pegou. Isso aí, todo mundo viu que ia dar errado.

Porque até hoje, o aluno, ele precisa de um controle de frequência. Quando a gente colocava uma palestra que é da área do aluno, do interesse dele, a gente tinha que falar com o professor para ele ir ao auditório, na palestra, para pegar a presença do aluno, para ele ir à palestra. Se o professor não marcasse a presença do aluno com o diário, colocando a presença dele lá no diário... E daí, como é que você tenta implementar uma questão dessas, do aluno ir na aula, no dia que ele quiser, porque ele que vai ver a necessidade?

Então, essa reforma impactou com certas polêmicas, que até hoje não foram implementadas no ensino tradicional. Então, muitos conseguiram, naquele ensino tradicional. Mas teve algumas coisas que ficaram. Tem escolas que nunca mais passaram a ofertar o ensino técnico integrado ao ensino médio, outras não... Então, aquele Decreto 5.154, para algumas, já veio tarde. Então, tiveram também essas transformações que impactaram bastante no ensino técnico agrícola do país, a partir do Decreto 2.208.

Foto 31: Alunos na biblioteca da EA FRV



Fonte: IF Goiano – Campus Rio Verde.

O perfil sociocultural dos alunos era um perfil socioeconômico baixo (*sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrotécnicas*). Oitenta por cento dos alunos vinham de famílias carentes, de pequenos produtores. Principalmente, aqueles alunos residentes, porque à época da Escola Agrotécnica, o Campus Rio Verde tinha, aproximadamente, mais de 300 alunos residentes. Eram alunos extremamente carentes, que não teriam condições de pagar aluguel. O Campus Rio Verde dava a oportunidade para esses alunos de morar dentro da instituição, com direito à alimentação, com direito a roupa de cama, dormitório e tudo.

E essa parte social também... aluno muito carente. Muitas vezes a escola tinha que assumir o papel de pai e mãe. Porque eram famílias que colocavam seus filhos lá, no regime de internato, e só iam ver os filhos depois de seis meses, um ano. E tinham famílias que o filho formava, só vinham na formatura do filho, pela distância do local que eles se encontravam.

Então, o perfil, no geral, é um perfil socioeconômico merecedor de atenção especial da escola. Principalmente, dos gestores de ensino; pedagogos, professores, agentes apoiadores da área de ensino. Portanto, a gente tinha que dar uma atenção especial para esses alunos.

O Programa de Expansão da Rede Federal, o PROEP (*sobre as contribuições do PROEP*). O PROEP, para mim, foi o grande *start* que deu na Rede Federal, porque foi com essa expansão que foram criados novos cursos, a própria estrutura física da Escola Agrotécnica, hoje Campus Rio Verde.

Com esse recurso do PROEP, não só a parte de estrutura física, mas os próprios laboratórios, equipamentos, mobiliários... Esse PROEP veio alavancar o ensino no Campus Rio Verde, na época, Escola Agrotécnica. Então, financeiramente, foi um grande estimulador para o ensino agrícola e o... porque à época, já tinha essa expansão das outras áreas; as áreas de gestão, do agronegócio. O PROEP foi um grande responsável para que esse ensino, nessas áreas, se desenvolvesse com maior rapidez.

O grande impacto (*sobre o impacto da “cefetização” para a estrutura e o ensino das instituições*) é que com a transformação das Escolas Agrotécnicas em CEFET, este poderia ofertar os cursos de graduação; os cursos de Tecnologia. Foi iniciado com os cursos de tecnologia, com o CEFET. Então, o grande impacto foi esse. Quando você cria um... você abre o leque de nível de ensino (você tem só cursos técnicos e o ensino médio) e passa a ofertar cursos de graduação, você precisa de uma estrutura melhor. Então, o grande impacto teve.

O orçamento aumentou consideravelmente. Mas, com a criação desses cursos superiores, houve um empenho maior do diretor e de toda a comunidade para buscar recursos no Ministério da Educação, alegando que o nível de ensino... que estavam sendo ofertados os

cursos de graduação. E a comunidade, em si. O maior ganho foi o da comunidade, que passou a ter o ensino superior de forma gratuita e de excelente qualidade, com profissionais, com concurso, com novas contratações de docentes, novas contratações de técnicos administrativos. O corpo de servidores aumentou, consideravelmente, com a criação desses cursos.

E para mim, foi o grande marco para abrir o leque do perfil agrícola, para a área de gestão. Isso aí foi o grande marco; você saiu daquela zona de conforto, em que você só oferecia o ensino agrícola e passou a ofertar outra área. Com isso, vieram outros cursos: veio o curso de Biologia, veio o curso de Agronomia... com essa transformação, que abriu todo esse leque, que oportunizou o CEFET a ofertar outros cursos, não só de graduação, mas também outros cursos técnicos.

Foto 32: Laboratório de Química na EA FRV.



Fonte: IF Goiano – Campus Rio Verde.

Para mim foi um ganho para a Educação (*sobre o Decreto nº 5.154/04 e seus impactos*), mas para algumas instituições veio tarde. Porque já tinham escolas que já tinham optado por acabar com o ensino integrado e ficar com o ensino subsequente, ou ensino concomitante. Então, acabaram com o ensino integrado.

Nós tínhamos alunos que faziam o Curso Técnico em Agropecuária com o ensino médio técnico, lá na escola... Com o

Decreto 2.208, o aluno poderia cursar o ensino médio na cidade e o curso técnico na escola. Aí veio o Decreto 5.154, que veio permitir aquelas escolas que acabaram, que retornassem a ofertar o Ensino Integrado; o curso técnico ao ensino médio.

Mas para algumas escolas, e a exemplo do Campus Rio Verde que não retornou, ele veio um pouco tardio. Ele, eu acho que... Não sei se é um erro, mas se você tinha que passar por esse processo. Se não existisse esse decreto 2.208, talvez, hoje, em algumas instituições, nós estaríamos ofertando curso técnico integrado ao ensino médio. Porque, para mim, foi uma perda muito grande, porque o ensino médio, na Rede, tinha uma fama. Tinha, não: ainda tem uma fama muito boa, porque realmente, o ensino médio preparava os alunos para o vestibular. Tanto é que haviam alunos que iam fazer o Curso Técnico em Agropecuária, pensando não no Curso Técnico em Agropecuária, mas sim, pensando na boa qualidade do ensino médio que tinham nas Escolas Agrícolas.

A classe social dos alunos do Campus Rio Verde, na época do CEFET, para mim, mudou muito pouco (*sobre a classe social dos alunos dos CEFET'S*). Os alunos continuavam sendo alunos carentes, não só socialmente, mas economicamente. E para eles houve uma perda muito grande, dessa questão de não ter mais o Ensino Integrado. Foi uma perda, não só para o município de Rio Verde, mas para toda a região. Porque, talvez o impacto para o município de Rio Verde, o impacto foi menor. É uma cidade mais evoluída, às vezes com o poder econômico das famílias um pouquinho melhor. Aí, quando você saía de dentro do município, a gente pegava ali, Indiara, pegava Acreúna, Santa Helena, Quirinópolis... nessa região tinham alunos bastante carentes. Como tem até hoje, mas na época, acredito que mais.

E aí, eu conheci... a época de começar a diminuir as vagas de regime de residência. Porque no final, o Campus de Rio Verde tirou essas... hoje, nós não temos mais as vagas de residência. Então, eu acredito que na cidade de Rio Verde, por se tratar de uma cidade de porte maior, as famílias tenham um poder socioeconômico melhor. Mas, nas regiões, não. Na época, a carência ainda era muito grande. Você tinha o ensino técnico integrado ao ensino médio e com a oferta de residência para os estudantes.

CAPÍTULO IX

MÃO NA MASSA

“Você tem uma turma de 30 alunos, imagina 30 alunos daqueles fazendo duas coroas, cada um. Um dia na fazenda, o peão não vai estar fazendo? Se o peão não sabe fazer, ele não vai ter que orientar? Como vai saber orientar, se ele não sabe fazer?”
(Professor H).

[PROFESSOR H]

Idade: 58 anos
Experiência no IF Goiano: 37 anos
Localidade de atuação: Rio Verde

Eu iniciei, como estudante, em setembro de 1978, no antigo Colégio Agrícola, que estava em processo de transformação para Escola Agrotécnica, na cidade de Rio Verde. Eu estou desde 1978 como estudante, sendo que em 1981, ingressei como professor temporário.

Primeiro, foi à procura de um curso técnico, porque não oferecia na cidade em que eu morava (*sobre as razões que o levaram à Rede Federal de Educação Profissional*), só tinha Técnico em Contabilidade e Magistério, os quais não me interessavam. No caso, eu morava na cidade de Itapaci, decidi ir para Rio Verde, fiz uma prova e consegui ser selecionado. Então fui morar, residente, na escola. Quando terminei os três anos do Curso Técnico em Agropecuária, fui convidado para ser professor temporário. Foi o meu primeiro trabalho, na própria Escola Agrotécnica Federal de Rio Verde. Ingressei em agosto de 1981, como servidor. E estou nessa Rede até chegar a Reitor.

Quando eu terminei o ensino médio, naquela época, já poderiam me contratar como professor. Então, foi para o meu primeiro emprego, como professor temporário. A razão era mesmo, em busca do autossustento, querer um emprego, trabalhar... Surgiu essa possibilidade porque fui convidado (na minha época, era convite pelo diretor) para poder ser professor temporário na área de laticínios. Então, fui trabalhar nesse laticínio da escola, já como professor temporário, em agosto de 1981, no ano seguinte que me conclui o curso (1980).

Após um certo período, fui contratado como efetivo (*sobre cargos e funções exercidos na Rede*). O primeiro leite pasteurizado que teve na cidade de Rio Verde foi implantado pela Escola Agrotécnica, e eu trabalhava nessa área.

Em seguida, eu fui chefe de setor, que eram as Unidades Educativas de Produção. Trabalhei no setor de Bovinocultura, como

professor, cuidava da parte técnica, dos animais. Após essa etapa, fui trabalhar na Supervisão Pedagógica, como supervisor pedagógico, e também, como chefe de gabinete do diretor. E ainda, como diretor de ensino do Campus.

Em 2005, fui o primeiro diretor eleito, lá no Campus Rio Verde. Já era CEFET, não mais era Escola Agrotécnica. Posteriormente, fui diretor geral. Quando eu terminei o mandato, já houve uma transformação de CEFET para Instituto. Eu vim para Goiânia ser Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional. Fiquei três anos como Pró-reitor, e depois fui candidato a Reitor. Fui também, o primeiro Reitor eleito. Até então, o primeiro reitor, foi do Campus Urutaí (e eu fazia parte de sua equipe). Foi reitor *pró-tempore*, indicado pelos três anos. Em seguida, teve eleição, para o cargo e fui eleito.

Após esses quatro anos, me candidatei, novamente, e fui reeleito por mais quatro anos. O meu mandato termina em março de 2020. Então, essa foi a trajetória... Como professor de várias áreas, atuei nas áreas de alimento, agricultura, irrigação, e por fim, atuei também na, área de matemática. Porque, nesse período, já como professor, fiz os cursos de Pedagogia, Ciências Agrícolas e também, Licenciatura em Ciências, com habilitação em Matemática. Portanto, a minha última atuação como professor foi na área de matemática.

A avaliação que eu faço é a seguinte (*sobre como avalia seu trabalho na Rede*): foi um período de aprendizagem, sempre estava aprendendo. Avalio o meu trabalho como muito positivo, não só como professor mas também como gestor. Quando somos contratados muito novos, eu tinha 21 anos, não sabemos muito bem se, realmente, é o que queremos, mas vamos construindo a nossa carreira profissional. Eu tive que aprender a ser professor e lidar com a sala de aula. Então, para mim foi muito positivo, tinha grande aceitação dos alunos.

Na minha avaliação, eu exercei bem o meu papel. Em vários momentos pude perceber a aceitação pelos alunos, por exemplo, quando recebia convites para coordená-los, para ser paraninfo das turmas, enfim... Toda essa relação, eu considero positiva. Todo meu trabalho, foi construído de forma sincera, democrática, acredito que esta forma tenha me levado a ter o apoio dos próprios colegas para que fosse candidato a diretor geral do Campus, na ocasião em que fui eleito. Teve disputa, uma eleição que eu tive 53% dos votos. Na época, foi a primeira eleição direta no Campus Rio Verde. Até então, era uma lista tríplice, ou seja, indicava-se três nomes e o MEC escolhia o nome que ele achava que tinha o melhor perfil político.

Eu avalio minha carreira como sendo bem-sucedida, porque logo depois de diretor, também, fui convidado para ocupar um cargo de pró-reitor de desenvolvimento institucional, sendo eleito duas vezes como reitor, sendo candidato único, em ambas. Acredito que a referência foi a minha gestão no Campus Rio Verde, o primeiro Campus a criar o primeiro Mestrado Acadêmico. Quando eu saí de lá, após quatro anos como diretor, eu já deixei o primeiro Mestrado, mesmo não sendo Instituto, pois ainda era CEFET. Naquela época, era quase impossível, mas pela equipe, trabalho, envolvimento e capacitação dos nossos professores, conseguimos aprovar o nosso primeiro mestrado, pela CAPES, o qual foi o primeiro mestrado do IF Goiano, realizado com recurso próprio e com o próprio quadro de pessoal.

Então, a minha avaliação é positiva. Mas todo esse trabalho, foi em equipe, porque nunca trabalhei sozinho. Um dos grandes méritos do sucesso das minhas gestões é o trabalho, envolvendo as pessoas, sempre com o diálogo, mostrando o que é o melhor. Sabemos que não há unanimidade, mas dialogamos muito para chegar a um consenso que seja melhor para o Instituto, graças ao trabalho em equipe.

Foto 33: Inauguração da área de Laticínios da EA FRV.



Fonte: Arquivo do IF Goiano – Campus Rio Verde.

A mais marcante foi ter sido contratado como professor (*sobre a experiência mais marcante*). Porque, até então, eu me lembro muito bem, da minha turma eramos 113 formandos e foram convidados dois, dos formandos, para ser professor da escola. Aquele momento para mim foi muito importante, até mesmo pela minha própria origem, eu precisava de uma oportunidade na vida. Com a minha dedicação como estudante, criou-se essa situação.

Então, quando terminei, fui convidado, porque, na época, era convite e não concurso. Exatamente pelo meu trabalho como monitor de turma, em que eu ministrava aulas, regia monitoria para os colegas, Eles falaram: “Está apto para ser um dos nossos professores”. Convidaram eu e o professor Luiz Antônio, dessa turma. Ele se aposentou faz pouco tempo. Já tenho até tempo para me aposentar, mas ainda estou na gestão.

Realmente, este fato foi muito marcante na minha vida. Foi exatamente no mês de agosto de 1981, quando fui contratado como professor temporário, da antiga Escola Agrotécnica de Rio Verde. E era o que eu precisava para a minha vida. Essa oportunidade abriu caminhos para que eu chegasse a Reitor. A minha família é bem humilde, nós somos de 15 irmãos.

Com certeza foi pela dedicação e formação que eu obtive, tínhamos uma equipe de professores muito competente e otimista que nos dava força para vencermos, assim, acabei conseguindo. Então, esse emprego transformou a minha vida.

A Rede, para mim, significa um modelo de ensino que transforma vidas. Desde que, é lógico, o estudante vá para, realmente, se dedicar e estudar. Pela formação que tem nossos professores e pela maneira que é conduzido o ensino nas nossas instituições. Principalmente no IF Goiano (nós estamos no interior), essa parte humana, de acompanhamento, os professores fazem muito bem. E os professores apoiam os alunos com dificuldades.

E hoje, mais ainda. Se naquela época já tinha apoio e o grupo não era tão grande, hoje nós temos uma equipe mais fortalecida, que ajuda nessa parte. Então, além da formação técnica, do conhecimento que nós tínhamos, científico, temos também a formação humanística, preocupamos com a formação cidadã. Vejo a Rede, nessa perspectiva. Realmente, preocupa com a formação integral dos nossos alunos.

Essa formação integral, acho que é um ponto forte da nossa Rede. É um modelo de ensino que foi levado para o interior. Até então,

se quiséssemos fazer um curso, teríamos que vir para as capitais. A Rede faz a diferença na vida dos estudantes que quer vencer. Sabemos que existem exceções.

A Rede é uma referência no ensino, no Brasil. Seguindo este modelo e tendo investimento, hoje, com mais de 600 escolas no país, tenho certeza que será uma: referência mundial.

Pela dimensão de nosso país, com a interiorização, ela vem realmente de encontro com o que nós queremos: educação de qualidade, desafiando o conceito que: "Educação não dá certo, que educação no Brasil é fraca", percebemos que os nossos *Campi contribuem para uma boa formação*.

Eu pude contribuir como chefe de setor, como orientador de estudantes, como professor, em sala de aula, com conhecimento, também (*sobre suas contribuições para o Ensino Profissional no IF Goiano*). Vejo que, como professor, tentei fazer o melhor, levando conhecimento para os estudantes.

Como gestor, já em outra etapa, que já estou há um bom período, também... Como gestor, tentamos sempre buscar a ampliação de oportunidades, com a oferta de mais cursos e verticalização do ensino. Não só cursos técnicos, mas também superiores e pós-graduação. Temos buscado investir em infraestrutura física, tanto em obras, quanto na aquisição de equipamentos e laboratórios. A minha contribuição foi essa: para a formação dos alunos, como professor e também na estruturação de nossos *Campi*.

Houve, também, um aumento significativo de servidores para os nossos *Campi*. Então, aqueles que tinham 30, 20 professores, hoje tem 100 professores. Contribuí, também para esta ampliação, buscando apoio junto ao MEC. Vejo que as nossas instituições cresceram, porque tivemos o apoio do Ministério da Educação. Se não houver investimento, não tiver custeio e não tiver pessoal, como podemos avançar tanto?

Mas temos conseguido até bastante recursos, inclusive extraorçamentários. Isso tem nos ajudado. Ajudei bastante na busca por estes recursos, lógico que em equipe (pró-reitores e diretores).

Um dos grandes desafios foi a transformação, no caso específico de alguns *Campi*, de Escola Agrotécnica para CEFET (*sobre os principais desafios do IF Goiano*). E também para implantar os cursos

superiores, tínhamos uma certa resistência, no seguinte sentido: “Como que uma escola dessas vai ministrar cursos superiores?”. Então, tinha esse desafio, essa quebra de paradigma: “Não, aqui é Colégio Agrícola, aqui é Escola Agrícola, aqui é só curso técnico. Agora, vir curso superior?”

Quando transformou de Escola Agrotécnica para CEFET, tivemos investimento de um programa chamado PROEP, que era um programa para poder estruturar a escola, para transformar em CEFET. E naquele período, eu buscava recursos do PROEP, cuja execução não foi fácil. Percebemos que aquele momento foi crucial para Rio Verde e Urutaí transformar, porque eram os dois que tinham condições. E nessa transformação, iniciou o primeiro curso superior que era Tecnologia em Alimentos. Em Urutaí, também transformaram em CEFET, o diretor era o prof. José Campos. Criaram o Curso Superior de Tecnologia em Irrigação e Drenagem, o que contribuiu para a transformação em CEFET.

Quando transformava em CEFET, mudava, também, de tipologia. Teve mais investimento, mais professores... Houve uma diferença, tanto que o Campus de Rio Verde e o de Urutaí, hoje, em número de servidores, são os dois maiores, por causa dessa transformação. Aqueles, no caso, que não transformaram, ficaram um pouco para trás. No investimento e principalmente, em relação ao número de servidores. E até mesmo, de infraestrutura física, porque os CEFETs conseguiram mais recursos.

Um grande desafio para a Rede foi esta transformação. Eu estava em Rio Verde, na época, como chefe de gabinete, junto com o diretor. Para nós, foi um imenso desafio, transformar de Escola Agrotécnica de Rio Verde para CEFET. Esse foi para mim, um dos momentos mais difíceis. Porque a exigência era muito grande e nós tínhamos que atender aqueles requisitos.

Foto 34: Curso de Processamento de Carnes na EAFRV.



Fonte: IF Goiano – Campus Rio Verde

Até então, nós tínhamos um número de professores reduzido; a parte de cursos técnicos na área agropecuária era bem limitada. Um desafio grande foi a transformação em CEFET desses dois Campus que eu já comentei. Mas depois, só houve mesmo avanços, maior oferta de cursos e a verticalização de fato, com a transformação de CEFET's para Institutos. Aí sim, teve um grande salto (*sobre o desenvolvimento da EPT na história do IF Goiano*).

Com essa transformação, a própria Lei 11.892 já nos comparou às universidades, e nos deu a autonomia de criar, no caso, 50% das nossas vagas em cursos técnicos, 20% em licenciatura e 30% poderia ser adequado, conforme as demandas. Então, foi realmente que a Educação Profissional começou a investir, não só em cursos técnicos, mas também em superiores, na formação de professores, licenciaturas e engenharias, como também na pesquisa. Além disso, houve o envolvimento direto com a pesquisa e com pesquisa aplicada. Vejo a consolidação do tripé: ensino, pesquisa e extensão. Foi nesse momento que, realmente, o IF Goiano consolidou.

Assim, foi criando condições para que pudéssemos sonhar mais alto. Temos algumas instituições que não passaram por esta transformação, são os “os antigos Cefetões”: Cefet de Minas e Cefet do

Rio, permanecem com esta nomenclatura até hoje. Eles pretendem ser Universidades Tecnológicas e não Institutos.

Lá, tinha mais alunos de outra região do que de Rio Verde, por incrível que pareça (*sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrícolas*). Até então, enquanto Colégio Agrícola, ele era visto como reformatórios, vamos dizer assim. Ia aquele filho que estava dando dificuldade, enfim... Até tinha na cidade, uma certa resistência dos filhos das famílias da cidade de Rio Verde para estudarem lá, porque era considerado um ambiente pesado. Mas isso em 1978, eu me lembro muito bem quando eu fui como estudante, o diretor era o José Cimino (diretor-geral). Ele já trabalhava mostrando que a escola, além de dar essa formação integral do cidadão, tinha qualidade.

E com isso, nosso ensino médio que era integrado, começou a ter uma boa avaliação e os nossos alunos, depois, foram se destacando, tanto nas universidades, entrando em cursos superiores, como também na formação, até meso, de políticos. Tem muitos ex-alunos de lá que são políticos. Então, a escola com o passar do tempo, começou a ter uma procura maior pelo pessoal da cidade.

Realmente, com relação ao perfil dos nossos estudantes, tínhamos muitos filhos, às vezes, de fazendeiros, muitos de outros estados. Em 1978, já começou a mesclar um pouco mais. Já havia uma procura maior. Eu pude perceber que quando tinham festas dentro da escola, às vezes, a família não deixava a filha frequentar.

E com esse diretor, começou a ter as festas juninas, a implantar a parte cultural, temas livres, teatro, enfim. E aí, começou a mostrar o nosso trabalho para a cidade e que era uma escola que todos podiam estudar. Então, começou a ter uma procura maior das pessoas da cidade de Rio Verde, mesmo. E o nível deles era um nível... na minha época, era mesclado. Eu avalio, assim, embora não tivéssemos esses números, mas, por exemplo, no quarto que eu morava era bem coletivo, eram em torno de dez, doze pessoas; tinham as beliches e os banheiros eram coletivos. Nesses alojamentos, tinha filho de fazendeiros, filhos de professores e de agricultores que trabalhavam na roça, que era o meu caso. Então, era bem mesclado.

Mas mesmo naquela época que eu fui estudar, já não tinha, praticamente, custo. O aluno ganhava almoço, jantar, refeições, tinha as camas para dormir, alojamentos. O que a gente fazia era limpeza, porque a fazenda era tocada pelos estudantes, pois trabalhávamos em

contrapartida. Fazíamos serviços como lidar com os animais, capinava, serviço braçal.

Agora, da cidade, já era mais de filhos de fazendeiros. Então, era um nível melhor. Então, percebemos que, na minha época, nessa faixa de 78 para... era bem mesclada, essa condição financeira. Tinha gente de boas condições financeiras, como também tinha gente sem condição financeira nenhuma.

Agora, o percentual era bem menor do que o atual, isso eu tenho certeza. Os alunos, naquela época, tinham melhores condições financeiras do que atualmente. Porque nós ampliamos mais a oferta, então houve mais procura. Hoje, é o menos favorecido.

Foto 35: Refeitório em Rio Verde.



Fonte: IF Goiano – Campus Rio Verde.

Eram integradas de certa forma, mais no sentido dos horários de funcionamento (*sobre a integração entre teoria e prática no currículo e no ato pedagógico, durante o período das Escolas Agrícolas*). Eu falo que não era integrado, porque nós tínhamos, por exemplo, um período da manhã; quando a gente fazia a parte de ensino médio, e no período da tarde; as técnicas, que era a fazenda. Então, era dividido, mais ou menos, dessa maneira. Embora existisse aquele trabalho de tentar dar as aulas de Química um pouco voltadas para as questões da

agropecuária. Tinha esse trabalho, mas não com a intensidade que gostaríamos, hoje. Para que realmente, seja integrado: é necessário uma disciplina dialogando com a outra. Isso é algo que temos discutido muito e que nós já estamos avaliando.

Quanto ao currículo integrado, hoje, no IF Goiano, já temos algumas experiências muito positivas. Porque, naquela época, não havia esta integração. Então, em um período eram ministradas as disciplinas do ensino médio; depois, no período da tarde, íamos pra fazenda. Assim, tínhamos aulas teóricas e depois íamos para campo, trabalhar e fazer o serviço, que era cuidar da lavoura e dos animais. Era assim que funcionava.

Até então, tinha a oferta do ensino fundamental (*sobre a transformação das Escolas Agrícolas em Agrotécnicas*). No Ginásio Agrícola, os alunos faziam desde o "primário", nós chamávamos: pré, primeiro, segundo, terceiro e quarto. Então, eles iam para lá ainda crianças. Na verdade, no início pelo menos, o que ouvíamos dizer, estas escolas eram para filhos que, às vezes, o pai não assumia, a família não assumia e eles iam para essas escolas, procurando melhorar. Muitos diziam: "Eu estou fazendo um peão melhorado". Mais ou menos assim. Iam pra lá para poderem estudar, quer dizer, para terem uma oportunidade. Assim, ouvíamos sobre o início da criação dessas escolas.

Naquela época, há mais de cem anos, havia muitos coronéis que tinham os filhos bastardos. Não assumiam e quando assumiam, era em parte, enfim, mandavam para estas escolas para que tivessem uma oportunidade. Mas, no caso exclusivo de Rio Verde, pelo que eu conheço, embora conheci mais no finalzinho de Colégio Agrícola para Escola Agrotécnica, a razão foi: que sendo Escola Agrotécnica, você poderia ter mais oportunidades de oferta de cursos. Ampliar mais os cursos. E isso fez com que o Colégio Agrícola se transformasse em Escola Agrotécnica. Teve esse ganho e assim uma certa autonomia, vamos dizer assim. É dessa forma que foi criada. Foi um degrau a mais que foi atingido.

Até então, a preocupação era só com a parte agrícola... teve também a oportunidade, além desta área, de ampliar as ofertas. Começou a criar corpo. Porém, tinha naquela época um grande fantasma que era passar estas escolas para o Estado e tirar do Governo Federal. Mas foi um ganho quando transformou de Colégio Agrícola de Rio Verde em Escola Agrotécnica, foi um momento muito importante,

falávamos assim: “Não, agora é, Federal! A gente já não é só Colégio Agrícola mais, aqui de Rio Verde. É uma Escola Agrotécnica Federal ligada à antiga COAGRI, ao Governo Federal...”.

Acho que a grande razão foi, exatamente, estar fortalecendo mais a instituição, ligada ao Governo Federal. Porque, até então, tinha um fantasma, um medo de passar para o Estado. Você imagina, porque era considerado ensino fundamental e é obrigação do estado, então... não é isso? Quando transformou em Escola Agrotécnica, tivemos mais tranquilidade, embora a tranquilidade veio mesmo, depois da criação do Instituto.

Porque, até então, quando só tinha ensino médio... embora não podemos esquecer de quando foi transformada em Cefet, já avançou mais, já consolidou. Porque quando se transforma em Centro Federal de Educação, já passa a ser ligado direto ao governo federal, avançou bem. E agora como Instituto, é do governo federal, porque inclusive, tem a oferta de curso superior, que não é obrigação do Estado. Foi, então, um processo histórico de evoluções.

Percebemos que era bem limitada (*sobre a Educação Profissional durante o Regime Militar*). Em relação à legislação (*sobre os desdobramentos da Lei nº 5.692/71 para as instituições de origem do IF Goiano*), nunca fiz essa análise, nunca tive essa preocupação.

Agora, com relação a esse período militar, sabíamos que era bem, no sentido de adestramento, mesmo, de formação: obedece e cumpre. Até tinha aquele espírito de reformatório, mas eu não vejo que foi assim... Você fala assim: “Até 1985 foi ruim, o ensino era ruim? Não.”. Estou falando, no caso, no Campus que eu estudei, não falo pelos outros... Até então, mesmo nesse período, a formação que dava era uma formação de qualidade.

Eu vejo que a educação, quando ela não tem uma contrapartida, uma organização, uma ordem, começa a enfrentar certos problemas que, às vezes, nós enfrentamos atualmente. Até a questão, mesmo, do poder do professor. Então, naquela época, o professor tinha um poder bem maior. Assim como também tinham os abusos. Tinham os abusos, às vezes, o professor também, que quando tomava raiva do aluno, o perseguia. Isso, também... Quer dizer, hoje isso acabou. Então existem os lados positivos e os negativos. Eu acho que é dessa forma.

É lógico que tem que ter um meio termo, eu acho que tem certos valores que foram deixados um pouco; certa autonomia que o professor tinha, principalmente a parte de relação professor-aluno, perdeu muito.

Eu penso que com essa liberdade, com essa transformação, essa linha acaba perdendo muito, porque entendo que o respeito cabe em todo lugar. Em momento algum, eu acho que democracia é ter direito de gritar com qualquer um. Não pode, nem professor com aluno, nem aluno com o professor. O respeito tem que ser de ambas as partes.

E naquela época, geralmente, quem gritava mais era o professor e o aluno ficava mais acomodado. Hoje, mudou muito. Eu penso que a relação professor-aluno tem que avançar. Acredito que na época do regime militar, a educação era bem mais rígida. Destaco o apoio dos pais, se o aluno chegassem reclamando do professor, ele era punido pelo pai, também, mesmo o aluno estando certo.

Mas, ao mesmo tempo, acho que liberou muito. Não em nível de IF Goiano. Porque eu entendo que no IF Goiano ainda existe esse respeito, mas já perdeu um pouco. Penso que o professor já perdeu muito poder, em sala de aula. Então, entendo que isso tem que ser resgatado. Mas tem que ter um equilíbrio nessa ordem: tem que prevalecer a ordem e o respeito, em qualquer ambiente.

E às vezes, essa nova legislação, dá muita abertura. Hoje, o aluno tem direito, não pode reprovar, não pode isso, não pode aquilo, se não aprovar é falha do professor, mas será que é mesmo? Será que o professor está exigindo um pouco mais, não é para poder fazer o aluno ir além? O professor pode, depois, na reunião de Conselho de Classe, tranquilamente, avaliar a parte qualitativa daquele estudante. Ele reprovou na nota, mas ele pode ver: “Não, ele tem qualidade, ele vai...”, enfim. Eu acho que nessa parte, os pedagogos, eu também sou pedagogo, tem muita coisa a ser construída.

Eu acredito que o próprio IF Goiano tem trabalhado para isso, para avançar nessa parte. Principalmente, essa relação professor-aluno tem que avançar muito e eu vejo que nós perdemos um pouco. Acredito que com esse trabalho do currículo integrado, com os professores juntos, acho que vai ser uma saída para amenizar. Até mesmo, essa questão do currículo. A gente percebe que o nosso currículo, às vezes, é muito pesado. Então, o número de evasão é alto, o aluno acaba desistindo.

Talvez, com essa nova legislação, com essa mudança que está tendo, eu acredito que o trabalho que está fazendo a pró-reitoria de ensino, junto com os diretores de ensino, vai avançar bem nessa parte. Portanto, realmente, a legislação deu liberdade, mas às vezes não está sendo trabalhada como se deve. Nós percebemos que tem certas coisas que acontecem que a gente assusta. No sentido de ver que o aluno, às vezes, não tá sendo cobrado, ou está sendo cobrado ao mesmo tempo

em que ele está sendo é pressionado, aí vem o lado psicológico, vem família, interfere. Estou falando da educação, de forma geral. Agora, no caso do IF Goiano, até hoje, percebe-se que o trabalho feito junto com os pais, sempre tem dado resultado positivo.

Hoje, eu vejo que os nossos alunos, com os nossos professores, no geral, têm uma boa relação. Mas, mesmo assim, nós temos que avançar e, então, vejo que a legislação tem que nos ajudar e definir bem esses papéis.

Foto 36: Antiga Portaria da EAFRV.



Fonte: IF Goiano – Campus Rio Verde.

O sistema Escola-Fazenda é aquele modelo em que o aluno aprende fazendo; ele tem que fazer (*sobre o Sistema Escola-Fazenda*). É aquele aluno que vivência as práticas do dia a dia de uma fazenda. Por exemplo, se aluno estudou, hoje, como fazer uma ordenha, ele aprendeu na teoria e o professor explicou todos os cuidados, toda essa parte; os conceitos científicos, depois ele vai para a prática.

Então, a Escola Fazenda é o aluno aprender a prática junto com a teoria. Ele vai fazer aquela prática; vai para o setor, hoje nós perdemos muito isso. Esse é um dos pontos que, até hoje, dá uma interpretação equivocada... porque o professor fala: "Ah, a gente não pode pôr o aluno para trabalhar." Pode, desde que seja acompanhado pelo professor, em uma aula prática. Então, o aluno pode capinar, sim. Desde que seja mostrando para ele: "Olha, é uma coroa que tá fazendo

no pé de laranja. Porque que está fazendo aquela coroa? Porque que ele está com a enxada?". Aí, o professor tem que estar acompanhando o tempo todo.

O que não pode é como antes... porque na época que eu estudava, colocava o aluno no campo e diziam: "Você vai fazer isso aí. Você vai capinar, capinar suado, trabalhando igual peão." A nova legislação, acabou com isso, achei positivo, só que aí foi extremista: já que o aluno não pode trabalhar no campo, não pode fazer nada. Então, houve essa interpretação, porque é mais cômodo, também, para o professor, ele ir lá, só fazer uma aula demonstrativa e pronto. Você tem uma turma de 30 alunos, imagina 30 alunos daqueles fazendo duas coroas, cada um. Um dia na fazenda, o peão não vai estar fazendo? Se o peão não sabe fazer, ele não vai ter que orientar? Como vai saber orientar, se ele não sabe fazer?

Isso é um dos pontos que nós perdemos e é uma crítica que nós recebemos das empresas. Às vezes, comentam que nossos alunos terminam o curso técnico (estou falando mais, voltado para a Fazenda; o antigo nosso, que era o de Agropecuária) e chega lá na fazenda, ele não sabe fazer aquele procedimento direito, nem sabe mandar, porque não sabe fazer.

O aluno está praticando aquilo que aprendeu na teoria, com aulas; fazendo o trabalho, o exercício mesmo. Não é com a exploração humana, até mesmo porque isto não é permitido. Principalmente, os nossos alunos, porque eles são... boa parte dos alunos que faz o técnico integrado médio é de menores. Então, a legislação, não permite.

Esses dias mesmo, eu estava assistindo a um programa e vendo que o menino começou a trabalhar com oito anos e como aquilo foi bom na vida dele. Aprendeu a trabalhar e ele estava falando dessa importância. Até teve questionamentos: "Será que é exploração, você pegar um menino de 12 anos, 13 anos e ensinar ele a trabalhar? Ele tá envolvido no serviço? Até que ponto?". Eu acho que tudo, quando é exagerado, sim. Mas se for uma coisa para o aluno aprender, ir lá, fazer a prática, ficar lá umas duas horas fazendo aquele trabalho... Isso se perdeu. Isso é reivindicado até hoje. Perdeu, mas pode voltar. É o que eu digo: tem professores que já estão nessa metodologia, mas eles acompanham o trabalho. Aí faz aquela atividade.

Porque também existia exploração, mesmo. Porque o aluno era feito de peão. Tinha dia mesmo que a gente trabalhava o dia inteiro de sol a sol, fim de semana, tinha rodízio nas férias, que era só para manter a fazenda limpa. Mas o caboclo saía de lá sabendo. Se botasse uma fazenda na mão dele, ele dava conta de tocar, mas era uma exploração,

mesmo... eu me lembro mesmo, na minha época, a primeira lavoura de café, eu fiquei 20 dias de sol a sol para terminar aquela tarefa, para eu entrar de férias. Sem ninguém lá, dava o serviço e diziam: "Faz assim...". Depois, iam só fiscalizar: "Tá feito? Tá, então tá beleza, cumpriu, pode ir embora." Isso aí, também, já estava em exagero.

Mas não dar prática para os alunos, também, é complicado. É o quê as empresas querem; a fazenda quer contratar um Técnico em Agropecuária que saiba fazer, que saiba mandar. E aí, quando botava nos setores, a gente aprendia porque a gente ficava responsável no final de semana, também. No final de semana, tínhamos que ir para ficar; se tinha um parto de porcos, você tinha que dormir lá, enquanto não acontecesse o parto. Então, existia o lado positivo. Mas são coisas que acontecem mesmo.

Eu acho que nessa Fazenda, o técnico tem que fazer, mesmo. Ele tem que fazer a prática para aprender. Então o perfil da Escola-Fazenda é isso: trabalhar com a prática, pôr a mão na massa.

Foto 37: Dia de Campo na EAFRV.



Fonte: Arquivo do IF Goiano – Campus Rio Verde.

A COAGRI foi o pai que precisava para as Escolas Agrotécnicas. Ela abraçou, era uma coordenação que cuidava dessa parte agrícola, das Escolas Agrícolas. Ficava em Brasília, na época, se não me engano, o doutor Lamounier que era o chefe da COAGRI. Era ligada, se não me

engano, ao Ministério da Agricultura, ainda, não lembro bem essa parte... depois foi para o MEC. Então, começou a vir mais recurso, ter mais qualidade, as obras, vir mais construções...

Portanto, isso só veio trazer crescimento, dentro da escola. E naquela época, as escolas que produziam eram quase que autossustentáveis. Por quê? Tinham refeitório, alojamento... e eram mantidos por essas produções. Então, a gente acabava mantendo a escola com essa produção, boa parte. E o que, praticamente, pagava eram os salários dos professores, dos servidores... Nós não tínhamos o orçamento que temos hoje. Esse orçamento que vem, hoje, praticamente não existia. Às vezes vinha um extra, mas pouco. E vinha para pagar energia, essas coisas assim. Mas boa parte era mantida pelos próprios estudantes. Produzíamos o arroz, o feijão, a carne, as frutas, verduras... tudo tirado da fazenda.

A COAGRI veio para poder estar vendo: "Aqui, para crescer, precisa de mais um pouquinho...". Com a criação da COAGRI, ela foi a mãe que recebeu as escolas, no sentido de investir para poder crescer. A COAGRI foi muito importante para a consolidação dessas Escolas Agrotécnicas. Porque, senão poderia chegar num ponto que não dava mais, acabaria e ponto. Fecharia, por quê? Porque não teriam mais professores ou não teria mais a sala de aula ou um laboratório que precisasse. Então a COAGRI abraçou e defendeu com muita força essas escolas.

Esse decreto que veio em 1997, até foi uma das condições para ter investimento (*sobre o Decreto nº 2.208/97 e seus impactos*). Eu me lembro disso, veio de cima para baixo, mesmo. Algumas escolas adotaram; encerrou com o ensino médio integrado. O exemplo que nós temos é o Campus Rio Verde. Neste Campus não tem o ensino médio integrado. Aí você me pergunta: "O quê que foi bom e o quê que foi ruim?". Olha, se você avaliar o Campus Rio Verde, hoje, a evolução que ele teve (porque, naquela época, ele atendeu, acabou com o ensino médio, hoje não tem mesmo). Teve já o Campus Ceres que fez a mesma coisa; também eliminou o ensino médio. Só que o quê que aconteceu? Rio Verde: sempre as vagas estavam sendo ocupadas, preenchidas, mesmo não tendo ensino médio. Campus Ceres: não aconteceu isso. Começou a não preencher, não tinha procura. E aí, chegou ao ponto da direção ter que voltar com o ensino integrado, porque caso contrário, não teriam alunos. Então, voltou a oferta do ensino médio integrado.

Se você for pensar no Campus Rio Verde, hoje, com a verticalização e com professores investidos nos cursos superiores, embora eles respeitem os 50% das matrículas dos cursos técnicos (porque cada Campus tem que estar com 50% de técnicos), Rio Verde não viu necessidade de voltar. E hoje, se você perguntar o diretor de lá, ele fala: “Não.” Mas, até hoje, ainda existe, internamente, uma corrente que fala: “Tem que voltar o integrado, aqui.”.

Porque, daqui a pouco, nós não vamos ter cursos técnicos, vamos ter só cursos superiores. Porque não vai preencher nossas vagas. Então, isso aí é uma questão, que eu acredito que com o passar do tempo... aí já vou dar minha opinião... eu acho de extrema importância o ensino integrado, mesmo que o Campus oferte menos cursos técnicos e passe a ter o integrado. Acho que o integrado, além do ensino médio ser de qualidade, muito forte... esse aluno vai ter amanhã uma formação muito maior e, futuramente, pode ser nosso estudante no curso superior. Ele dá uma formação geral muito intensa para aquele jovem. E quando o aluno só vai cursar técnico, ele não tem essa vivência de três anos de um aluno do integrado. Essa vivência, com os nossos professores faz uma diferença enorme na vida dele. Pois um curso integrado é de três anos e quando é ofertado somente o técnico, ele pode concluir em um ano.

Ofertamos tanto o integrado quanto o curso técnico na mesma área, como exemplo podemos citar o curso de agropecuária. Veja, só com o curso técnico... lá preenche as vagas. Mas Rio Verde é uma cidade que tem mais de 200 mil habitantes; a realidade é outra. Então, sempre vai preencher as vagas. Já numa cidade menor, igual à Urutaí, se acabar com o integrado, vai ser ruim. Mas, sinceramente, na minha avaliação, não foi positivo acabar o ensino integrado. Minha avaliação é: mesmo em Rio Verde, eu sou favorável que tenha o integrado, pois com essa formação a oportunidade aumenta para esse estudante. Principalmente, porque ele fez ensino médio, lá. Eu acho que é uma grande oportunidade que o aluno terá de ter um ensino médio de qualidade. E que aquele Campus que não está ofertando, vai deixar de oferecer para aquela região, essa parte.

Embora, Rio Verde tenha escolas boas, tem lá a Coopen, mas, mesmo assim, que não seja uma oferta tão grande, como Urutaí, mas que lá, tenha essa oferta. Então, eu acho que esse decreto (*Decreto nº 2.208/97*) não foi positivo, interferiu em um ensino que estava dando muito certo.

Das Agrotécnicas (sobre o perfil socioeconômico e cultural dos alunos das Escolas Agrotécnicas) era mais ou menos misto, porque a oferta não era tão grande. Era muito limitada. Por exemplo, nas escolas Agrotécnicas era só curso... era Agropecuária, depois começou a ter Agricultura, Zootecnia. Eram esses cursos, não tinham outros. E boa parte dessas vagas era ocupada por meninos. Meninas, poucas. Até porque tinha aquela questão mesmo da presença feminina nas fazendas; elas não mexerem. Então, contratavam eram os homens. Boa parte era. Embora, quando eu fui estudar, na minha turma mesmo, já tinham algumas meninas. Acho que eram quatro ou cinco, numa turma de quase 200 alunos. Porque as turmas começam grandes, de 40 alunos. Quando eu formei eram 113, mas entravam quase 200, porque vai reprovando, vai ficando para trás.

Mas então, a gente percebe que essa questão do nível deles, econômico era mais ou menos, meio a meio, eu acredito. Eu não tenho esses dados para falar, mas era muito filho de fazendeiro, ainda, era aquele que ia trabalhar na fazenda, ou aquele filho de agricultor, ou aquele filho de peão que o pai sabia que tinha a escola, aquele que mexia na lavoura, que foi o meu caso de ir para lá. De outros estados, existiam muitos.

Depois que foi aumentando o número de professores, começou a vir um pouquinho mais, assim começou a mostrar para a sociedade a importância que tinha, já começou a ficar um pouco mais procurada pelas cidades locais (no caso eu estou falando de Rio Verde e nas outras, eu acredito que não era diferente), por pessoas da cidade, aí sim, começou a atender um maior número. Mas, desde o início, o nível socioeconômico dos nossos alunos sempre foi baixo, no geral. Mesmo no início, não era tanto, porque às vezes tinha o pai ou aquele responsável, que tinha uma situação melhor. Principalmente, os que vinham de outros estados. Mas, no geral, eram considerados alunos que tinham condição financeira, família, ainda pequena, baixa.

Então eu acredito que no Colégio Agrícola e Escola Agrotécnica eram mais ou menos iguais, o nível. Eu acho que mudou foi mesmo, agora como Instituto, agora sim, mudou bastante. Porque já tem pesquisa, se não me engano, a renda deu: mais de 70% ganha um salário ou dois. Mas você vê que é bem mais pobre hoje, por quê? Porque os nossos alunos estão no interior.

O PROEP... (sobre as contribuições do PROEP) contribuiu para a capacitação; na época, a gente tinha que capacitar todo mundo, era

importante. E também para investimento; construções. O que foi um passo para podermos transformar em CEFET. A importância maior dele se resume em: transformação de Escola Agrotécnica para CEFET. Quem aderiu ao PROEP e conseguiu executar, com todas as dificuldades, transformou... foi a maioria. Quem não aderiu, ficou como estava... boa parte.

No caso do IF Goiano, dessas que transformaram, que foi, no caso, Urutaí e Rio Verde, o grande benefício do PROEP, na minha avaliação, foi a transformação de Escolas Agrotécnicas em CEFET. Porque aí, houve um investimento para a melhoria das estruturas e capacitação dos servidores. Então, o ganho maior foi esse, da transformação mesmo, na minha avaliação.

Foto 38: Servidores da EA FRV.



Fonte: IF Goiano – Campus Rio Verde.

Só sei que foi uma força do Estado (*a criação da UNED Morrinhos*), Praticamente, o Estado mantinha quase 100% dos servidores. Urutaí ficava dando só o suporte, mesmo. Urutaí começou a ter mais produção, porque o que produzia em Morrinhos ia para a fonte, lá de Urutaí... Como era ligada a Urutaí, toda a produção de Morrinhos era contabilizada para Urutaí; era mais dinheiro que entrava para a sede. E com isso, você tinha uma produção ainda maior (*sobre a*

importância da UNED Morrinhos para Urutaí). Um dos grandes ganhos naquela época era que a escola que produzia mais era considerada uma das melhores. Quanto mais produção, melhor. Então, para Urutaí, foi vantajoso, pois aumentou a produção.

Agora, para o IF Goiano, o grande ganho é que criou um Campus que, hoje, faz parte da instituição. Então, com a criação dessa unidade, ela foi crescendo e criando corpo. Urutaí começou a disponibilizar servidores para lá, por causa da demanda.

Então a importância de Morrinhos para Urutaí é que tinha mais produção, tinha mais trabalho, mas também, tinha mais preocupação para o diretor, porque era um desafio. Não tinham servidores e não tinham recursos. Então quem mantinha isso? O Estado. Mas o Estado também, sabemos, que nunca teve essas condições. Então, realmente, foi mais trabalho, apesar de que tinha produção de lá, mas para o diretor, foi muito mais trabalho. E por um lado, muito positivo, porque hoje é um Campus. Se não tivessem iniciado como unidade, não teria a escola que tem, hoje.

Uma das causas foi essa que eu mencionei (*sobre a não transformação da Escola Agrotécnica Federal de Ceres em CEFET*). Naquela época, era uma escola nova, não contava com as estruturas que tinha em Urutaí e em Rio Verde. Tinha um corpo de professores menor... não aderiram ao PROEP... Então, tudo isso fez diferença... Porque para transformar, teria que ter condições de ter um curso superior de tecnologia. Então, naquela época, como a escola ainda era nova... não foi possível. Quais as escolas do Estado que transformaram? Foram a Escola Técnica, aqui de Goiânia, que transformou em CEFET, pela estrutura que ela tinha, que ela é do outro Instituto e no caso específico do IF Goiano, foram o Campus Urutaí e Rio Verde, que contavam com estruturas melhores. Com investimento do PROEP, veio consolidar as condições para a transformação.

Então, acredito que Ceres não conseguiu, uma das grandes questões, foi também ter uma equipe, ainda, pequena em uma escola nova; não teve o investimento do PROEP para preparar para a transformação. Na minha avaliação, foi estes fatores, pode ser que tenham outras razões. Nem chegaram a fazer o projeto para transformar. Este projeto era exigido mas Ceres nem chegou a fazê-lo.

Mudamos de patamar (*sobre o impacto da “cefetização” para a estrutura e o ensino das instituições*). Com essa transformação em Cefet, nós já poderíamos trabalhar com cursos superiores. Esse, para mim, foi o maior ganho. Criamos o primeiro curso, no caso, que eu já mencionei, em Rio Verde foi Tecnologia em Alimentos e em Urutaí foi Tecnologia em Irrigação e Drenagem.

O grande impacto que teve foi a questão de podermos atuar em cursos superiores. Para mim, isso foi o maior ponto forte. E, com isso ter mais orçamento que, também, fez a diferença. Outro ponto importante: mais servidores. Isso é que fez uma grande mudança; o impacto. E com isso, oferta de mais cursos. Então, se não tivesse transformado, nós não teríamos ofertado os cursos que estávamos ofertando, principalmente, os superiores.

Essa volta (*sobre o Decreto nº 5.154/04 e seus impactos*) para nós, só fez legalizar aquilo que já estavam fazendo mesmo. Porque teve Campus que não acabou (*com o curso técnico integrado ao ensino médio*). Em momento algum, nós deixamos... Nós não atendemos, no caso, eu estou falando nós, o IF Goiano. Porque teve um Campus que atendeu, na época, Rio Verde. Que até hoje não voltou. Portanto, Rio Verde, ainda, continua não atendendo o integrado.

Então, hoje, o IF Goiano nunca finalizou esse ensino integrado. Houve momentos, já, que teve Campus que suspendeu e voltou, mesmo com o Decreto estando em validade. Por quê? Porque senão fechava a escola. No caso de Rio Verde, não. Rio Verde ainda mantém, por quê? Porque lá ainda são preenchidas todas as vagas. Ele não vê essa necessidade de voltar o ensino integrado.

No caso, o Campus Rio Verde é exceção dos nossos 12 *Campi*. Inclusive, até os campus avançados ofertam, também, o integrado. Porque é questão de permanência do estudante. Porque quando o curso é integrado, a permanência do estudante é muito maior. O envolvimento dele é muito maior; ele fica lá os dois períodos. Ele tem ensino médio que ele sabe que ele precisa terminar, enquanto que nos cursos técnicos, a evasão até aumenta (quando é só técnico, quando não é integrado). Por quê? Porque o nosso aluno, na primeira dificuldade, ele está indo para outro... ele tá fazendo ensino médio no Estado, não vai atrapalhar a vida acadêmica dele.

Por isso que eu te falo da importância, agora, de permanecer... Eu acho muito importante o integrado para a formação. Então para nós, é positivo o integrado. Eu vejo que é a melhor modalidade.

Foto 39: Aluno junto a antiga portaria do Campus Rio Verde.



Fonte: Arquivo do IF Goiano – Campus Rio Verde.

(Sobre a classe social dos alunos dos CEFET'S). Nossas escolas, principalmente como Cefet, Escola Agrotécnica, já estavam mais consolidada. Eu vou falar, específico, de Rio Verde porque eu estava lá. A sociedade já estava reconhecendo a qualidade do ensino que a escola tinha. Então, igual eu já comentei, a partir de 1978, ela foi só evoluindo, qualidade, qualidade... Portanto, na década de 80 e 90, a maior parte dos estudantes de Rio Verde davam prioridade para passar no processo seletivo da nossa escola. Quem não passava lá, ia para outra escola. A maior parte, já via a escola como uma referência de bom ensino médio. A procura aumentou muito.

Então, já inverteu, não era mais ocupada por boa parte de pessoas de outro estado ou de outras cidades, era ocupada mais pelos rio-verdenses. Houve uma inversão nessa história. Isso foi exatamente pela qualidade que tinha. A questão financeira dos nossos estudantes, na época da transformação de Escola Agrotécnica para CEFET, já era bem mista, continuava também atendendo a classe de baixo poder aquisitivo. Mas a gente percebia que também tinha aluno de famílias com mais condições. Diziam: “Não, esse cara é filho de fazendeiro, não precisa de morar aqui”. Às vezes, vinham de outra cidade.

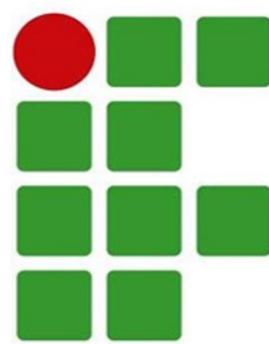
Já nessa época, pela limitação de vagas, acabavam sendo aprovados aqueles que estudavam numa melhor escola. Porque havia uma seleção muito acirrada; a procura era alta. E nessa seleção passavam aqueles que tinham ensino fundamental melhor. Então, vinham aqueles alunos com condições financeiras um pouco melhor. E por quê? Porque a oferta era muito aquém da demanda; era mínima. Eram consideradas, assim, pouquíssimas vagas, pela demanda que existia. Com a transformação de CEFET para Instituto, é que inverteu isso.

Mas, hoje, a maioria dos nossos alunos é de classe menos favorecida e que precisam dessas escolas. Para começar, o interior já é mais pobre, como no nordeste goiano que temos o campi Posse e Campos Belos. Alunos que precisam, mesmo. Se não tivesse aquele campus, ele faria o ensino médio e acabou. Em Iporá também. Portanto, eu vejo que as condições financeiras, hoje, dos nossos estudantes, com a ampliação que houve, ela realmente tem uma inclusão muito importante dos menos favorecidos.

Agora, o que eu vejo de Escola Agrotécnica para CEFET, ainda existia também, muito pobre que ia para o internato. Assim, como tinha aquele também, que tinha um carro, o pai era um fazendeiro... esse estava lá, também. Só que o número desses pobres era bem menor, quando já estava na época da transformação. Pela qualidade do nosso ensino médio, a classe maior já estava procurando. Porque tinha filho de médico que estudava lá. Ficou uma escola como sendo referência. Realmente, o ensino era muito bom. Era, porque agora não tem integrado mais ao ensino médio, em Rio Verde.

E nos demais, eu vejo que Urutai continua o ensino médio, Ceres, Morrinhos... Em todos os outros campi tem o ensino integrado, menos no Campus Rio Verde. Alguém pode perguntar: "Foi decisão sua? Você está reitor? Porque você não implantou?". É uma questão de opções. Porque damos autonomia para os diretores, porque eles também são eleitos. E aí, às vezes, você fala na prioridade de estar ofertando uma pós-graduação na área da Agronomia... "Eu vou preferir investir na Agronomia do que voltar o ensino médio..." Porque o aluno nosso, que faz o Técnico em Agropecuária, ele faz Agronomia, ele faz o mestrado, e ele faz o doutorado aqui. Eles acham mais interessante. Também não estão errados. E com essa limitação, que nunca tem o número de pessoas suficientes, acham que para eles, agora, não dá mais, a não ser que mude a tipologia para mais professores, para poderem voltar com o ensino médio. Enfim, acham que para eles, nesse momento, não é possível.

Mas o nível dos nossos estudantes era intermediário até o CEFET... No geral, nossos alunos nunca foram considerados, na maioria, ricos. São de classe média para baixo.



**INSTITUTO
FEDERAL**
Goiano

PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA